

UNIVERSIDADE **LaSalle**

ADRIANA APARECIDA FELINI

ROTA DOS BUTIAZAIS: RELACIONANDO MEMÓRIA, PAISAGEM E CONEXÃO DE PESSOAS



CANOAS, 2023

ADRIANA APARECIDA FELINI

**ROTA DOS BUTIAZAIS:
RELACIONANDO MEMÓRIA, PAISAGEM E CONEXÃO DE PESSOAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Bens Culturais da Universidade La Salle, como requisito para obtenção do título de Doutora em Memória Social e Bens Culturais. Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Identidade

Orientação: Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

CANOAS, 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F315r Felini, Adriana Aparecida.

Rota dos butiazais [manuscrito]: relacionando memória, paisagem e conexão de pessoas / Adriana Aparecida Felini. – 2023.

145 f.: il.; 30 cm.

Tese (doutorado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2023.

“Orientação: Prof^ª. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin”.

1. Memória – Ambiente. 2. Memória – Paisagem. 3. História oral.
4. Rota dos butiazais. I. Graebin, Cleusa Maria Gomes. II. Título.

CDU: 316.7

Bibliotecário responsável: Lucas de Oliveira Santos - CRB 10/2839

ADRIANA APARECIDA FELINI

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do título de doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Daniel Luciano Gevehr
Faculdades Integradas de Taquara/RS - FACCAT

Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli
Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)

Profa. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan
Universidade La Salle, Canoas/RS

Profa. Dra. Rute Henrique da Silva Ferreira
Universidade La Salle, Canoas/RS

Profa. Dra. Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin
Orientadora e Presidenta da Banca - Universidade La Salle, Canoas/RS

Área de Concentração: Estudos em Memória Social

Curso: Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 8 de dezembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Eu não poderia começar os meus agradecimentos sem uma citação de Halbwachs que expressa de forma cristalina o momento em que nos envolvemos numa pesquisa: “Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias e ela relativas permaneçam obscuras para nós” (HALBWACHS, 2003), ou seja, de forma alguma conseguimos construir sozinhos um Trabalho de Conclusão de Curso, Dissertação, Tese ou qualquer outra construção, acadêmica ou não.

Um trabalho assim envolve pessoas, instituições, que nos ajudam a elaborar e muitas vezes sequer percebem o tanto que estão nos auxiliando, assim como a memória é coletiva, o trabalho de pesquisa também o é. Ainda utilizando Halbwachs (2003) muitas vezes pensamos que somos detentores das melhores ideias, que nossas reflexões são as mais inspiradoras, no entanto, essas ideias e reflexões são inspiradas pelo nosso grupo: parentes, amigos, família e principalmente os professores que estão conosco dia a dia nessa longa e árdua jornada.

Acredito que eu tenho o dever de decompor essas pessoas que me ancoraram no período do Doutorado. Cada uma dessas pessoas fez algo por mim, não poderei citar todas, mas há um grupo, parafraseando Halbwachs, um grupo afetivo que mesmo que nossos sentimentos sejam “desigualmente partilhados” estarão sempre em minhas lembranças ou recordações.

Agradecer é uma arte. Só o faz, verdadeiramente, quem vê, sente e vive a vida como um presente, uma possibilidade. Agradecer é a capacidade de reconhecer a importância do outro na sua vida. Reduzimo-nos a nada sem a presença do outro em nosso cotidiano. Pare e pense: o que seria do seu dia sem a convivência direta e indireta com outras pessoas? Vivemos em permanente interdependência. Para a minha existência o outro se torna uma exigência. (JEAN-FRANÇOIS MILLET, 1814-1875).

Agradeço ao meu marido, pelo amor incondicional, pelo esforço em patrocinar todos os meus sonhos, pela paciência para suportar meus momentos de ausência para estudar, escrever, viajar para pesquisas de campo, participações em eventos e apresentações de trabalhos. Francisco, meu marido, meu amor, meu realizador de sonhos, somente contigo estou completa. Aos meus filhos, Fagner, Felipe e, em

especial, à minha filha Rafaela que me ajudou com leituras, correções ortográficas e também traduções.

Ao meu genro Cassiano, pela ajuda em tudo, desde configurações no computador, instalação de impressora, formatações e em todo e qualquer conserto eletrônico. Obrigada, também, por nos emprestar notebook e fones de ouvidos para transcrições de entrevistas.

Agradeço aos meus pais *in memoriam*, pela vida e por vocês terem sido pais maravilhosos. Mas poderiam ter ficado mais tempo aqui na terra conosco, não é?

Sandra Simone Graciano, a essa amiga e comadre eu devo muitos agradecimentos, transcreveu entrevistas, apoiou-me nos momentos em que achei que iria surtar e ela sempre disponível para mim, não há melhor ombro amigo. Tu, Sandrinha, faz parte do meu grupo afetivo e acredito que nossos sentimentos sejam partilhados igualmente.

Agradeço à professora e musa inspiradora Hilaine Gregis que, na disciplina de Estudo do Texto do Curso de Letras do La Salle, despertou-me para a produção textual. E sempre me apoia, achando que sou capaz de tudo. A alguns professores do Doutorado eu agradeço, desde o Mestrado, pelas palavras que mudaram meu modo de ver e de pensar academicamente, como o professor Moisés Waismann, pelos comentários em apresentações de trabalhos que contribuíram para o meu crescimento enquanto pesquisadora. À professora Judite Sanson, que me fez ver o Mestrado e o Doutorado não é para os fracos, essa professora me ensinou a pensar, literalmente. Professora Patrícia, obrigada por sempre nos ajudar no que pode e no que não pode. Obrigada por nos brindar sempre com um sorriso gentil, a senhora não imagina como isso nos faz bem.

Agradeço aos meus queridos tios Jorge (*in memoriam*, o perdemos em 2022) e Orilde pela acolhida, pelas estadias, almoços muito gostosos, atenção, amor, carinho e muito apoio para com o meu trabalho quando vou ao município de Giruá para seminários da Rota dos Butiazais, pesquisas de campo e entrevistas. Também agradeço aos meus de Giruá: Diego e Vânia; Tiago e Valdi pelo apoio.

Minhas amadas irmãs, fonte da minha força e amor, Morgana e Fabiana, obrigada por tudo. Obrigada aos meus sobrinhos, Vincent, Mariana e Eduarda pelo apoio, e também aos meus cunhados Jachi e Alessandro.

Muito obrigada a todos meus entrevistados, que fizeram com que essa tese fosse possível.

À Silvia Soares, muito obrigada pelas tardes em que trabalhamos juntas na tese, obrigada pela correção, pelo apoio, por tudo.

À professora Rosa Lia Barbieri por estar sempre disponível para tratarmos sobre a Rota dos Butiazais. Muito obrigada por me fornecer subsídios para construir esse trabalho.

À minha orientadora, professora Cleusa Graebin. Obrigada por me aceitar como orientanda, pela paciência, sabedoria. Obrigada por tudo.

Agradeço a Capes e a Universidade La Salle por tornar o sonho do Doutorado possível.

Agradeço a Deus, pois Ele representa a força e a luz a me guiar em minhas trajetórias.

*O ventre vermelho tupi-guarani
Guardou as sementes de um sonho guri
Que desabrochou e veio me dizer
Que a liberdade cheira a butiá.
Os piás pelas ruas calmas de Giruá
São índios meninos cheirando a butiá
E atiram castanhas
Sementes de sonhos que hão de vingar.*

(Poesia: Cecília Maicá. Música: Roberto Carlos Salas. Intérprete: Aureo Maicá.)

RESUMO

Esta tese insere-se no campo de estudos em memória social, na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade. Versa sobre a Rota dos Butiazais e busca responder as seguintes questões: Quais são as memórias de proprietários de butiazais, extrativistas e pesquisadores envolvidos na organização da Rota? Associadas à esta questão inclui: Quais as suas percepções sobre a Rota dos Butiazais? Como se dá, o manejo e a exploração dos butiazais? Para responder a essas questões, tenho por objetivo geral compreender, a partir de trabalho de memória, a criação, organização e manutenção da Rota dos Butiazais. De forma específica, busquei: identificar as circunstâncias socioculturais, econômicas e históricas que favoreceram a sua criação e decisão pelos butiazais que a compõem; analisar o seu sentido para pesquisadores, proprietários de butiazais e/ou extrativistas e verificar de que forma ocorre a sua participação na Rota. Para tanto, trabalhei com conceitos de memória individual e coletiva, bem cultural, paisagem da memória. Saliento que, embora a Rota dos Butiazais abranja outros países, o escopo do estudo restringe-se ao âmbito do estado do Rio Grande do Sul, especificamente aos butiazais dos municípios de Giruá, Tapes, e Santa Vitória do Palmar. O recorte temporal aqui estudado, abrange um período de 8 anos de existência da Rota dos Butiazais, tendo em vista a sua criação em 2015 até o ano de 2023. A metodologia utilizada para responder aos questionamentos foi a da história oral, com abordagem qualitativa e descritiva. Considerando que foi definida pelo governo do RS como rota turística de valorização da biodiversidade associada aos butiazais e butiás no Rio Grande do Sul, no Uruguai e na Argentina, a hipótese defendida é a de que a Rota dos Butiazais possui outros aspectos culturais que a permitiriam outros enquadramentos além de rota turística. A tese defendida é que se trata de uma rota que envolve pessoas preocupadas na preservação dos butiazais, que compartilham memórias construídas em torno dos saberes e fazeres relacionados ao butiá e aos butiazeiros, bem como do seu papel nos ecossistemas locais no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Memória e Ambiente; Memória e Paisagem; História Oral; Rota dos Butiazais.

ABSTRACT

This thesis is part of the field of social memory studies, in the Memory, Culture and Identity Research Line. It is about the Butiazais Route and seeks to answer the following questions: What are the memories of butiazal owners, extractivists and researchers involved in organizing the Route? Associated with this question I include: What are their perceptions of the Butiazais Route? How are the butiazais managed and exploited? To answer these questions, my general objective is to understand, based on memory work, the creation, organization and maintenance of the Rota dos Butiazais. Specifically, I sought to: identify the socio-cultural, economic and historical circumstances that favored its creation and the decision by the butiazais that make it up; analyze its meaning for researchers, butiazais owners and/or extractivists; and verify how they participate in the Route. To do this, I worked with the concepts of individual and collective memory, cultural property and the landscape of memory. Although the Butiazais Route covers other countries, the scope of the study is restricted to the state of Rio Grande do Sul, specifically the butiazais in the municipalities of Giruá, Tapes and Santa Vitória do Palmar. The time frame studied here covers an eight-year period of existence of the Butiazais Route, from its creation in 2015 to 2023. The methodology used to answer the questions was oral history, with a qualitative and descriptive approach. Considering that it was defined by the government of Rio Grande do Sul as a tourist route for the enhancement of the biodiversity associated with butiazais and butiás in Rio Grande do Sul, Uruguay and Argentina, the hypothesis defended is that the Butiazais Route has other cultural aspects that would allow it to be other frameworks besides the tourist route. The thesis defended is that it is a route that involves people concerned with the preservation of the butiazais, who share memories built around the knowledge and practices related to the butiá and the butiazeiros, as well as their role in the local ecosystems in Rio Grande do Sul.

Keywords: Memory and Environment; Memory and Landscape; Oral History; Butiazais Route.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Rota dos Butiazais.....	15
Figura 2 –Mapa com a localização de Giruá, Tapes e Santa Vitória do Palmar.....	16
Quadro 1 – Considerações sobre os Butiazais de Tapes, Giruá e Santa Vitória do Palmar.....	16
Figura 3 – Vista área do Butiazal de Tapes.....	17
Figura 4 – Butiazal de Santa Vitória do Palmar.....	17
Figura 5 – Vale dos Butiazais de Giruá.....	18
Figura 6 – Imagens da Exposição Festa do Butiá (2017).....	22
Quadro 2 – Atividades Realizadas Durante o Mestrado.....	23
Figura 7 – Representação da noção de paisagem de acordo com Collot (2013).....	50
Quadro 3 – Relações entre as concepções de Schama e Collot.....	52
Quadro 4 – Informações sobre entrevistados relacionados à Rota dos Butiazais, por meio eletrônico.....	59
Quadro 5 – Informações sobre entrevistados relacionados à Rota dos Butiazais, presencialmente.....	59
Figura 8 – Pedra polida para quebrar coquinhos.....	62
Figura 9 – Curral de butiazeiros onde cercavam o gado no período colonial.	62
Figura 10 – Ficha técnica Butia Odorata.....	66
Figura 11 – Ficha técnica Butia Yatay.....	67
Figura 12 – Imagem de cacho de butiá.....	68
Figura 13 – Imagem das cicatrizes das bases das folhas no estipe (caule) do butiazeiro.....	69
Figura 14 – Imagem do Vale dos Butiazais de Giruá.....	70
Figura 15 – Vale dos Butiazais em Giruá, RS (2015).....	71
Figura 16 – Butiazal em Tapes/RS.....	72
Figura 17 – Butiazeiros e Butiazais.....	73
Quadro 6 – Trabalhos realizados na fazenda São Miguel tendo o butiá como tema.....	73
Figura 18 – Butiazeiro de Santa Vitória do Palmar/RS.....	76

Figura 19 – Gastronomia com Butiá.....	77
Quadro 7 – Relatos sobre os butiazais.....	80
Figuras 20 – Conceito de Rota de acordo com levantamento realizado por Gonçalves e Ribeiro (2016).....	83
Figura 21 – Conceito de Roteiro, de acordo com levantamento realizado por Gonçalves e Ribeiro (2016).....	83
Quadro 8 – Definições de Rota e de Roteiro Turístico.....	84
Figura 22 – Definições de Rota e de Roteiro Turístico.....	85
Quadro 9 – Projetos e fontes financiadoras.....	87
Figura 23 – Butiazal de Tapes.....	88
Figura 24 – Mapa histórico atualizado da Rota dos Butiazais.....	93
Figura 25 – O emblemático fruto: o butiá!.....	95
Figura 26 – Mapa mental – Rota dos Butiazais.....	96
Figura 27 – Produtos à base de butiá.....	98
Figura 28 – Capa do livro ‘Butiá para todos os gostos’.....	103
Figura 29 – Receitas à base de butiá: minimoranga e compota de butiá.....	105
Figura 30 – Licor de butiá de Dona Iracema Maicá.....	106
Figura 31 – Bolsas trançadas com palha de butiá.....	110
Figura 32 – A liberdade cheira a butiá.....	111

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABHO	Associação Brasileira de História Oral
ACORDI	Associação Comunitária Rural de Imbituba
ACUB	Associação Cultural de Butiá
AREDE	Associação Regional de Desenvolvimento, Educação e Pesquisa
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações -
CTDC	Catálogo de Teses e Dissertações Capes
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CETAP	Centro de Tecnologias Alternativas Populares
DCMS	Department for Culture, Media and Sport
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EP	Em Perigo
FZB	Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul
HCT	Herbário da Embrapa Clima Temperado
IFSul	Instituto Federal Sul-Rio-Grandense
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MMA	Ministério do Meio Ambiente
NEDETs	Núcleos de Extensão em Desenvolvimento Territorial - Emater
ONGs	Organizações não-governamentais
PCRS	Planície Costeira do Rio Grande do Sul
PGDR/UFRGS	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
PPGMP	Programa de Pós-Graduação Memória e Patrimônio Cultural da UFPel
SEMA	Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Rio Grande do Sul
SEFIC	Semana Científica do Unilasalle
SETREM	Sociedade Educacional Três de Maio
TED	Termo de Execução Descentralizada
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UCS	Universidade de Caxias do Sul

UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UICN	União Internacional para a Conservação da Natureza
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
URCAMP	Universidade da Região da Campanha

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Questões norteadoras, objetivos e justificativa da pesquisa	23
1.2 Revisão bibliográfica	27
1.3 Referenciais teóricos	42
1.3.1 <i>Memória Social</i>	42
1.3.2 <i>Memória e Meio Ambiente</i>	45
1.3.3 <i>Memória e Paisagem</i>	48
2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	54
2.1 Etapas da pesquisa	58
2.1.1 <i>Pesquisa em campo ou por meios eletrônicos</i>	58
2.1.2 <i>Organização e análise de dados</i>	59
3 OS BUTIAZAIS E O BUTIÁ	61
3.1 Vale dos Butiazais de Giruá/RS	67
3.2 Butiazais de Tapes/RS	71
3.3 Butiazal de Santa Vitória do Palmar/RS	75
3.4 Os Butiazais e o Butiá – Memória, Paisagem	77
4 UMA REDE QUE CONECTA PESSOAS	82
5 ROTA DOS BUTIAZAIS: O BUTIÁ ALÉM DA CACHAÇA	98
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	132
APÊNDICE B – Inventário de Butiazais	133
ANEXO A – Lei nº 15.673, de 27 de julho de 2021	136
ANEXO B – Dia Nacional Del Butiá	138
ANEXO C – Documentário Amamos Butiá - Embrapa	142
ANEXO D – Folder Rota dos Butiazais	143

Figura 2 – Mapa com a localização de Giruá, Tapes e Santa Vitoria do Palmar



Fonte: Foto: Embrapa, 2023

Justifico o recorte espacial a partir das considerações indicadas no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Considerações sobre os Butiazais de Tapes, Giruá e Santa Vitória do Palmar

Butiazais	Justificativas de escolha de pesquisa
Butiazal de Tapes Fazenda São Miguel	Está entre as mais antigas plantações de butiazeiros do Brasil. Existem palmeiras com cerca de 200 anos ainda produzindo butiás. (G1.GLOBO.COM, 2017).
Vale dos Butiazais de Giruá	Um dos primeiros a integrar a Rota dos Butiazais (2015), sediando a Festa do Butiá e com destaque na produção de artesanato a partir da planta. (PREFEITURA MUNICIPAL DE GIRUÁ, 2015).
Butiazais de Santa Vitória do Palmar	O nome dado ao município foi inspirado no butiazeiro. Existem remanescentes de butiazais que se encontram comprometidos e passam por cuidados para sua proteção. (MONGABAY, 2022).

Fontes: autoria própria, 2023.

Saliento que o termo Butiazeiro é utilizado para denominar a planta, bem como, pode ser chamada pela “linguagem popular” “pé de butiá” ou a pessoa que trabalha com os butiás, butiazeiro ou butiazeira.

Na sequência, trago imagens dos Butiazais anteriormente citados (Figuras 3, 4 e 5):

Figura 3 – Vista área do Butiazal de Tapes



Fonte: Foto de Ricardo Aranha Ramos/SEMA-RS. (MONGABAY, 2022).

Figura 4 – Butiazal de Santa Vitória do Palmar



Fonte: Santa Vitória do Palmar, 2023.

Figura 5 – Vale dos Butiazais de Giruá



Fonte: FERNANDES, 2023.

O lugar das imagens dos butiazais escolhidos para esta tese é o de trazer, como aponta Mauad (1996, p. 1):

[...] sua relação com a experiência vivida [...] apresentar a fotografia como uma mensagem que se elabora através do tempo, tanto como imagem/monumento quanto como imagem/documento, tanto como testemunho direto quanto como testemunho indireto do passado.

Isto também se reflete no relacionar as imagens com as emoções que os sujeitos envolvidos com a Rota dos Butiazais elaboram sobre ela, ao construírem memórias sobre os butiazais e seus usos na divulgação desta, bem como a projeção de pertencimento e de compartilhamento de recordações.

Uma vez apresentado o recorte espacial, trago o de ordem temporal, aqui estudado, abrangendo 8 anos de existência da Rota dos Butiazais. Justifico este período, tendo em vista a sua criação em 2015 até 2023, ano em que finalizo a tese e no qual ocorreram relevantes movimentos, como o do mês de março com o IX Seminário da Rota dos Butiazais (2023, s/p.) quando foi discutido o “[...] fortalecimento da cadeia produtiva do butiá associada à restauração da vegetação nativa no bioma Pampa [...] discussão sobre o uso do butiá na gastronomia, na merenda escolar e no artesanato!”

A escolha desta Rota, como objeto da pesquisa de tese, está relacionada a vivências e experiências pessoais e acadêmicas que passo a descrever na sequência,

com o sentido de “escavar” o próprio passado. Em se tratando de experiência, remeto ao conceito “benjaminiano” que diz:

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos (BENJAMIN, 1984, p. 114).

Dessa forma, a experiência envolve vivências concretas, interiorizadas, ligações afetivas vinculadas a um passado efetivo, ritualizado, transmitido e narrado de geração a geração, conhecimento acumulado, sedimentado com o tempo, em que se estabelece a associação entre vida pessoal e coletiva (BENJAMIN, 1984).

Minha formação acadêmica iniciou no curso de História – Licenciatura e Bacharelado –, em Letras/Espanhol, sendo que, este último, proporcionou-me oportunidades de produção textual e, uma disciplina em especial – Estudo do Texto – despertou-me para a escrita de um texto singular no qual tratei sobre memórias de minha infância, a casa dos avós e os butiazais, fato esse que me instigou a procurar informações sobre o Mestrado em Memória Social e Bens Culturais.

Concluí o Bacharelado em História, em agosto de 2016, com o trabalho: “Vale dos Butiazais em Giruá/RS: uma paisagem cultural e patrimônio imaterial”, com enfoque no Vale dos Butiazais, localizado no município de Giruá – RS, considerado por mim, como espaço de memória² e espaço de recordação³, com aproximações ao que se conceitua entre memória e paisagem. Neste sentido, de acordo com Schama (1995, p. 17), embora estejamos acostumados a situar a natureza e o entendimento humano “em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas”. Foram as “camadas de lembranças” sobre o butiazal de Giruá, que me encaminharam para o mestrado e, após, ao doutorado.

² Por espaço de memória, compreendo um espaço vivido e percebido que seja suporte de memórias individuais e de grupos aos quais se pertença ou se tenha pertencido. Nora (1993) afirma que a memória se enraíza no concreto e como exemplos desse “concreto” cita o espaço, o objeto, a imagem etc. Halbwachs (2003) menciona que nossas lembranças se encontram localizadas no tempo e no espaço.

³ Como espaço de recordação, Aleida Assmann (2011) trata do afeto e como o envolvimento emocional amplia a conservação da recordação.

As atividades acadêmicas durante o mestrado proporcionaram-me apresentações de trabalho e a realização de cursos em várias cidades do Rio Grande do Sul. Debruçada sobre os temas que se referiam ao butiá, escrevi, em parceria com minha orientadora, primeiramente, um resumo para submeter à XI Semana Científica do Unilasalle – SEFIC-, recebemos o aceite da Comissão Organizadora e, no período de 20 a 22 de outubro do ano de 2015, realizei a primeira apresentação oral sobre o butiá, intitulada: “Festa do Butiá em Giruá (2003-2016): memórias e trajetórias”. Após, participei do II Colóquio de Ensino e Pesquisa em Memória e Patrimônio, realizado pelo PPGMP – Programa de Pós-Graduação Memória e Patrimônio Cultural da UFPel, também com tema sobre os butiazais.

Em 2016, foi o momento de inscrever-me na ABHO – Associação Brasileira de História Oral - e submeter mais um trabalho: “Aspectos memoriais e históricos de Giruá: a festa do Butiá na fala de sua população”, apresentado no XIII Encontro Nacional de História Oral. Afora os trabalhos específicos com o butiá, passei a trabalhar, como já citado, o tema de paisagem cultural, tendo o Vale dos Butiazais como escopo. Esta abordagem foi apresentada no evento Jornadas Mercosul em 2015.

Todavia, o Mestrado me proporcionou muitas experiências de aprendizado, dentre elas uma disciplina em outra universidade – Escola de Altos Estudos sobre Patrimônio e Memória, na UFPel. O objetivo foi aprofundar a reflexão sobre processos de patrimonialização, com ênfase nos diferentes usos do tempo e da memória e análise da construção de uma ordem e de sistemas culturais que permitem compreender os modos como uma sociedade trata seu passado.

As aulas foram desenvolvidas pelo professor Octave Debary, docente na Universidade de Paris Descartes, Sorbonne Paris-Cité. O antropólogo vem trabalhando, há alguns anos, com o tema da Antropologia do Patrimônio, abordando os processos de qualificação e de requalificação de espaços sociais em espaços culturais ou patrimoniais, e com a Antropologia da memória, com ênfase na relação entre a narrativa da história e as formas de seu esquecimento. Esses trabalhos, centrados nos mecanismos de esquecimento e as funções sociais da memória, são desenvolvidos por Debary em vários países como França, Canadá, Estados Unidos e Suécia.⁴ Participei do curso na cidade de Pelotas, durante 15 dias, sendo um

⁴ As informações são da Professora Maria Leticia Mazzucchi Ferreira. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0755000112345375>.

aprendizado enriquecedor para entremear com o meu objeto de pesquisa, tendo em vista os estudos sobre espaços culturais, funções sociais da memória, dentre outros assuntos que conversam com o tema pesquisado no mestrado, isto é, o das as festas temáticas, notadamente o da Festa do Butiá, em Giruá.

Não posso deixar de ressaltar as disciplinas que, ao longo do curso de Mestrado, além do aprendizado adquirido, decompueram-se em artigos publicados e revistas e trabalhos apresentados em seminários, tais como a disciplina de Mobilidades Culturais, sob a docência da professora Zilá Bernd⁵, que resultou na produção da Revista Memória e Linguagens Culturais – Mobilidades e Impactos Culturais, em 2016; no ano anterior, elaboramos, junto com o professor Lucas Graeff⁶ e a professora Patrícia Kayser⁷, a Revista Memória e Linguagens Culturais – Dossiê Arte Sequencial.

Junto à professora Maria Luiza Berwanger⁸ na disciplina de Memória Social, realizou-se a produção conjunta (com a participação de todos os mestrados do ano de 2015) do livro Ecos da Memória (2008) com ênfase em temas que suscitasse evocações de lembranças de cada aluno. No meu caso, remeteu à minha infância no município de Giruá.

Aliado aos trabalhos com os professores, estabeleceu-se diálogo com vários autores que foram apresentados, entre eles, Maurice Halbwach (2003), Michel Pollak (1992) e Joël Candau (2014). Também mergulhei nos ensinamentos relativos à metodologia da História Oral (Verena Alberti, 2013), técnicas de projeto de pesquisa (José D'Assunção Barros, 2012) e histórias de vida (Lucília Delgado, 2003).

A conclusão do mestrado ocorreu em agosto de 2017 e como o Mestrado Profissional requer um produto final, ao seu término, organizei uma Exposição Fotográfica, intitulada: "Festa do Butiá em Giruá: memórias, sentidos e significados". Na Figura 6, a seguir, apresento um mosaico de imagens da Exposição.

⁵ Currículo lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9409484395005688>.

⁶ Currículo lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6162241818691535>.

⁷ Currículo lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4892345821929149>.

⁸ Currículo lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3800407637251134>.

Figura 6 – Imagens da Exposição Festa do Butiá (2017)



Fonte: Autoria própria, 2017.

A ideia da exposição deu-se pelo fato de compartilhar, a partir das fotografias, minhas próprias reminiscências sobre a Festa e de poder levá-la em diversas regiões da Rota e, também, fora dela, principalmente em colégios da Grande Porto Alegre e, dessa forma, apresentar o butiá para aqueles que não o conheciam; em face disso a exposição caracterizou-se como itinerante. Também, a partir de estudos sobre paisagem cultural, criei um termo de referência para inventário de butiazais⁹ (Apêndice B).

Em 2019, participei da seleção para o doutorado e a produção acadêmica ainda foi reforçada com um capítulo no livro 11 da Série Memória e Patrimônio, intitulado “O Vale dos Butiazais de Giruá: bem cultural do Rio Grande do Sul”. No mês de outubro do mesmo ano, tomei parte do consórcio doutoral para apresentação no SEFIC da Unilasalle.

No ano de 2020, foi submetido à Revista Memória em Rede, do Programa de Pós-graduação Memória e Patrimônio Cultural de Pelotas, um ensaio visual com imagens de butiazais. No ano de 2020, participei do Jornadas Mercosul, da Unilasalle,

⁹ FELINI, A. A.; GRAEBIN, Cleusa M. G. O Vale dos Butiazais de Giruá: bem cultural ambiental do Rio Grande do Sul. In: Zilá Bernd; Cleusa Maria Gomes Graebin; Raquel Alvarenga Sena Venera. (Org.). Patrimônio e memória: narrativa, rememoração, reminiscência. 1ed.Canoas: UNILASALLE, 2019, v. 11, p. 131-157.

em formato online, com o trabalho: “Rota dos Butiazais (Brasil-Uruguai-Argentina): integrando paisagens culturais locais”.

A partir dessas experiências iniciais, com base no que desenvolvi na dissertação¹⁰ de Mestrado e na participação a partir de ano de 2017, do Grupo de Discussão sobre a Rota dos Butiazais¹¹, iniciei o percurso no Doutorado em Memória Social e Bens Culturais, cuja tese baseia-se nas questões norteadoras, objetivos e justificativas de pesquisa que apresento a seguir.

Quadro 2 – Atividades Realizadas Durante o Mestrado

Local	Título	Ano
SEFIC - Unilasalle	Festa do Butiá em Giruá (2003-2016): memórias e trajetória	2015
III Escola de Inverno - Unilasalle	Pesquisas em Letras e Memória Social	2015
Revista Memória e Linguagens Culturais	Clássicos da literatura em quadrinhos	2015
XIII Encontro Nacional de História Oral	Aspectos memoriais de Giruá: a festa do Butiá na sala de sua população	2016
III Salão EDUFRGS	Do Haiti à Canoas: uma opção de vida	2016
IV Escola de Inverno - Unilasalle	Transcrevendo e Transcriando: Oficina de História Oral	2016
XIII Encontro Nacional de História Oral	Aspectos memoriais e históricos de Giruá: a festa do Butiá na fala de sua população	2016
IV Jornadas Mercosul - Unilasalle	Vale Dos Butiazais em Giruá/RS: Abordagem a Partir do Conceito de Paisagem Cultural e Patrimônio Imaterial	2016
Revista Memória e Linguagens Culturais	Do Haiti a Canoas: uma opção de vida	2016
Livro: Patrimônio e memória: narrativa, rememoração, reminiscência	O Vale dos Butiazais de Giruá: bem cultural ambiental do Rio Grande do Sul	2019

Fonte: Autoria Própria.

1.1 Questões norteadoras, objetivos e justificativa da pesquisa

A formulação das questões norteadoras da pesquisa de tese partiu de informações obtidas nas investigações para o mestrado, em diversas leituras sobre a Rota dos Butiazais, contatos com pesquisadores nos diferentes momentos de apresentações de trabalhos em eventos e em publicações específicas que apresento a seguir.

¹⁰ Defendida no ano de 2017, na Universidade La Salle, intitulada: “Festa do Butiá em Giruá (2003-2016): memórias e trajetórias. Orientação da professora doutora Cleusa Maria Gomes Graebin.

¹¹ Criado entre o final de 2014 e início de 2015.

Nos Anais do II Encontro Internacional da Rota dos Butiazais (21 e 22/08/2018), encontrei a informação de que 180 participantes (brasileiros, uruguaios e argentinos) se reuniram para tratar sobre a Rota dos Butiazais. Tratava-se de:

[...] agricultoras e agricultores, artesãs e artesãos, remanescentes de quilombos, chefes de gastronomia com frutas nativas, gestores de áreas protegidas, agricultores agrofloreiros, proprietários de terras com butiazais, técnicos de ONG's, empresários e empresárias, técnicos e pesquisadores, graduandos e pós-graduandos [...] (ROTA DOS BUTIAZAI, 2018, p. 7).

Reforçando a ideia de encontro de parceiros/as e ligação entre eles em torno de um ideal, Barbieri et al. (2021), ao tratar sobre a Rota, o faz com a ideia de rede de fortalecimento da relação de pessoas com seus territórios, conjugando esforços para mantê-los, cuidando da sociobiodiversidade, tendo o butiá como elemento de dinâmica na economia local.

Aproximando-me do tema, fui percebendo que, diferentemente do que eu imaginava, a Rota dos Butiazais não é tratada como rota turística, mas envolve o fortalecimento do ecoturismo, do turismo gastronômico e serviços associados “[...] com ações para a conservação dos butiazais [...] fortalecendo a identidade regional e favorecendo a inclusão social e o desenvolvimento local (BARBIERI et al., 2021, p. 156).

Neste sentido, ocorreram-me as seguintes questões as quais passo a considerar como norteadoras da pesquisa:

- Quais são as memórias dos proprietários de butiazais e pesquisadores envolvidos na organização da Rota dos Butiazais?
- Quais as percepções dos proprietários de butiazais e pesquisadores durante o período 2015-2023 sobre a Rota?
- Quais são as suas ações para a preservação/restauração dos butiazais e uso do butiá?

Para responder a essas questões, tenho por objetivo geral compreender, a partir de trabalho de memória, a criação, organização e manutenção da Rota dos Butiazais.

Especificamente, busco:

- Identificar as circunstâncias socioculturais, econômicas e históricas que favoreceram a criação da Rota dos Butiazais e decisão pelos butiazais que a

compõem.

- Analisar o sentido da Rota para pesquisadores, extrativistas e proprietários dos butiazais de Giruá, Tapes e Santa Vitória do Palmar.
- Verificar de que forma ocorre a participação dos pesquisadores, proprietários e/ou extrativistas nesta Rota.

Sendo assim, parto da seguinte hipótese: de que a Rota dos Butiazais possui outros aspectos culturais que a permitiriam outros enquadramentos além de rota turística.

Diante dessa hipótese, trabalharei com butiazais privados e que fazem parte dos municípios que foram incorporados à Rota dos Butiazais e trazem representatividade cultural e econômica. Butiazais estes que têm visitação, agricultura familiar, isto é, participantes ativos na Rota, com encontros e/ou semin rios¹² em que se discutem possibilidades de neutralizar a extinção desses palmares que estão com a classificação "Em Perigo" (EN)¹³. Em vista disso, escolhi os butiazais de Giruá, Tapes e Santa Vitória do Palmar, no Rio Grande do Sul. Nesses municípios foram feitas articulações de forma integrada de políticas públicas de conservação e uso sustentável, seja pelo turismo, seja pelas atividades agroextrativistas (EMBRAPA, 2017).

Entre as justificativas para esta pesquisa, apoio-me nas que remetem:

- À sua viabilidade, tendo em vista o acesso às fontes documentais (escritas, imagéticas e orais); a bibliografias,   produção de fontes orais, envolvendo pessoas que participam da Rota, sua organização e coordenação. Desde a minha primeira intera o com pesquisadores e proprietários de butiazais, verifiquei a possibilidade da realização de entrevistas, a partir da metodologia da história oral.
-   sua relevância acadêmica, já que se insere na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade, a qual acolhe investigações sobre construção de

¹² Exemplo: VIII Seminário da Rota dos Butiazais - Butiá: oportunidades e desafios. Este evento teve como objetivo divulgar as potencialidades do uso sustentável do butiá e as formas legais de comercialização dos seus produtos (EMBRAPA, 2022).

¹³ Muitas espécies de *Butia* estão presentes em listas de espécies ameaçadas. No estado de Santa Catarina, a espécie *Butia catarinensis* está classificada como "Em Perigo" (EN) na Lista de Espécies da Flora Ameaçada de Extinção. Isso significa que há um alto risco de extinção dessa espécie na natureza, de acordo com o CONSEMA-SC (2014). No estado do Rio Grande do Sul, na Lista Oficial da Flora Ameaçada, elaborada pela Funda o Zoobotânica do RS (2014), a espécie *Butia catarinensis*   classificada como "Criticamente em Perigo" (CR). Isso indica que essa espécie enfrenta um risco extremamente elevado de extinção (CONSEMA-SC, 2014).

territórios, memórias, movimentos socioambientais; resolução de problemas socioeconômicos; impactos culturais e ambientais, no que tange a políticas públicas para melhorias de condições de vida em escalas territoriais e em termos culturais; manutenção da sociobiodiversidade e recuperação ambiental;

- ao reconhecimento de sua relevância para as comunidades de envolvidos com os butiazais.

Ainda, a Rota apoia e incentiva ações como a iniciada em 2018, colocando Santa Catarina no universo da preservação do *Butia catarinenses*, integrante da Lista de Espécies da Flora Ameaçada de Extinção no estado, categoria “Em Perigo”; essa espécie é própria do bioma Mata Atlântica, com áreas em Laguna, Imbituba, litoral de Santa Catarina e no litoral norte do Rio Grande do Sul. O Projeto Costa Butiá faz parte de um programa de Educação Ambiental, que ressignifica um patrimônio imaterial, ou seja, o artesanato com a palha do butiá na confecção de chapéus, bolsas e chinelos, junto com a aprendizagem de boas práticas de manejo e conservação da palmeira (PORTO DE IMBITUBA, 2023). O artesanato com base na palha de butiá, na região de Torres/RS, foi oficializado como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul no dia 17 de agosto de 2023, por Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul, no Memorial do Rio Grande do Sul (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2023).

Espero contribuir, a partir desta pesquisa com considerações que auxiliem à comunidade em seus esforços para a continuidade da Rota. Também, introduzir o tema “Rota dos Butiazais” no campo de estudos em memória social, a fim de que lhe seja dada visibilidade, uma vez que tal preocupação neste campo é relativamente nova.

Na sequência, trago alguns trabalhos que julguei pertinentes para uma aproximação com o tema da pesquisa, ou seja, a Rota dos Butiazais. Estes se constituíram como inspiração para as reflexões que se seguiram durante a busca de fontes documentais, a produção dos documentos orais e o desenvolvimento da pesquisa propriamente dita.

1.2 Revisão bibliográfica

Em termos acadêmicos existem trabalhos que investigam a Rota dos Butiazais. Ao realizar buscas em bases de dados, como a do Google Acadêmico foram encontrados mais de 200 artigos que tratam a Rota sob diferentes perspectivas como: “Percepções dos agricultores sobre animais silvestres na Rota dos Butiazais” (AZAMBUJA; COELHO-DE-SOUZA; KUBO, 2017), “Rota dos Butiazais: desenvolvimento e segurança alimentar nutricional” (CANDIDO; NETTO; SILVA; CRUZ, 2020), “A Rota dos Butiazais: uma proposta inovadora para a conservação de ecossistemas no Bioma Pampa” (SOSINSKI; BARBIERI; MARCHI; PILLON, 2020), “Paragem das Figueiras: um ponto de parada na rota dos butiazais” (PUSTAI, 2017), “Recursos genéticos e a conservação *in situ* de ecossistemas de butiazais no Sul do Brasil” (MARCHI; BARBIERI; SOSINSKI, 2019), “Butiazais sem fronteiras: possibilidades e desafios para o movimento Slow Food no Brasil” (VASCONCELLOS; DORIGON; MALTEZ; WIVES, 2017), entre outros.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, não verifiquei a ocorrência de trabalhos de doutorado sobre a Rota, apenas uma dissertação foi encontrada: “Avaliação de Resultados de Projetos de Inovação Transformadora Rural: o caso do projeto Rota dos Butiazais”. Existem diversos trabalhos sobre o butiá em diferentes áreas do conhecimento, como, por exemplo, “Festa do butiá em Giruá (2003- 2016): memórias e trajetória” (FELINI, 2017).

Porém, foram selecionados outros trabalhos encontrados sobre os butiazais, os quais serão descritos resumidamente a seguir:

No artigo Sustentabilidade na rota dos butiazais: as representações sociais a partir do olhar de integrantes chave, escrito por Portelinha et al. (2020) Os autores resumem um trabalho de pesquisa realizado durante o II Encontro Internacional da Rota dos Butiazais, na Embrapa Clima Temperado, em Pelotas (RS), com o objetivo de descrever a importância do butiazeiro para os participantes da Rota dos Butiazais. O estudo utilizou uma abordagem qualitativa e descritiva, envolvendo entrevistas semiestruturadas com 14 participantes, incluindo argentinos, uruguaios e brasileiros. A análise das entrevistas revelou sete principais núcleos de sentido. O primeiro núcleo destacou a proximidade e a intimidade das pessoas com os butiazeiros, demonstrando uma relação afetiva com essa espécie. O segundo núcleo abordou a importância do butiá em si, reconhecendo suas características e benefícios. O terceiro

núcleo revelou a preocupação dos participantes com o risco de extinção dos butiazeiros, ressaltando a importância da preservação e conservação dessa espécie. O quarto núcleo enfatizou a biodiversidade associada ao ecossistema dos butiazeiros e a necessidade de preservar todo o ambiente em que eles estão inseridos. O quinto núcleo abordou o uso do butiazeiro como planta ornamental, ressaltando sua beleza estética. O sexto núcleo destacou a identidade cultural e local que se forma nos lugares onde existem butiazais, reconhecendo a importância dessa espécie na construção da identidade das comunidades. Por fim, o sétimo núcleo abordou as propriedades medicinais do butiazeiro, destacando seu potencial terapêutico. O trabalho também ressaltou a importância atual e futura dessa planta, sua capacidade de agregar outras espécies e como as pessoas aprenderam a trabalhar com o butiazeiro em conjunto com o ambiente e as atividades locais. Em resumo, o estudo descreveu a importância do butiazeiro para os participantes da Rota dos Butiazais, abordando aspectos como proximidade emocional, importância ecológica, preocupação com a preservação, uso ornamental, identidade cultural, propriedades medicinais e potencial de agregação de outras espécies.

Outro artigo escrito por Portelinha et al. (2023) sob título: Representações sociais de integrantes chave da Rota dos Butiazais a respeito da saúde, que teve como objetivo descrever as representações sociais de integrantes chave da Rota dos Butiazais em relação à saúde. O estudo utilizou uma abordagem qualitativa de coleta de dados, incluindo entrevistas semiestruturadas e questionários auto aplicados. Participaram do estudo 20 integrantes da Rota dos Butiazais. Os resultados mostraram que, para os participantes, a saúde está relacionada à questão espiritual, psicológica e ao equilíbrio da alma e da mente. Eles expressaram que a saúde envolve o equilíbrio das funções orgânicas, físicas, biológicas e químicas do corpo, além de envolver práticas como exercícios físicos, cuidados com a alimentação, consumo de alimentos frescos e de origem natural, hidratação adequada, manutenção de um peso saudável e ausência de dores. Além disso, os participantes destacaram que a saúde está relacionada ao bem-estar geral, à sensação de felicidade e ao cultivo de uma conexão com a natureza. Eles mencionaram que o butiá é benéfico para a saúde, trazendo calma, prazer e atuando como uma forma de terapia. Em resumo, os integrantes da Rota dos Butiazais associam a saúde a aspectos físicos, mentais, emocionais e espirituais, reconhecendo a importância do equilíbrio holístico do ser. Eles também valorizam a relação com a natureza, incluindo o butiá, como um

elemento que contribui para a saúde e o bem-estar. O estudo busca explorar a importância da valorização da cultura e da identidade local como um meio de fortalecer as comunidades e promover o desenvolvimento socioeconômico. Através do inventário de informações sobre o Butiá, uma espécie de planta nativa da região, o trabalho busca identificar como o resgate da historicidade e a valorização dessa cultura podem influenciar positivamente o desenvolvimento local e regional. A discussão teórica se baseia em revisões bibliográficas e busca compreender como a preservação e valorização do patrimônio cultural, como o Butiá, podem contribuir para o fortalecimento da identidade coletiva das comunidades locais. Acredita-se que, ao reconhecer e valorizar sua cultura e história, as comunidades podem se fortalecer e promover o desenvolvimento socioeconômico sustentável. No geral, o estudo propõe uma reflexão sobre a relação entre valorização da cultura, resgate da historicidade e desenvolvimento local e regional, com base na inserção e resgate da historicidade do Butiá no município de Giruá.

Outro estudo realizado por Mai, Macht e Bölter, sob título “Giruá, Terra do Butiá”: Narrativas Acerca da Identidade Territorial e Cultural, em 2019, busca explorar a importância da valorização da cultura e da identidade local como um meio de fortalecer as comunidades e promover o desenvolvimento socioeconômico. Através do inventário de informações sobre o Butiá, uma espécie de planta nativa da região, o trabalho busca identificar como o resgate da historicidade e a valorização dessa cultura podem influenciar positivamente o desenvolvimento local e regional. A discussão teórica se baseia em revisões bibliográficas e busca compreender como a preservação e valorização do patrimônio cultural, como o Butiá, podem contribuir para o fortalecimento da identidade coletiva das comunidades locais. Acredita-se que, ao reconhecer e valorizar sua cultura e história, as comunidades podem se fortalecer e promover o desenvolvimento socioeconômico sustentável. No geral, o estudo propõe uma reflexão sobre a relação entre valorização da cultura, resgate da historicidade e desenvolvimento local e regional, com base na inserção e resgate da historicidade do Butiá no município de Giruá.

O livro Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel, escrito em 2022, foi organizado por Tozetti, Farina e Raguse-Quadros, possui 12 capítulos e assim foi apresentado por Carmen Heller Barros (2022, p. 14):

O butiá é uma palmeira que reside em clima subtropical. Um butiazal é a denominação dada a um contingente significativo de butiás. Algumas espécies de palmeiras, como o butiá, formam extensas populações e até hoje não há uma explicação sobre porque este fenômeno acontece.

A Fazenda São Miguel em Tapes possui um butiazal belíssimo, que está na família há mais de 90 anos, está na terceira geração. “Quando entro neste butiazal meu coração se enche de alegria, fico em paz e me sinto próxima do paraíso”. (BARROS, 2022, p. 14).

Desta forma, neste livro, “muitos segredos butiazeiros foram revelados, há toda uma fantástica biodiversidade ‘hospedada’ no butiazal. Preservar o butiazal significa preservar uma infinidade de espécies”. (BARROS, 2022, p. 15).

Primeiro capítulo: *O Bioma do Pampa*, escrito por Urruth e Chomenko (2022, p. 16-37) descrevem que o bioma Pampa brasileiro é restrito ao Estado do Rio Grande do Sul (RS), com aproximadamente 176,496 km², o que corresponde a 63% do território estadual e 2% do território do país. Em meio à essa diversidade de ecossistemas campestres incidem os Butiazais, que são aditados de palmeiras do gênero *Butia*, que em determinadas localidades podem abranger milhares de palmeiras, reconhecendo 21 espécies desse gênero, ocorrendo no Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai e cinco delas ocorrem no Bioma Pampa, quais são: *Butia Odorata*, *B. lallemanti*, *B. Paraguariensis*, *B. Witeckii*, *B. Yatay*. Nessa conjuntura, a Rota dos Butiazais (desenvolvido pela Embrapa Clima Temperado) vem integrando valor e desempenhando o potencial de usos das palmeiras nativas butiá (gênero *Butia*), proporcionando adesão às redes sociotécnicas para o aperfeiçoamento da culinária e artesanato com butiá, originando pesquisa científica, oficinas, seminários, reuniões e exposições itinerantes para promoção do intercâmbio de conhecimentos e sensibilização das pessoas. Nesse cenário a região se concretiza como parâmetro de conservação e uso sustentável dos recursos naturais, servindo como modelo de que é admissível e necessária a edificação de agendas de propagação econômica ambientalmente mais harmônicas no Pampa.

Segundo capítulo: *Butia odorata: a palmeira dos butiazais em Tapes e na Fazenda São Miguel*, escrito por Barbieri, Marchi e Sosinski Júnior (2022, p. 39-48), descreve que a Fazenda São Miguel resguarda um vasto butiazal, com mais de 70.000 butiazeiros centenários da espécie *Butia odorata* ocupando uma área de 850 hectares. *Butia odorata*, é a espécie mais ampla do Bioma Pampa, com o aspecto de diversos

agrupamentos com centenas e até milhares de butiazeiros constituindo ecossistemas de butiazais próximos às grandes lagoas, em áreas de restinga e em solos arenosos, no litoral médio e sul do Rio Grande do Sul, no Brasil, e no leste do Uruguai. As flores de *Butia odorata* são unissexuais, existem flores masculinas e flores femininas. A maior parte das plantas de *Butia odorata* floresce de setembro a janeiro e da frutos de fevereiro a abril. Os frutos possuem mesocarpo carnoso e fibroso (polpa) e endocarpo duro e denso (coquinho), com 1 a 3 sementes (amêndoas), contendo elevados teores de vitamina C e carotenoides, e altas concentrações de potássio. Existe uma variabilidade genética para hábito de crescimento das folhas, e número de cachos por planta. Nos caracteres de frutos, há variação para cor dos frutos maduros, formato, tamanho, peso, sabor e quantidade de fibras na polpa. Os frutos maduros podem ser esverdeados, de cor creme, amarelos, alaranjados, rosados, avermelhados, cor púrpura ou marrons. Devido à biodiversidade combinada, aos serviços do ecossistema, à beleza da paisagem, e aos valores históricos e culturais, esses butiazais são paisagens singulares que necessitam ser preservadas. No Brasil, uma tática para assegurar a conservação dos butiazais de *Butia odorata* no Bioma Pampa é a adoção da prática de manejo conservativo da pecuária.

Terceiro capítulo: *O passado no butiazal de Tapes: o paleoambiente e o paleoclima que contribuíram para a formação desse ecossistema*, texto de Salgado, Mizusaki e Coe (2022, p. 50-61). O estudo buscou avaliar a evolução climática e ambiental do butiazal de Tapes nos últimos 11 anos. No local acontece um remanescente de butiazal, ecossistema caracterizado como uma savana arbórea dominada por espécies do gênero *Butiá*. O clima se modifica no decorrer da história, de forma mais ou menos cíclica, e modifica o ambiente como um todo, sendo o fundamental fator de mudanças vegetacionais em grande escala. Essas variantes ocorrem por distintos fatores, como a mudança do ângulo entre o eixo da Terra e o plano de sua órbita em torno do Sol ou o agrupamento de gases de efeito estufa na atmosfera, seja de maneira natural ou antrópica. Além do clima, outra condição importante na evolução do butiazal de Tapes é a variante do nível do mar. Com o propósito de restabelecer o clima e o ambiente do butiazal de Tapes nos últimos 11 mil anos foi removido um perfil colunar de solo de 2 m de espessura empregando um trado manual, que retira camadas de terra com mais profundidade, colocadas num período mais antigo, para serem analisadas. Foram extraídas 20 amostras, cada uma equivalendo a aproximadamente 10 cm de profundidade. Conquanto as variantes

climáticas não tenham sido tão significativas durante os últimos 11 mil anos na região do butiazal de Tapes, os resultados propõem determinadas mudanças ambientais que puderam estabelecer relações com as mudanças do nível do mar durante o Holoceno. Esses elementos são importantes para a preservação de um relictos desse ecossistema singular e tão especial que é o butiazal.

Quarto capítulo: Flora do butiazal, Marchi, escrito por Barbieri, Sallés e Sosinski Junior (2022, p. 63-80). No Bioma Pampa existe uma diversidade de ecossistemas com espécies vegetais nativas e exóticas que foram escolhidas cuidadosamente pelo homem. O estudo objetivou conhecer e identificar as espécies herbáceas e subarborescentes que constituem o campo nativo do ecossistema de butiazal, usado tradicionalmente na pecuária extensiva, foi realizado um levantamento na Fazenda São Miguel da flora em 3 áreas de 1 hectare excluídas de pastejo. A escolha das áreas amostrais foi feita com a cooperação dos proprietários da fazenda, considerando diferentes densidades de palmeiras por área. O resultado do levantamento florístico corroborou com estudos anteriores para o Bioma Pampa, com Poaceae, Asteraceae, Fabaceae e Cyperaceae como as famílias botânicas que ofereceram o número maior de espécies que compõem a flora campestre no sul do país. Como resultado do levantamento da flora herbácea, Marchi e Barbieri (2015a) publicaram um livro com as gramíneas ornamentais do Bioma Pampa, elegendo algumas espécies pertencentes à família Poaceae, com a potencialidade para ser utilizado no paisagismo e na arte floral, que ainda são subutilizadas pelo desconhecimento ou pela pouca valorização da flora nativa. As autoras lembram que outros levantamentos de flora são indispensáveis para ampliação dos estudos da composição vegetal do butiazal e seus usos potenciais.

Quinto capítulo: A pecuária como uma estratégia de conservação *in situ* dos recursos genéticos nos ecossistemas de butiazais no Bioma Pampa, por Sosinski Junior, Barbieri, Marchi, Costa e Souza (2022, p. 82-93). Para os autores os “recursos genéticos são as espécies animais, vegetais e microbianas de valor econômico, científico, social ou ambiental relevantes para as gerações atuais e futuras” (p. 82). Para conservá-los, são imprescindíveis estratégias de conservação fora e no local de origem das espécies. Na busca por minimizar fatores deletérios ocorridos das atividades humanas que impactam, “como a agricultura intensiva e o urbanismo expansivo, a conservação *in situ* de recursos genéticos em propriedades rurais privadas é uma estratégia que pode ser utilizada para a conservação de espécies

ameaçadas em áreas prioritárias (p. 84). Neste sentido, “a conservação *in situ* dos recursos genéticos de *Butia odorata* no Bioma Pampa passa pelo reconhecimento da importância dessas áreas” (p. 90), uma vez que, os butiazais proporcionam um culminante potencial de geração de renda quando coligados “ao turismo, alimentação e artesanato, ainda pouco explorados” (p. 90). É na propagação dos diversos “usos com a adoção de boas práticas de manejo nesses ecossistemas que será garantida sua permanência para as gerações futuras e a sustentabilidade do ecossistema, contemplando as perspectivas ambiental, social e econômica” (p. 90).

Sexto capítulo: Visitantes florais de *Butia odorata* na Fazenda São Miguel, de autoria de Raguse-Quadros, Souza, Souza-Jesus e Blochtein (2022, p. 95-108). Ao construir relações entre si e demais espécies locais, os butiazeiros são basicamente em sua grandeza de influência mútua entre uma rica variedade animal e vegetal. O trabalho de campo foi realizado mensalmente no Butiazal da Fazenda São Miguel, entre novembro de 2019 e março de 2020, época em que ocorre a floração de *B. Odorata*. Durante todo o trabalho de campo foram coletados “2.290 insetos visitando as flores em 98 inflorescências de *B. Odorata*. Estes estão classificados em nove ordens, 42 famílias e 140 espécies”. A categoria mais considerável “foi a das moscas e mosquitos (Diptera), com 1.354 indivíduos (59%) e 59 espécies (42%), o que é” prometido devido ao grande número no ambiente desses insetos; “em seguida temos Hymenoptera, a ordem das abelhas, vespas e formigas, com 790 indivíduos (34%) e 49 espécies (35%); e a terceira ordem mais abundante foi a dos besouros (Coleoptera), com 110 indivíduos (5%) e 16 espécies (11%)” (p. 103). Finalmente observamos a importância do “Butiazal da Fazenda São Miguel na conservação de toda essa biodiversidade, de espécies e de interações, bem como o papel prestado para o desenvolvimento da ciência, que nos permite conhecer mais sobre os Butiazais e sobre a vida no geral” (p. 105).

Capítulo sete: Anfíbios Anuros associados ao Butiazal da fazenda São Miguel, escrito por Farina e Tozetti (2022, p. 115-124). Os anuros (sapos, rãs e pererecas) fazem parte da ordem mais popular e de maior número das espécies dentro do conjunto dos anfíbios, esses vertebrados (tetrápodes) têm presentemente uma extensa distribuição no mundo, apresentando uma grande abundância de formas, modelos reprodutivos e uma larga classificação no ambiente em que vivem. A avaliação das espécies de anuros foi feita entre 2018 e 2020, na fazenda São Miguel, foram utilizamos dois métodos frequentes para encontrar “indivíduos adultos: busca

ativa (encontro visual) e amostragem auditiva (para registrar as espécies a partir de sua vocalização” (p. 117). Foram identificadas 21 espécies de anuros, dispostas em cinco famílias, as mais representativas são Hylidae e Leptodactylidae. A ampla visibilidade “das famílias Hylidae (10 espécies) e Leptodactylidae (8 espécies) é um padrão em diversas regiões do sul do Brasil” (p. 118). As famílias Bufonidae, Microhylidae e Odontophrynidae são concebidas na fazenda por exclusivamente “uma espécie cada (*Rhinella dorbignyi*, *Elachistocleis bicolor* e *Odontophrynus americanus*, respectivamente). Os indivíduos da espécie *Rhinella dorbignyi* (sapinho de jardim), são principalmente terrestres e possuem o hábito de fazer tocas no solo para utilizar como abrigo” (p. 118). As espécies descobertas na fazenda São Miguel, são consideradas comuns, são aquelas simplesmente encontradas na natureza, majoritariamente conexas a concepções vegetais abertas. Todas as espécies registradas no estudo foram taxadas com situação de conservação de pouca preocupação em esfera regional. Do mesmo modo, as espécies de anuros encontradas no estudo na fazenda São Miguel, foram registradas igualmente na “região dos Butiazais de Tapes. A fazenda São Miguel possui diferentes habitats e uma grande porção de áreas bem preservadas de palmeirais de *Butia Odorata*, contribuindo para o estabelecimento de diversas espécies de anuros” (p. 119).

Capítulo oito: A importância dos Butiazais para a reprodução dos anfíbios, para Silva, Avila, Schneider e Tozetti (2022, p. 126-134) foi o método de dilatação de áreas agrícolas causado pela alteração, pela perda e fragmentação de habitats, associado a eventos da diminuição de biodiversidade, em escala local e regional. No que se refere à fauna, algumas espécies são mais sensíveis a esses impactos, como por exemplo os anfíbios, que são considerados sensíveis a alterações ambientais, visto que são animais ectotérmicos, sua pele é permeável e possui limitações no seu potencial de dispersão. Os butiazais apresentam uma ampliação significativa no nível de profundidade do solo, conservação “do microclima, substrato para epífitas, atratividade e oferta de recurso alimentar para fauna”. O estudo avaliou o “potencial de áreas alagadas no entorno de lavouras e de campos com butiazais como sítios reprodutivos de anuros”. Concebendo que a extensão agrícola ativa tem menor desigualdade de micro-habitat e proporciona mais distúrbios ligados ao “manejo do sistema agrícola do que o campo nativo, ela seria usada como sítio reprodutivo por menos espécies de anuros do que o butiazal” (p. 127). A coleta de dados ocorreu de setembro de 2018 a fevereiro de 2019, correspondente ao momento de maior

atividade reprodutiva dos anuros na região, realizadas “em três sítios reprodutivos em campo nativo com butiazal e três em área agrícola” (p. 128). No total foram registradas 20 espécies de anuros disseminadas em “cinco famílias: Hylidae, Microhylidae, Leptodactylidae, Odontophrynidae e Bufonidae. Contudo, a assiduidade dessas espécies somente, não deve ser definida como um índice positivo de qualidade ambiental. Assim, destacamos a importância da conservação de remanescentes nativos associados a áreas agrícolas, favorecendo sua colonização, reduzindo os riscos de diminuições populacionais na região.

Capítulo nove: Girinos como modelos de estudo para a qualidade do habitat nos butiazais, Wingen, Cubas, Oliveira (2022, p. 135-144). De acordo com os autores torna-se importante para estudos ecotoxicológicos estabelecer espécies bioindicadoras, para o comportamento da substância no organismo vivo que vai estabelecer a intensidade do efeito contrário do que se está observado. No geral, bioindicadores são seres vivos que são utilizados para avaliar a qualidade ambiental. Estes bioindicadores são utilizados de forma passiva, quando acontece uma avaliação dos seres que habitam a área estudada, expondo um organismo ao ambiente e/ou por meio de testes toxicológicos. Expondo os organismos a diversas concentrações de uma ou mais substâncias durante um determinado período. Assim, os anfíbios atuam como bioindicadores fortemente sensíveis a distintos fatores ambientais, decorrente da ocupação de ambientes terrestres e aquáticos. Foram coletados 140 girinos da espécie *Scinax squalirostris* em estágios iniciais do desenvolvimento larval, em charcos dentro do butiazal para testar em laboratório sua suscetibilidade a agentes químicos. O estudo expôs que os “girinos de uma das espécies estudadas, *Scinax squalirostris*, é mais suscetível que a outra, sendo mais sensível e melhor bioindicadora para estudos ecotoxicológicos e de biomonitoramento” (p. 140). Após a metamorfose a espécie passa a maior parte do tempo de sua “vida na vegetação, no entorno dos charcos onde depositam seus ovos, sofreu estresse oxidativo quando exposta aos dois herbicidas avaliados” (p. 140).

Capítulo dez: Uso de marcadores celulares como evidência da importância da preservação dos butiazais para a conservação dos anfíbios, por Figueiró, Salla, Oliveira e Tozetti. (2022, p. 145-150). Os butiazais são de grande importância para as populações de anfíbios anuros, propiciando um habitat com boas condições para a reprodução. Porém, os butiazais remanescentes continuam ameaçados por causa das ações antrópicas, assim, os anfíbios e demais organismos que dependem destes

ecossistemas são afetados. Neste cenário, a “ecotoxicologia, que é a área da ciência que estuda os efeitos das substâncias químicas contaminantes do ambiente sobre os organismos, soma esforços para entender e mitigar os impactos negativos das atividades humanas sobre a fauna” (p. 145). Através de buscas visuais e auditivas, entre os meses de agosto a dezembro de 2019, sempre no período da noite, foram encontrados um total de 115 indivíduos adultos de duas espécies abundantes na região, *Dendropsophus sanborni* e *Pseudis minuta*. Em laboratório, com auxílio de microscópio óptico, contabilizamos 2.000 células sanguíneas de cada indivíduo e analisamos as incidências de cinco classes de biomarcadores” (p. 146). Como resultado as anomalias celulares aconteceram com maior índice nos “eritrócitos dos anuros que viviam nos ambientes de lavouras do que nas populações dos remanescentes naturais de butiazais”. (p. 147). As poças usadas por esses animais se encontravam adjacentes e dentro das áreas de plantio.

Capítulo onze: Espécies de aves associadas aos butiazais da Fazenda São Miguel, escrito por Glória e Tozetti (2022, p. 151-165). As aves são os vertebrados mais diferentes e consideráveis que visitam os butiazais da região de Tapes, no Rio Grande do Sul. Com uma alta capacidade de deslocamento, são vistas com facilidade sobrevoando a paisagem ou descansando entre os muitos poleiros disponíveis nos butiazeiros, as palmeiras *Butia odorata* podem ser utilizadas pelas aves por várias razões. O estudo teve como objetivo “avaliar as visitas das aves em relação a oferta fenológica de flores e frutos das palmeiras *B. odorata*”, para determinar a “possível influência destes recursos sobre o tempo de permanência, frequência de visitas, riqueza de espécies e o comportamento alimentar das aves”. (p. 152). O levantamento das espécies de aves próximas aos butiazais da fazenda São Miguel, aconteceu entre janeiro de 2018 e fevereiro de 2019. Cada palmeira observada foi ponderada como uma unidade de amostra. A amostragem centralizou-se em somente uma formação continuada de butiazal subdividida em três sítios amostrais num total de 22. O estudo concluiu que os butiazeiros fornecem um “importante recurso (não alimentar) para as aves na região de Tapes”, a presença desses palmares expande a complexidade e diversidade da paisagem, produzindo condições ambientais adequadas e poleiros atrativos que consentem “um maior estabelecimento da avifauna no ambiente campestre do Pampa gaúcho”, assim, persistindo “antigos remanescentes populacionais dessa espécie de palmeira, ameaçada de extinção devido à grande

expansão das atividades humanas, como a monocultura e a agropecuária, as quais, impactam e diminuem a diversidade funcional dos ecossistemas” (p. 162).

Capítulo doze: Mamíferos do Butiazal, por Santana, Farina e Raguse-Quadros. (2022, p. 166-182). No Brasil, é viável encontrar 760 espécies de mamíferos nativos, sendo 711 terrestres, destacamos entre essas 104 espécies que integram a região do Sul do Brasil. Apesar da mastofauna de médio e grande porte dessa região ser bem documentada, existem ambientes onde poucos trabalhos foram realizados, este é o caso da região dos butiazais. Nestes ecossistemas existem diversas espécies de mamíferos, importante para a população dos butiazeiros, por desenvolverem o potencial de disseminação de sementes, contribuindo para manutenção do butiazal. Os dados foram levantamento e “obtido através de três metodologias: registros advindos de duas armadilhas fotográficas (vídeos e fotos); encontros visuais eventuais e pelo registro de rastros (pegadas e fezes) deixados pelos animais em áreas dentro dos limites da Fazenda São Miguel” (p. 168). Foram encontradas “28 espécies de mamíferos, inseridas em oito ordens e 18 famílias. Destas, duas são exóticas invasoras, ou seja, não ocorrem no local de forma natural: o Javali (*Sus scrofa*) e a Lebre europeia (*Lepus europaeus*)” (p. 168).

O trabalho Conservação pelo uso como alternativa para o desenvolvimento rural sustentável: resultados preliminares sobre o extrativismo de butiá no município de Tapes, escrito por Campos Junior, e Printes, teve como objetivo fornecer subsídios científicos para fortalecer a Rota dos Butiazais em Tapes, município localizado na planície costeira do Rio Grande do Sul. O projeto é uma parceria entre a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul e a Embrapa Clima Temperado, e faz parte de um projeto maior de conservação e uso sustentável da biodiversidade. A Rota dos Butiazais é uma rota turística internacional que visa promover o Desenvolvimento Rural Sustentável, com foco na espécie *Butia odorata*. Essa região possui a maior concentração de butiazeiros do Brasil, e é necessário implementar um manejo sustentável para a conservação dessas palmeiras. O extrativismo do butiazeiro é destacado devido à diversidade de produtos que podem ser feitos a partir de seus frutos, folhas, fibras e sementes. O trabalho busca contribuir com informações científicas que possam apoiar o desenvolvimento sustentável da Rota dos Butiazais, levando em consideração a conservação da biodiversidade e a promoção do uso responsável dos recursos naturais. Em síntese, o trabalho tem como objetivo fornecer subsídios científicos para fortalecer a Rota dos Butiazais em Tapes, visando à

conservação da espécie *Butia odorata* e ao desenvolvimento sustentável da região, por meio do manejo adequado e do aproveitamento dos recursos do butiazeiro.

Iepsen, Bubanz-Silva e Coelho-De-Souza, escreveram sobre Os sistemas agrários e a territorialidade de *Butia odorata* em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul, o estudo teve o objetivo deste trabalho é analisar as transformações nas paisagens com butiazais e a relação com a cultura associada ao seu manejo no município de Santa Vitória do Palmar, no Rio Grande do Sul. O estudo abrange um período histórico que vai desde o século XVII até os dias atuais, com o objetivo de delimitar e caracterizar os sistemas agrários e sua evolução em relação aos butiazais. A metodologia utilizada foi a análise da evolução dos sistemas agrários. Considerou-se a territorialidade dos butiazais, levando em conta a distribuição fitogeográfica da espécie, as relações com os atores envolvidos e a evolução da tecnologia ao longo do tempo, bem como as demandas dos mercados. Em suma, o estudo revela como as paisagens com butiazais foram transformadas ao longo do tempo no município de Santa Vitória do Palmar, em decorrência de práticas agrícolas, como o cultivo mecanizado do arroz irrigado, e da pecuária extensiva. As mudanças na paisagem impactaram a ocorrência de butiás e destacam a importância de considerar a relação entre os sistemas agrários e a conservação da cultura e da biodiversidade local.

Santos e Coelho-De-Souza em Quilombo Chácara da Cruz: a história da família Kinho e os Butiazais de Tapes descrevem que o Quilombo Chácara da Cruz, localizado no município de Tapes, no Território Centro Sul do Rio Grande do Sul. Trata-se de um quilombo urbano, cuja história foi reconstruída por meio de entrevistas com lideranças e representantes da família Kinho, além de análise de documentos relacionados à história familiar, à origem do nome do quilombo, à luta pela legalização da terra, entre outros aspectos. O Quilombo Chácara da Cruz possui uma área de 14 hectares e detém a posse do território desde 1890. A legalização das terras foi obtida mediante o pagamento de impostos pelo grupo, que conseguiu os recursos por meio do extrativismo da crina de butiá. Atualmente, a comunidade é composta por 27 famílias que possuem laços de parentesco entre si e são descendentes da família Kinho. A comunidade do quilombo valoriza as tradições culturais dos antepassados, mantendo viva a memória e os costumes transmitidos ao longo das gerações. Concisamente, o Quilombo Chácara da Cruz é um quilombo urbano localizado em Tapes, no Rio Grande do Sul. Sua história foi resgatada por meio de entrevistas e documentos, revelando a posse das terras desde 1890 e a luta pela legalização, que

foi conquistada por meio do extrativismo da crina de butiá. A comunidade, composta por 27 famílias, preserva as tradições culturais dos antepassados.

Coelho-De-Souza, Zúñiga-Escobar, Teixeira e Boziki, realizaram o trabalho Sociobiodiversidade, soberania e segurança alimentar e nutricional: uma análise da governança do butiá, que objetivou discutir a interligação entre sociobiodiversidade, segurança alimentar e nutricional (SAN) e soberania alimentar por meio da análise da governança da Rota dos Butiazais (RB), Cadeia Solidária das Frutas Nativas (CSFN) e Territórios Rurais (TR). O gênero *Butia sp.*, representado pelo butiá, é caracterizado como um produto da sociobiodiversidade e está associado à governança da RB, CSFN e TR. A RB é um movimento que envolve diferentes atores das cadeias produtivas relacionadas ao butiá. A CSFN conecta agricultores familiares a mercados solidários, principalmente nos territórios da Fronteira Noroeste, Produção, Campos de Cima da Serra e Litoral. Os TR representam espaços de governança entre a sociedade civil e o poder público em nível territorial. Essa governança, que envolve múltiplos atores e escalas, com foco na valorização da sociobiodiversidade, na estruturação de cadeias produtivas e na criação de mercados solidários para alcançar a SAN, contribui para a construção de processos de soberania alimentar. Basicamente, o estudo analisa a governança da Rota dos Butiazais, da Cadeia Solidária das Frutas Nativas e dos Territórios Rurais, destacando como a sociobiodiversidade, a segurança alimentar e nutricional e a soberania alimentar estão interligadas. A governança envolve diferentes atores e escalas, promove a valorização da sociobiodiversidade e busca alcançar a SAN, contribuindo para a construção de processos de soberania alimentar.

Boada e Schiavini em Valorização dos saberes da cultura do butiá em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul, relatam que o projeto tem como objetivo valorizar a cultura do Butiá como patrimônio cultural imaterial no ambiente escolar, estabelecendo diálogo e participação social como formas de promover a cidadania e educar a comunidade de Santa Vitória do Palmar, no Rio Grande do Sul. Para alcançar esse objetivo, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: conscientizar a comunidade local sobre a importância de preservar a cultura do Butiá, símbolo do município, e realizar pesquisas bibliográficas sobre aspectos históricos e culturais relacionados ao Butiá. A metodologia do projeto é exploratória e descritiva, com uma abordagem teórico-prática de caráter qualitativo. O projeto piloto foi realizado em duas sessões na Escola Municipal Professor Aresmi Juraci Tavares Rodrigues, com turmas

de quarta e quinta série em Santa Vitória do Palmar. A segunda sessão consistiu em uma oficina prática de artesanato com palha de Butiá, envolvendo alunos e professores, com o apoio de duas artesãs locais do grupo "Campus Neutrais", que trabalham com artesanato derivado do Butiá. O projeto alcançou aproximadamente 50 alunos das turmas de quarto e quinto ano da Escola Aresmi Tavares, que manifestaram interesse em replicar o projeto no ano seguinte, em 2018. De forma resumida, o projeto tem como objetivo valorizar a cultura do Butiá no ambiente escolar de Santa Vitória do Palmar, buscando conscientizar a comunidade sobre sua importância e promover a participação social. O projeto envolveu pesquisas, oficinas práticas e alcançou cerca de 50 alunos, com possibilidade de ser replicado em outros anos.

Souza, Maldonado, Jarenkow e Oliveira, escreveram o trabalho Manejo pecuário e densidade de palmeiras afetam a estrutura de comunidade de plantas em butiazais no sul do Brasil? O estudo, investigou-se o impacto do manejo pecuário e da densidade de palmeiras adultas nos butiazais de *Butia odorata* sobre a comunidade de plantas. Foram inventariadas a flora vascular em 18 parcelas, distribuídas em dois níveis de manejo (tradicional e conservativo) e três níveis de densidade de palmeiras. Os resultados revelaram efeitos não sinérgicos desses fatores sobre a riqueza, a cobertura total e/ou a composição de espécies herbáceas e arbustivas. Observou-se uma redução na riqueza de herbáceas sob o manejo conservativo e um aumento na cobertura e riqueza de arbustos em comunidades com maior densidade de palmeiras. O estudo investigou o efeito do manejo pecuário e da densidade de palmeiras nos butiazais sobre a comunidade de plantas. Foram observados efeitos distintos nas espécies herbáceas e arbustivas, indicando diferentes processos sucessivos. Essas descobertas têm implicações para a conservação e o uso sustentável dos butiazais.

Marchi, Sosinski, Barbieri e Costa, realizaram um estudo sobre Resgate e replantio de mudas de *Butia odorata* no Rio Grande do Sul/ Brasil. Descrevem que a Rota dos Butiazais é uma rede que tem como objetivo promover a conservação e o uso sustentável dos butiazais. Nesse contexto, este trabalho teve como objetivo resgatar mudas jovens de butiazeiros em locais onde não poderiam se desenvolver até a fase reprodutiva e replantá-las em uma área de campo nativo. Foram resgatadas 700 mudas de *Butia odorata* em uma área de cultivo de eucaliptos no município de Arroio dos Ratos, no Rio Grande do Sul. Dentre essas mudas, 450 foram plantadas em uma aldeia indígena Mbyá Guarani, localizada em Charqueadas, com a

colaboração dos indígenas, da equipe ambiental da empresa CMPC, da Emater e da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento. Essa ação faz parte de um projeto de reposição florestal obrigatória, que contou com a orientação da Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Infraestrutura (SEMA/RS) para cumprir os requisitos legais de resgate, transporte e plantio de mudas de espécies nativas ameaçadas de extinção. A Rota dos Butiazais resgatou mudas jovens de butiazeiros em uma área de cultivo de eucaliptos e as replantou em uma aldeia indígena Mbyá Guarani. Essa ação foi realizada como parte de um projeto de reposição florestal obrigatória, com orientação da Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Infraestrutura. Essa iniciativa é relevante tanto para o meio ambiente quanto para a comunidade indígena, promovendo a conservação e valorização do território.

Pacheco, Munhoz e Printes em seu trabalho sobre Butiá Turismo Rural: relato de dois anos de vivências e resultados, relatam a experiência de dois acadêmicos do curso de Bacharelado em Gestão Ambiental da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS na criação de uma proposta de empresa de turismo rural sustentável. Essa empresa atua em parceria com proprietários rurais e membros da comunidade local. A empresa de turismo receptivo tem como objetivo atrair turistas para conhecer uma região única em termos de beleza cênica e biodiversidade. Eles oferecem caminhadas e trilhas que não causam impactos ambientais, mas sim valorizam as propriedades rurais e geram novas fontes de renda. Ao mesmo tempo, a empresa reconstrói uma história que havia sido esquecida nessa região. Em suma, os acadêmicos criaram uma empresa de turismo rural sustentável que promove caminhadas e trilhas sem impacto ambiental. A empresa colabora com proprietários rurais e a comunidade local, valorizando as propriedades e resgatando a história da região.

Motta e Printes escrevem em seu estudo: Rota dos Butiazais: Trajetória e ações a partir do Seminário Municipal de Turismo em Tapes/RS/Brasil, que a experiência da realização do Seminário Municipal de Turismo em Tapes e os resultados alcançados. Utilizando uma metodologia participativa, o relato apresenta o cenário atual do município, suas condições e potencialidades relacionadas ao fortalecimento de ações que promovam o desenvolvimento rural sustentável, vinculadas à Rota dos Butiazais. O monitoramento das ações realizadas por representantes de instituições em Tapes revela resultados relacionados à conservação e uso sustentável da palmeira Butiá. Essas ações envolvem trilhas e turismo rural, uso do Butiá na merenda escolar,

trabalhos científicos, inclusão do tema nos currículos do ensino fundamental, oficinas com extrativistas e artesãos em escolas, e outras ações que promovem e ampliam as perspectivas de desenvolvimento para a comunidade como um todo. Essas ações promovem o desenvolvimento sustentável e atendem aos interesses coletivos.

O trabalho de Portelinha, Barbieri, Godinho e Almeida sobre Butiá como agregador na renda familiar, teve como objetivo deste estudo é descrever como o butiá está sendo usado como uma fonte de renda pelos integrantes da Rota dos Butiazais. A justificativa para o estudo é que relatos anteriores mostraram que os integrantes da Rota estão envolvidos com o butiá em contextos socioeconômicos, incluindo sua comercialização e participação na economia solidária. A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa e descritiva, realizada durante o II Encontro Internacional da Rota dos Butiazais. Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com um total de 14 participantes, sendo 4 argentinos, 2 uruguaios e 8 brasileiros. Um dos relatos destacou: "...eu trabalho com butiá, mas depois disso outros artesãos também começaram a ver outras oportunidades de trabalho, se criou uma cadeia". Os resultados mostraram que os depoimentos dos entrevistados revelaram diferentes experiências relacionadas ao uso do butiá como uma fonte de renda agregadora. Dessa forma, os relatos dos participantes indicam que o butiá desempenha um papel importante na geração de renda, com diferentes formas de envolvimento dos integrantes da Rota dos Butiazais.

Após ter estabelecido diálogo com autores que trataram sobre temas afins à esta pesquisa, reporto-me, a seguir, aos referenciais teóricos a partir dos quais busquei fazer uma leitura do tema proposto.

1.3 Referenciais teóricos

Uma vez que a tese se insere no campo de estudos em memória social, é pertinente explicitar que se trata de estudo em perspectiva transdisciplinar, no escopo das ciências humanas.

1.3.1 Memória Social

O conceito de Memória Social tem procedência nos pensamentos de Halbwachs decorrido da Sociologia de Durkheim e versa sobre enfoque da

memória como um fundamento de percepção coletiva e culturalmente conhecida por determinado grupo em um preciso contexto social. Diferente da maneira cognitiva de estudo da memória como comparada à atenção e a percepção. (HALBWACHS, 1990).

Assim, memória social é uma área que integra, de natureza multidisciplinar, diversas outras e estuda a maneira como as sociedades recordam ou esquecem os acontecimentos e as ideias por detrás desse movimento. De acordo com Gondar (2005, p. 15):

[...] o conceito de memória social não pode ser formulado de forma simples, imóvel, unívoca. Pensamos, ao contrário, que se trata de um conceito complexo, inacabado, em permanente processo de construção. [...] A memória social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente, e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito. Esse conceito se encontra em construção a partir de novos problemas que resultam do atravessamento de disciplinas diversas.

Ao tratar sobre a Rota dos Butiazais, reporto-me a Halbwachs (2003), ao comentar: “Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós” (2003, p. 29). Como trabalhei na construção de memórias a partir de narrativas orais, ao produzir os testemunhos, busquei o que o autor denomina de “comunidade afetiva”, ou seja, grupos que compartilham suas memórias a partir de um sentimento comum: a experiência vivida. E para essa comunidade afetiva existir

É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Dessa forma, os testemunhos foram os de indivíduos ligados à Rota dos Butiazais e que, de certa forma, interagem entre si, mesmo fora da sua ocorrência. Halbwachs pontua que “[...] são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (2003, p. 69).

Neste sentido, reporto-me a Pollak (1992), o qual afirma que a memória parece ser um fenômeno individual, porém, é construído coletivamente, podendo sofrer modificações constantes e flutuantes. Entretanto, atenta Pollak (1992), devemos ter presente que, em determinadas ocasiões, podem existir marcos invariáveis: “É como se, numa história de vida individual — mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente — houvesse elementos irredutíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças” (p. 2), o fenômeno foi denominado pelo autor como enquadramento de memória, referindo-se à construção de memória nacional; no entanto, isto pode ser trazido para o âmbito local ou regional.

A memória nacional, aqui acrescentando a local ou regional, como pontua Pollak (1992), é organizada e estruturada, ao salientar que quanto mais coletiva, mais organizada ela é. Essa estrutura dá-se no formato de enquadramento de memória, isto é, “[...] cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização” (POLLAK, 1992, p. 7).

O que nos remete a Candau, ao afirmar que

[...] a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objeto sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um ‘estar aqui’ que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele (CANDAU, 2014, p. 9).

Essa reconstrução da memória, como considera Candau (2014), pode ser feita a partir do conceito enunciado de metamemória, que é a memória reivindicada, ostensiva. Aliás, Candau (2014) elenca outros conceitos que compõem o estudo de memória individual e coletiva: protomemória que é a memória gestual, incorporada aos nossos hábitos que, por muitas vezes, não nos damos conta; bem como a memória de alto nível, beneficiada pela expansão da memória.

A título do estudo da Rota dos Butiazais, caso desta pesquisa, a noção de metamemória é instrumento relevante, pois para a realização e continuidade desta, não basta apenas a “vontade dos homens”; há a necessidade de certas permanências:

[...] em nível de grupos, apenas a eventual posse de uma memória evocada ou da metamemória pode ser pretendida. É essa eventualidade que aparece subjacente na expressão “memória coletiva” [...] a expressão “memória

coletiva” é uma representação, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo (CANDAU, 2014, p. 24).

Ao entrar-se em contato com os envolvidos na Rota, já se detectou, como explica Candau:

[...] a boa gestão da identidade de um grupo de pertencimento [...] passa pela relação ambivalente que os membros desse grupo terão com os acontecimentos que, simultaneamente, são objeto de um “dever de memória” [...] a força das memórias dependerá da coerência geral do campo memorável, quer dizer, da estruturação mais ou menos homogênea do conjunto de lembranças a partir de um momento de origem e de uma sucessão de fatos (2014, p. 99-100).

Desse modo, os testemunhos precisam ter um eco de pensamento, ou seja, no coletivo os indivíduos do grupo compartilhando lembranças entre si. Candau (2014) aponta para a glorificação do passado e o sentimento de continuidade e de comemoração para organizar as memórias.

A seguir trataremos do tema Memória e Meio Ambiente

1.3.2 Memória e Meio Ambiente

Seemann (2002) indica que a relação da memória com o espaço era negligenciada nas ciências humanas; na época, propunha que pesquisas no campo da Geografia poderiam contribuir para trabalhar o espaço e a memória de forma simultânea, e que os mapas fossem utilizados como ponto de partida para lembrar acontecimentos do passado e que a espacialização da memória poderia ser articulada por meio da elaboração de desenhos espaciais, de modo a servirem como narrativas.

Entre 2002 e 2009, ano em que Devos publicou “A crise ambiental sob a perspectiva da memória e dos itinerários no mundo urbano contemporâneo”, pesquisas em diferentes áreas investiram em temas recorrentes, notadamente trazendo discussões sobre questões ambientais. Devos (2009) buscou compreender os itinerários urbanos presentes nas trajetórias sociais e na memória coletiva de moradores da cidade de Porto Alegre, tendo como ponto de partida as seguintes questões: Qual é esta “questão ambiental”, ou esta crise ambiental, a que nos referimos? Qual sua relação com a memória coletiva? Para respondê-las, partiu do

princípio de que os resíduos de uma paisagem original da região, do ponto de vista da memória, acompanharam as transformações sociais e ecossistêmicas do espaço.

A partir de 2013, é possível observar um crescimento de trabalhos que se voltam para discutir a relação memória e meio ambiente, notadamente na Geografia. Amaral; Benedicts (2013), em “Aportes teóricos sobre a relação entre a memória social, a natureza, o meio ambiente e o espaço geográfico”, relacionam memória social e as categorias analisadas pela Geografia, como natureza, meio ambiente e espaço geográfico. Reforçam não haver compreensão das mudanças do espaço sem a compreensão da sociedade que as promove, e concluem que a memória social contribui para a reconstrução do espaço por meio de lembranças de experiências de grupos sociais e pelos traços do passado que perduram na paisagem atual.

Avançando no tempo, os estudos passam a mergulhar em leituras teóricas, buscando fundamentação mais aprofundada. Santos; Gusmão; Reis (2018) partiram do pressuposto, em “Memória e cultura: a lembrança em Paul Ricoeur na busca por uma proteção da paisagem”, que a percepção de proteção à paisagem não deve ser somente do Estado, mas da sociedade a qual pertence e que lhe demonstra afeição. Considerando que a memória é tanto individual quanto coletiva, revela-se indispensável a proteção do meio ambiente paisagístico que a representa, de modo que a valorização da memória serve como insumo/motivação à proteção da paisagem, haja vista que é parte integrante da própria existência do indivíduo e da sociedade, tornando-se assim, um instrumento eficaz na manutenção do espaço (SANTOS; GUSMÃO; REIS, 2018).

Em “A memória, o instituto da percepção e da intuição em Bergson: dispositivos para a compreensão da complexidade existente na relação entre o homem e o meio ambiente”, Silva, Mello, Santos e Quadros (2019) trabalham a compreensão da complexa relação existente entre o humano e o ambiente que o circunda, de forma interdisciplinar. Assim, conjugam conhecimentos do campo da memória, da paisagem, das ciências ambientais, da filosofia e da sociologia, para dar conta de entender como se processam e se articulam os institutos da percepção, intuição, imagem e imaginação, no estudo do fenômeno ambiental e de sua percepção pelos sujeitos. Indicam que a realidade ambiental é complexa, composta por imagens e memórias que formam paisagens, valores distintos para o indivíduo; operacionalizá-la implica na interação do homem com o meio, bem como é necessário ter presente que existem

marcadores sociais que se colocam como interlocutores nessa relação, a influenciar comportamentos e interações.

Diante do exposto por Silva et al. (2019, p. 3), percebe-se que a apropriação dos “institutos de externalidades do homem, isto é, do seu entorno (ambiente) e do universo do qual faz parte, se dá mediante um fenômeno perceptivo caracteristicamente complexo, tanto quanto o é a natureza humana, não sendo, pois, uma alternativa viável” ao seu entendimento por trajetórias unicamente conceituais.

Dessa forma, os autores exploraram a compreensão do “valor das imagens formadas pelos sujeitos, com base na sua interação com o meio, e de outros fatores intimamente interligados com essa relação, como, por exemplo, a biofilia e a topofilia”. (SILVA et al., 2019, p. 3).

A biofilia representa o “sentido de entrecruzamento entre o homem e categorias diversas de vida”, enquanto a topofilia traduz o fascínio do “ser humano pela constituição física do ambiente. Àquela apresenta uma personalidade tipicamente biológica, instintivo, ao tempo em que a última é notadamente assinalada por valores culturais, como os de caráter afetivo, memorial, experiencial e interativo”. Assim, “a primeira caracteriza-se por ter uma base mais biológica, instintiva, enquanto a segunda é visivelmente marcada por aspectos culturais como afetividade, memória e experiência interativa”. (SILVA et al., 2019, p. 3).

Para Silva et al. (2019, p. 12) o comportamento e a representação do homem, dentro do domínio de “relacionamento deste com o seu entorno, recebe intervenção das influências emanadas da memória. A formulação da imagem das coisas, dos indivíduos e das ocorrências que os circundam”, aufere aporte tanto da sagacidade “instantânea quanto das minúcias concentradas na memória. Logo, o liame afetivo que subsiste entre as pessoas e o meio é decorrente dos sentidos que ficaram registrados em sua memória”.

Para confirmar esse entendimento, Bosi (1994, p. 74) faz referência a seguinte indagação: “O que é um ambiente acolhedor? Será ele construído por um gosto refinado na decoração ou será uma reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhados por uma luz de outro tempo?”.

Analisando por este enfoque, Silva et al. (2019, p. 12) refere que, “a percepção ambiental se firma como uma competência que, detectada por meio da reconstituição da memória, pode evidenciar, e, inclusive, fundamentar os modelos de comportamentos pronunciados no contato do homem com o ambiente”.

No próximo subcapítulo discutiremos a temática Memória e Paisagem

1.3.3 Memória e Paisagem

A paisagem, ao ser definida pelo senso comum, é conceituada de várias maneiras: “um olhar”, “um cenário”, “uma vista”, “um quadro aquarelado de árvores”, “horizonte e beleza”. Segundo a UNESCO, “o ser humano atua sobre o meio em que vive, modificando-o, com intensidade variada, de acordo com seus modos de vida, com sua cultura, produzindo diferentes configurações ao ambiente em que habita”. Podemos observar situações no meio rural em que as “modificações no ambiente natural são quase imperceptíveis, como em remanescentes florestais bem conservados, ou evidentes, como grandes plantações ou áreas construídas. Essas modificações, mais ou menos perceptíveis”, produzem marcas que abarcam o que normalmente designa-se como paisagem. “Paisagem é um termo utilizado cotidianamente pelas pessoas e por diversas disciplinas da ciência, por meio de diversas concepções e interpretações, mas que normalmente está associada à percepção da expressão de um determinado local”. (MARQUES, 2014, p. 57).

Polette (1999) discorre os conceitos de paisagens interpretados por profissionais de diversas áreas, sendo que os mais atuais a definem como sendo a expressão do produto de interação espacial e temporal do indivíduo com o meio (UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA – UICN, 1984). Este autor argumenta que, recentemente, o termo paisagem tem sido utilizado em vários aspectos, mas é na ecologia da paisagem que esta atinge sua dimensão mais ampla, contribuindo, assim, para o seu real entendimento quanto à estrutura, funcionamento e mudanças que ocorrem na mesma, ao longo do tempo.

De acordo com Santos (1996), algumas escolas geográficas, assumem a noção de paisagem como um todo resumido em que se combinam economia, natureza, sociedade, cultura e religião. Os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano no passado, e dimensão ou grandeza de uma paisagem depende de quem a vê.

Com a finalidade de desenvolver uma reflexão sobre memória na paisagem, Ribeiro (2017, p. 2) menciona “o trabalho de dois artistas que lidam com a questão da paisagem: o norte-americano Tony Smith e o inglês Richard Long. Ambos lidam com a paisagem num sentido que os me interessa, uma vez que consideram a questão do

atravessamento”. Isto é, “a paisagem como algo a ser atravessado ou como algo que tenha sido atravessado”.

Assim, é necessário averiguar de que forma lidamos “com a memória das paisagens que percorremos”, bem como, com as “paisagens que percorremos em nossa memória. E se, através de atos de escrita, é possível avançar em direção a novas paisagens. Sabemos que as relações entre memória e paisagem se dão em inúmeras instâncias”. (RIBEIRO, 2017, p. 2).

Para Salomão (2014, p. 272) é importante explicitar certas noções de memória e paisagem. Sobre a noção de memória o autor destaca que, “a memória é uma ilha de edição” e sobre a noção de paisagem Tiberghien (2012, p 180) ressalta que “há uma dimensão da paisagem que é fundamental, a de que ela é uma relação, e não uma coisa”.

Neste sentido Schama (1995) diz que a relação entre memória e paisagem, sugere que existe uma relação intrínseca entre esses conceitos,

conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas” (SHAMA, 1995, p. 17).

Embora observemos a paisagem na sua materialidade, o que vemos é representação do que estamos construindo internamente, mediada conforme nossas percepções culturais, carregadas por nossas lembranças e/ou de nossos antepassados. O autor articula que, “paisagem é cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha” (SCHAMA, 1996, p. 70).

Já Collot (2013) em *Poética e Filosofia da Paisagem*, afirma, assim como outros autores, que existem vários conceitos de paisagem e gera discussões em várias áreas do conhecimento e jamais será contemplado de modo unicamente disciplinar. Reconhece que o interesse pela paisagem não é modismo ou simples fenômeno social, mas um fato que corresponde à evolução das mentalidades. Se a paisagem provoca um interesse grandioso por parte das ciências humanas, é porque não somente dá a ver, mas também nos faz pensar (COLLOT, 2013).

Collot (2013) estabelece que o objetivo de várias construções sociais e expressões culturais é a possibilidade da própria percepção da paisagem, ou seja

Por definição, a paisagem é um espaço percebido, ligado a um ponto de vista: é uma extensão de uma região [de um país] que se oferece ao olhar de um observador. Objetar-me-ão dizendo que é também - ao que parece, a princípio, se seguirmos a cronologia das acepções da palavra *paisagem* na história das línguas românicas – uma representação pictórica (COLLOT, 2013, p. 17).

Efetivamente, a noção de paisagem de acordo com Collot, abrange três componentes: um local, um olhar e uma imagem, conforme figura 7, a seguir.

Figura 7 – Representação da noção de paisagem de acordo com Collot (2013)



Fonte: Autoria própria, inspirada em croqui de Luís Strachulski, 2023.

A paisagem pode ser entendida como o lugar em que se permite a troca entre a figura integrante do cenário e o mundo que a cerca, resultando em uma espécie de aliança entre o interior (aspectos subjetivos) e o exterior (a realidade objetiva) em que dada paisagem passa a ter sua definição a partir do ponto de vista de um sujeito sobre o universo. O “pensamento-paisagem” tem a capacidade de ampliar tudo o que é subjetivo, visto como produto de um olhar sobre um espaço geográfico, faz-se capaz de provocar uma transformação nesse espaço por meio da subjetividade (COLLOT, 2013).

Entende-se que:

Enquanto horizonte, a paisagem propicia tanto adivinhar quanto perceber: não é um dado objetivo, imutável, que bastaria descrever ou reproduzir. É um fenômeno que muda segundo o ponto de vista que se adota, e que cada sujeito reinterpreta em função não só do que vê, mas do que sente e imagina (COLLOT, 2013, p. 192).

Desse modo, entendo que “[...] um ambiente não é suscetível a se tornar uma paisagem senão a partir do momento em que é percebido por um sujeito” (COLLOT, 2013, p. 19). Tal afirmação deu suporte às discussões dos butiazais como paisagem, pois percebo que, em narrativas e em imagens produzidas, que há iniciativas dos envolvidos com os butiazais e a Rota do grupo de *WhatsApp*¹⁴ e trabalho sobre a reconstrução do passado, do clima e da vegetação do Butiazal de Tapes.

Schama (1996) vai articular a paisagem da seguinte forma: isola três elementos constitutivos das paisagens agrestes – as árvores, a água e a rocha –, justapondo fatos e símbolos aparentemente dissociados, para o autor,

O que a paisagem e a memória procuram ser é um modo de olhar, de redescobrir o que já possuímos, mas que, de alguma forma, escapa-nos ao reconhecimento e à apreciação. Meu objetivo é apresentar não mais explicação do que perdemos e, sim, uma exploração do que ainda podemos encontrar (SCHAMA, 1996, p. 24).

Dessa forma, o objetivo do autor é descrever os usos, as apropriações e as representações simbólicas da paisagem, isto é, a natureza experimentada como objeto cultural, em que caracteriza a obra como preenchida ideologicamente por significados identitários e simbólicos da nacionalidade, construídos e reproduzidos pela literatura. Os Butiazais podem ser compreendidos como testemunhos excepcionais de uma tradição cultural, como exemplo de ecossistema que ilustra períodos significativos da História do Brasil e do Uruguai; representativo de culturas indígenas, de imigração europeia e da interação de humanos com o ambiente e que está associado a ideias, crenças, obras artesanais, culinária, obras literárias e à construção de memórias.

Schama e Collot são dois estudiosos que abordam as concepções de paisagem em suas respectivas áreas de estudo. Embora suas perspectivas possam ter algumas semelhanças, também apresentam diferenças significativas em relação à forma como compreendem e interpretam a paisagem. Segue no Quadro 3, relação entre as concepções de paisagem destes autores.

¹⁴ Na verdade, o grupo de WhatsApp da Rota, foi criado como uma demanda, no final de 2014, início de 2015, quando o Pillon da Embrapa surge com o termo Rota dos Butiazais, o professor Enio Sosinski e professora Rosa Lia conversaram sobre como articular esses diferentes atores, com o intuito de construir um espaço de diálogo que permitisse o empoderamento das pessoas (NORONHA, 2020).

Quadro 3 – Relações entre as concepções de Schama e Collot

AUTORES	CONCEPÇÕES
Schama	Historiador e crítico de arte que examina a paisagem por meio de uma lente histórica e cultural. A paisagem é um reflexo das experiências e narrativas humanas ao longo do tempo. Ele procura entender a paisagem como um texto carregado de significados, onde cada elemento geográfico e histórico conta uma história. Para Schama, a paisagem é um produto da imaginação e das interpretações humanas, influenciada por fatores sociais, políticos e culturais.
Collot	Filósofo e teórico literário que explora a relação entre a paisagem e a percepção estética. A paisagem é uma experiência sensível e estética, que envolve uma interação entre o sujeito e o mundo exterior. Ele enfatiza a importância dos sentidos, especialmente da visão, na apreensão e construção da paisagem, destaca a dimensão poética da paisagem, considerando-a como uma fonte de inspiração artística e reflexão filosófica.

Fonte: autoria própria, 2023.

Sendo assim, Schama e Collot oferecem perspectivas distintas sobre a paisagem, cada um enfatizando diferentes dimensões e aspectos dessa complexa realidade. Neste sentido suas obras contribuem para um entendimento mais amplo e diversificado da paisagem, enriquecendo o conhecimento sobre sua natureza multifacetada e seu significado para a experiência humana.

Uma vez discutidos os aspectos introdutórios da pesquisa, apresento a estruturação da tese: no primeiro capítulo, **Introdução**, apresento o objeto, recortes espaciais e temporais, problema, objetivos e justificativas da pesquisa. Também, teço comentários sobre alguns itens de bibliografia existente sobre butiazais, o butiá, experiências e posicionamento dos integrantes da Rota dos Butiazais, discuto aspectos teóricos com os quais diálogo quando das respostas aos problemas propostos.

No segundo capítulo, descrevo o percurso metodológico da pesquisa.

No terceiro capítulo, **Os Butiazais e o Butiá**, são apresentadas algumas considerações sobre butiazais e a Rota dos Butiazais. No quarto capítulo **Uma Rede que Conecta Pessoas**, trago o sentido da Rota para os pesquisadores e proprietários/extrativistas. No quinto capítulo **Rota dos Butiazais: O Butiá Além da Cachaça**, descrevo as descobertas e desafios de utilizar o butiá em diferentes receitas culinárias, no artesanato e os impactos gerados pela Rota para alguns dos seus

atores-chave. Por fim, no sexto capítulo **Considerações Finais**, destaco e concluo sobre os achados da pesquisa.

2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

De acordo com Gil (2000), pesquisa é uma conduta coerente e sistemática que objetiva responder aos questionamentos levantados. Neste caso, a investigação é empreendida para atender indagações sobre reconstruções de histórias de vidas e de localidades. Então “[...] nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido em primeiro lugar, um problema da vida prática” (MINAYO, 2015, p. 16).

Para atender aos questionamentos elencados neste trabalho, adotei, a abordagem identificada como qualitativa; esta, segundo Godoy (1995), obtém resultados mediante contato e interação entre pesquisador, sujeitos e objeto de estudo. Para Minayo,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2015, p. 21).

As características da pesquisa qualitativa têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural, valorizando o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente, sujeitos e situação a ser estudada, como pontua Godoy (1995).

Utilizando-se dos pressupostos da pesquisa qualitativa, a investigação foi desenvolvida, tendo em vista seus objetos, de forma descritiva, isto é, a escrita com destaque na abordagem, tanto no processo de interação com o interlocutor, quanto na análise dos resultados, pois, de acordo com Godoy (1995, p. 62), “[...] quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, é possível uma análise qualitativa”.

Quanto aos procedimentos técnicos, procedeu-se à construção do *corpus* da pesquisa da seguinte maneira:

- Pesquisa bibliográfica: busca de teses, dissertações, artigos científicos, boletins e outros que trouxessem elementos sobre a Rota dos Butiazais, Butiazais de Tapes, de Santa Vitória do Palmar e do Vale dos Butiazais de Giruá. Levantamento de textos teóricos sobre rotas turísticas e

temáticas. Estudos sobre memória social, memória e paisagem e memória e meio-ambiente.

- Pesquisa documental: Levantamento de documentos escritos e imagéticos sobre a Rota dos Butiazais e sobre os Butiazais foco do estudo.
- Pesquisa em campo: momento de levar o trabalho teórico à prática. Segundo Minayo (2015), essa fase reúne observação, entrevistas, ou outros tipos de modalidades aplicadas, dependendo do tipo de pesquisa a ser realizada.

Na fase da pesquisa de campo, ocorreram entrevistas com organizadores e fundadores da Rota. Foi utilizada a História Oral como metodologia, embasada no Manual de História Oral, de Verena Alberti. A autora (2013) “arrisca” (suas palavras) uma definição de história oral:

[...] é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou o testemunharam (ALBERTI, 2013, p. 24).

A pesquisa em campo foi o momento de levar à prática o trabalho teórico. Segundo Minayo (2015), essa fase reúne observação, entrevistas, ou outros tipos de modalidades aplicadas, dependendo do tipo de pesquisa a ser realizado. Lévy-Strauss (1975), referido por Minayo (2015), nomeia a pesquisa de campo como “ama de leite”, para contextualizar sua importância.

Para Alberti (2013) antes de dar início a uma pesquisa em campo, necessita-se investigar com exatidão o objeto de pesquisa em fontes primárias e secundárias: “[...] para desempenhar todas as atividades vinculadas à produção das entrevistas” (ALBERTI, 2013, p. 38). A citada pesquisa foi instigada com eficácia junto a indivíduos relacionados com a trajetória da rota, seja em trabalho artístico ou ligado à parte administrativa. Conforme Alberti: “[...] figuras de atuação destacada em relação ao tema, [...] aqueles aos quais se tenha alguma facilidade de acesso [...]” (2013, p. 45).

Já a entrevista de história oral para a Alberti (2013, p. 30) possibilita restaurar “aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais” e impressões pessoais. Desta forma, Alberti relata que a História Oral permite recuperar o “vivido conforme concebido por quem viveu” (2015, p. 31).

Através das entrevistas procurei, conforme Alberti (2013, p. 26) “[...] ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado por meio de estudo aprofundado de experiências e visões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu”. Ainda segundo esta autora, “a entrevista de história oral é basicamente um relato pessoal, transmite uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em dada sociedade”. A concretização da “história oral como metodologia de pesquisa se deve ao fato de a subjetividade e a experiência individual passarem a ser valorizadas como componentes importantes para a compreensão do passado” (ALBERTI, 2000, p. 2).

Já Portelli (2013, p. 21) discute as questões da utilização da oralidade em pesquisas científicas, refere que “na verdade, a comunicação escrita e a comunicação oral não se” eliminam reciprocamente, possuem características comuns, papéis específicos e promovem distintas ferramentas de interpretação. “A subvalorização ou a sobrevalorização das fontes orais acaba por não fazer jus ao valor específico que podem ter, transformando-as em mero suporte das tradicionais fontes ou, em alternativa, numa espécie de cura para todos os males”.

Portelli (2013) assevera que as fontes orais não apenas servem para preencher lacunas permitidas pela ausência de documentação escrita, e considera o oposto, as duas se complementam. Para Souza (2021, p. 59) a História Oral é uma experiência de metodologia diversa, trazendo elementos proeminentes para discussão da narratividade, “a construção de memórias, os esquecimentos e os silêncios em torno de determinado tema e sua abordagem. Ao trabalhar com esta metodologia, o oralista, desde a gravação da entrevista, até a sua transcrição”, deve entendê-la como uma “relação estabelecida entre si e o seu entrevistado, ambos como produtores da fonte”. Conforme Portelli (2013), o testemunho oral é somente uma fonte possível, que existe na medida em que o pesquisador assume a decisão de iniciar uma entrevista. O resultado da investigação é fruto da união de duas narrativas, a do entrevistado e a do entrevistador, estando presentes no momento da escrita do texto.

Alberti (2013) salienta que antes de começar a pesquisa de campo, deve-se investigar à exaustão do objeto de pesquisa em fontes primárias e secundárias: “[...] para desempenhar todas as atividades vinculadas à produção das entrevistas” (ALBERTI, 2013, p. 38). A pesquisa em campo foi desenvolvida junto a indivíduos que estão relacionados com a Rota desde a sua criação, seja em questão de trabalho artístico ou ligado à parte administrativa e/ou de sua criação. De acordo com a autora, “[...] figuras de atuação destacada em relação ao tema, [...] aqueles aos quais se tenha alguma facilidade de acesso” (ALBERTI, 2013, p. 45.).

Alberti (2013) pontua que algumas entrevistas se desdobram em outras, se for necessário, caso as pessoas elencadas previamente, não respondam ao problema de pesquisa, ou mudem de ideia quanto à participação, outras serão selecionadas, no entanto, com o mesmo critério de escolha, ou seja, familiaridade com o tema proposto.

Optei pela entrevista do tipo temático, a qual versa sobre a participação do entrevistado no tema proposto. Dessa forma, foram gravadas em áudio para estreitar a participação e o olhar do entrevistado a respeito das suas memórias sobre sua participação como proprietário de butiazal, pesquisador, extrativista ou como artesão, ou profissional da gastronomia na Rota dos Butiazais. As entrevistas foram realizadas entre os meses de maio de 2022 a setembro de 2023, conforme cronograma acordado com os entrevistados, respeitando a disponibilidade de cada um.

Para fins de autorização de áudios e possíveis imagens dos entrevistados, foram assinados pelos entrevistados envolvidos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de acordo com a Lei dos Direitos Autorais nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Após a realização de todas as entrevistas, estas foram transcritas e encaminhadas aos entrevistados para conhecimento e posterior autorização dos conteúdos via TCLE.

Cabe explicar que o delineamento da pesquisa previa estudos em algumas cidades da Rota, no entanto, com o advento da pandemia do COVID-19 e seu longo período de ocorrência, defini que as entrevistas seriam realizadas por campo eletrônico, utilizando a rede social WhatsApp, por áudio e vídeo, de forma síncrona. Na medida do possível, algumas das entrevistas foram realizadas presencialmente.

Quanto à metodologia da História Oral e a realização de entrevistas à distância, busquei aportes em texto de Santhiago e Magalhães (2020, doc. eletrônico, s/p.):

Um primeiro caminho para conhecer experiências no uso de entrevistas online é uma breve revisão bibliográfica, para além de nossa própria área, focalizando relatos de pesquisa nos quais o diálogo à distância - nem sempre qualificado como entrevista - é apreciado como uma ferramenta para coleta de dados, em interações audiovisuais síncronas, isto é, em tempo real. Estas são as que nos interessam, capacitadas para abrigar a substância de nosso trabalho, retendo aspectos críticos da entrevista de história oral: a oralidade (e com ela seus recursos expressivos, como a entonação, a qualidade vocal, entre outros), a imediatez (a narração e a escuta acontecendo em simultaneidade, garantindo a elaboração em tempo real dos relatos de memória, cuja flexibilidade é constricta ao próprio desenrolar da entrevista), a dialogicidade (a possibilidade de reação e interferência e a flexibilização dos papéis desempenhados na entrevista), a situacionalidade (o acesso, mesmo que relativo, ao contexto no qual o narrador está inserido no momento da narração).

A utilização do Whatsapp e do recurso Google meet facilitaram as comunicações em tempos pandêmicos, mas não nos abstendo de observar as reações dos entrevistados, isto é, expressões faciais, os ritmos das narrativas, as emoções, ou seja, pistas verbais e não verbais.

Conforme indicam os autores citados (2020), é necessário ter boas condições de acesso à Internet, manter um ambiente com o mínimo de ruídos, tendo em vista a qualidade do áudio, garantir ao/a entrevistado/a as informações sobre o projeto de pesquisa, sobre o/a pesquisador/a, sobre a disponibilização da gravação para conferência, sobre o TCLE e sua assinatura. Talvez, em casos de entrevistas de histórias de vida, tendo em vista do tempo em frente a tela de um computador, seja necessário realizar mais encontros para a comodidade do/a entrevista/o e entrevistador/a.

Para melhor atender aos objetivos, a pesquisa foi organizada em etapas.

2.1 Etapas da pesquisa

2.1.1 Pesquisa em campo ou por meios eletrônicos

Todos os participantes envolvidos na pesquisa autorizam a utilização de seus nomes verdadeiros. Alguns contatos com envolvidos com a Rota foram feitos via *WhatsApp* e as entrevistas foram realizadas por meio eletrônico, conforme Quadro 4.

Quadro 4 – Informações sobre entrevistados relacionados à Rota dos Butiazais, por meio eletrônico

Entrevistado/a	Envolvimento na Rota dos Butiazais	Data	Local de atuação
Maiara Bonfanti	Empresária. Produz bolsas artesanais com fibras do butiazeiro	30/06/21	Giruá
Rosa Lia Barbieri	Pesquisadora da Embrapa Clima Temperado	30/06/23 15/09/23	EMBRAPA
Marene Marchi	Embrapa Clima Temperado, da Rota dos Butiazais - Red Palmar, com projeto que visa a conservação pelo uso dos butiazais no Brasil, Uruguai e Argentina, como uma estratégia de sustentabilidade do Bioma Pampa.	23/06/23	EMBRAPA
Cecilia Maicá	Poeta	17/03/23	Giruá

Fonte: Autoria própria, 2023.

A seguir, no Quadro 5 relacionou-se os entrevistados presencialmente.

Quadro 5 – Informações sobre entrevistados relacionados à Rota dos Butiazais, presencialmente

Entrevistado/a	Envolvimento na Rota dos Butiazais	Data	Local de atuação
Carmen Heller Barros	Proprietária da Fazenda São Miguel e pesquisadora da BUTIAZAL Essências	30/08/23	Porto Alegre
Antônio Augusto Mendes dos Santos ¹⁵	Coordenador da Fortaleza do Butiá do Litoral Catarinense, diretor da Associação Slow Food do Brasil, Pescaria Brava, SC.	15/03/22	Pescaria Brava/SC
Valzulmiro Fernandes	Proprietário do Vale dos Butiazais de Giruá	Mar/2016	Giruá
Marizete Fernandes	Proprietária do vale dos Butiazais de Giruá	Mar/2016	Giruá

Fonte: Autoria própria, 2023.

2.1.2 Organização e análise de dados

Nesta etapa, deu-se o momento de organização e análise dos materiais obtidos por pesquisas e colhidos através de entrevistas e também para a verificação relativa a esses dados. A análise temática foi o método utilizado para a interpretação das memórias. “A análise envolve um vaivém constante entre o banco de dados, os

¹⁵ Antonio atualmente reside em SC, mas anteriormente morava em Butiá, município do RS e auxiliou na criação da Rota. Depois se mudou para SC e continuou trabalhando com os butiazeiros do Rio Grande.

trechos codificados e a análise dos dados que se está produzindo a partir destes trechos. O processo termina com o relatório dos padrões (temas) nos dados” (SOUZA, 2019, p. 54).

Para Lakatos e Marconi (2009), trata-se da “[...] compreensão e apreensão do texto, ou seja, ideias, problemas, processos de raciocínio, comparações e esquema do pensamento do autor” (p. 28).

O processo temático de análise visa os seguintes passos, de acordo com Abbud (2002) e Lakatos e Marconi (2009):

1. determinar o tema problema do texto/narrativa oral;
2. determinar a ideia central e as ideias secundárias do texto/narrativa oral;
3. refazer a linha de raciocínio do autor, ou seja, reconstruir o processo lógico do pensamento do autor;
4. evidenciar os argumentos que o autor utiliza (pressupostos implícitos e explícitos que fundamentam a argumentação);
5. evidenciar as conclusões a que o autor chega, estabelecendo relações com os referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa.

Uma vez explicitada a metodologia adotada, passo a apresentar considerações sobre butiazais e a Rota dos Butiazais.

3 OS BUTIAZAIS E O BUTIÁ

Os butiazais podem ser compreendidos como testemunhos excepcionais de uma tradição cultural e como exemplo de ecossistema que ilustra períodos significativos da história do Rio Grande do Sul, Brasil e Uruguai. Neste sentido, é representativo de culturas indígenas, de imigração europeia e de interação de humanos com o ambiente, associado às ideias, crenças, obras artesanais, culinária, obras literárias e à construção de memórias. Também representa área de beleza natural, sendo habitat de espécies que têm valor na salvaguarda de outros ecossistemas. Considera-se que, da imbricada relação do homem com a natureza, surge uma característica fundamental de paisagem cultural em que

[...] a ocorrência, em determinada fração territorial, do convívio entre a natureza, os espaços construídos e ocupados, os modos de produção e as atividades culturais e sociais, numa relação complementar capaz de estabelecer uma identidade que não possa ser conferida por qualquer um desses elementos isoladamente (IPHAN, 2009, s/p.).

O butiazal tem grande importância para as pessoas que vivem no Bioma Pampa¹⁶, em virtude do patrimônio cultural associado, além da utilização dos frutos e folhas na fabricação de diversos produtos. O povo guarani que habitava o Pampa fazia uso de butiás para sua alimentação (comiam a amêndoa que ficava dentro do coquinho). Eles produziam, inclusive, instrumentos de pedra polida para quebrar os coquinhos, no Brasil chamado de “quebra-coquinhos” e de “rompecocos” no Uruguai (BARBIERI; RIVAS, 2014). Continuamente a Figura 8 exemplifica a pedra utilizada para romper as amêndoas do butiá:

¹⁶ Bioma Pampa: patrimônio cultural e ambiental “Os pampas sul-americanos ou campos sulinos, como são conhecidos, representados no Brasil apenas no Rio Grande do Sul, estendem-se por aproximadamente 63% de seu território, e abrangem também o Uruguai, a Argentina e o extremo Sul do Paraguai (SUERTEGARAY; SILVA, 2009, p. 44). O termo de origem quíchua (ou quéchua), língua aborígine da América do Sul, Pampa significa “região plana” e está associado à paisagem dominante de extensas planícies cobertas de vegetação rasteira, características do extremo Sul do território brasileiro” (SUERTEGARAY; SILVA, 2009, p. 45) (PANFLETO BIODIVERSIDADE, 2016).

Figura 8 – Pedra polida para quebrar coquinhos



Fonte: Barbieri e Rivas, 2014.

Além da alimentação da polpa da fruta e da amêndoa, suas habitações eram cobertas com as folhas da planta e estas serviam também para fazer cestas, armadilhas para caça e pesca, chapéus e redes (BARBIERI; RIVAS, 2014).

Ainda segundo Barbieri e Rivas (2014), os currais de butiazeiros, datados do período colonial — criados para conter o gado —, que existiam no Brasil e Uruguai são outro exemplo de uso dos butiazais. A ilustração abaixo representa “el curral del palmar”.

Figura 9 – Curral de butiazeiros onde cercavam o gado no período colonial



Fonte: Acervo de Néstor Rocha.

Além do emprego de butiazeiros como forma de confinar o gado, as folhas eram utilizadas como enchimento de colchões, a chamada “crina vegetal”.

Na primeira metade do século 20, as folhas eram usadas para produzir uma crina vegetal, utilizada como enchimento de colchões e móveis estofados. Essa fibra também era usada para fazer solados de alpargatas, tapetes e diversos utensílios domésticos. A produção de crina vegetal foi uma atividade muito lucrativa até cerca de 1960, quando deixou de ser importante devido à substituição por fibras sintéticas (BARBIERI; RIVAS, 2014, p. 24).

Conforme foi relatado por Valzulmiro Fernandes¹⁷, proprietário do Vale dos Butiazais de Giruá, ele foi grande produtor de crina vegetal, que distribuía em toda a Região Missioneira¹⁸ nas décadas de 1960 e 1970. Inclusive, dispunham de uma máquina artesanal que cortava e afinava as folhas, isso remete vividamente ao trabalho junto aos butiazais, à relação de uso sustentável e à identidade conferida aos artesãos e culinários do butiá.

Em tempos antigos, as folhas eram utilizadas pelos guaranis para cobertura das habitações e o tronco como madeira (SILVA; PENNA; CARNEIRO, 2009). Atualmente, os guaranis da etnia Mbyá ainda produzem artesanatos com a palha do butiazeiro, como cestos, chapéus e os comercializam nos centros das cidades, de acordo com Baptista (2011).

O butiazeiro é um gênero de palmeira (família *Arecaceae*), de ocorrência na América do Sul. Há em torno de vinte espécies distribuídas entre Brasil, Argentina e Uruguai (BARBIERI; RIVAS, 2014). A espécie *Butia odorata*, nativa do Bioma Pampa, intercorre apenas no Rio Grande do Sul (Brasil) e no leste do Uruguai. Os agrupamentos dessas palmeiras, na natureza, são conhecidos como butiazais ou palmares, com variação de poucas dezenas até centenas de plantas por hectare (EMBRAPA, 2016).

Além da questão paisagística, há rica flora e fauna associada aos butiazais, que também abrigam diversidade de espécies herbáceas, segundo Barbieri e Rivas (2014), o “[...] ecossistema dos butiazais é reconhecido por seu valor paisagístico, de biodiversidade e histórico-cultural” (p. 14).

¹⁷ Relato a partir de entrevistas (2017).

¹⁸ Por Região Missioneira, entende-se o fato de que nessa região foram edificadas, entre os séculos XVII e XVIII, as reduções jesuíticas do povo guarani, chamadas Missões. No lado brasileiro, foram criadas sete reduções, denominadas de Sete Povos das Missões. (STELLO, 2013).

Esta palmeira actóctona llega a vivir más de 200 años. Tiene flores amarillas en conjuntos densos y frutos anaranjados y dulces. Junto a La yatay crecen arbustos como lachilca y hierbas de floración notable como diversas margaritas y verbenas (PANFLETO DO PARQUE NACIONAL EL PALMAR, 2015, s/p.)¹⁹

O butiazeiro é decorativo devido ao seu porte majestoso e a resistência a baixas temperaturas, o caule serve como espécie de hospedeiro para outras plantas ornamentais, como bromélias, orquídeas e samambaias (EMBRAPA, 2016). Além da questão ornamental, os butiazais servem de fonte de alimentos para diversos representantes da fauna nativa: mão-pelada, graxaim, gambá, ouriço, caturritas, tucanuçu, ema, veado, algumas espécies de lagarto e também os que atuam dispersando as sementes de butiá (BARBIERI; RIVAS, 2014).

Dessa forma, “A preservação dos butiazais implica não apenas conservar os butiazeiros, mas também a fauna e a flora que vive associada a esse ecossistema” (BARBIERI; RIVAS, 2014, p. 15). A produção dos frutos de butiá inicia-se de 6 a 15 anos após o plantio e germinação. Todos os anos, as plantas continuam a produzir; e o resultado dessa produção varia de acordo com o número de cachos, condições climáticas e idade da planta; cabe salientar que até mesmo plantas centenárias produzem frutos e esses atuam como importantes fontes de vitaminas, pois

A polpa dos frutos é rica em vitamina C e carotenoides, que são substâncias com atividades antioxidantes, ou seja, atuam na manutenção da saúde. Além disso, também apresentam altas concentrações de potássio, o qual é importante para regular o funcionamento do organismo (BARBIERI; RIVAS, 2014, p. 21).

Dessa forma, os palmares, além da importância econômica em função de gastronomia e artesanato, são fontes de proteínas e vitaminas para aqueles que o consomem; além de fonte de alimento para várias espécies.

As comunidades que vivem em lugares de ocorrência dessas palmeiras, historicamente, utilizam os frutos para diferentes fins. Segundo Noronha; Barbieri e Sosinski Junior (2015), utiliza-se o butiá na alimentação, com frutos *in natura*, pratos e bebidas típicas, tais como sagu de butiá e licores, além de seu emprego no artesanato por meio da utilização de folhas e caroços.

¹⁹ Tradução de autoria própria: “Esta palmeira original chega a viver mais de 200 anos. Tem flores amarelas em conjuntos densos e frutos alaranjados e doces. Junto ao yatay, crescem arbustos como a erva medicinal e ervas de flores notáveis como espécies de margaridas e verbenas” (PANFLETO DO PARQUE NACIONAL EL PALMAR).

Atualmente, a utilização do fruto foi potencializada em diversas frentes de consumo:

Os frutos são consumidos frescos ou usados para produzir vários tipos de alimentos (geleias, sorvetes, bombons e mousses, bebidas: sucos, licores e cachaça com butiá) e artesanatos. As amêndoas também são consumidas e usadas em diversos produtos alimentícios, principalmente no Uruguai, como biscoitos, tortas, bombons e o tradicional “café de coco” (BARBIERI; RIVAS, 2014, p. 26).

Além do emprego na gastronomia e artesanato, também é utilizado culturalmente, isto é, nas expressões culturais, devido ao vínculo afetivo desenvolvido por habitantes do Bioma Pampa com o butiá. Essa afetividade é expressa na literatura, em símbolos municipais e oficiais. Segundo Barbieri e Rivas (2014), a cidade de Rocha, no Uruguai, tem em seu hino e no escudo essas palmeiras como tema. Também em Castillos, Uruguai, festeja-se o butiá com o festival “Festival de Canto y Butiá”, além de canções uruguaias que citam o butiá, sendo “*Caña com Butiá*” de H. Ochoa e N. Pereyra a mais conhecida.

O Rio Grande do Sul tem vários municípios com o nome relacionado ao butiá e também escudo e hino que remetem ao fruto. O escritor gaúcho João Simões de Lopes Neto, de acordo com Barbieri e Rivas (2014), no conto “*Contrabandista*” da obra *Contos Gauchescos* também cita o butiá: “Havia na casa uma gentama convidada; da vila, vizinhos, os padrinhos, autoridades, moçada. Havia de se dançar três dias!... Corria o amargo e copinhos de Licor de Butiá” (BARBIERI; RIVAS, 2014, p. 33).

Os butiazais podem ser considerados como paisagens, as quais estão relacionadas a períodos históricos do Rio Grande do Sul e do Uruguai, por envolver povos originários, colonizadores luso-açorianos e contingentes de populações de imigrantes europeus. A interação dos humanos com esses ecossistemas é descrita na literatura e na música sul-rio-grandense, na produção de saberes e fazeres, traduzida em práticas culturais, em crenças, inspiração para mitos e rituais, principalmente relacionados às populações indígenas.

A seguir, trago informações a respeito de duas espécies de butiá do Bioma Pampa e Mata Atlântica, em forma de ficha técnica.

Figura 10 – Ficha técnica *Butia Odorata*

	FICHA TÉCNICA DO BUTIÁ
Família	<i>Areaceae</i>
Nome Científico	<i>Butia Odorata</i>
Nome comum	Butiá
Características da planta	Porte arbóreo, crescimento lento e contínuo, pode atingir até 12m de altura e idade superior a 200 anos.
Áreas de ocorrência	Pampa brasileiro e uruguaio.
Uso dos frutos	Consumo <i>in natura</i> , geleias, sucos, licores, sorvetes, bolos, doces, bombons, molhos, artesanato.
Uso das folhas	Artesanato
Uso da Planta	Ornamental
Período de floração	Setembro a janeiro
Cores das flores	Amarelas, rosada ou púrpura
Período de frutificação	Fevereiro a abril
Cores dos frutos maduros	Diferentes tonalidades de amarelo, alaranjado, avermelhado, púrpura ou esverdeado.
Número de cachos por planta	Pode produzir até 7 cachos por planta.
Número de frutos por cacho	Pode produzir até 1.300 frutos por cacho.
Peso do cacho	Pode atingir 15kg.
Peso do fruto inteiro	De 7g a 14g
Porcentagem de polpa por fruto	Cerca de 70%
Sementes por fruto	De 1 a 3 (as sementes ficam dentro do coquinho).

Fonte: Adaptado pela autora, a partir de Rosa Lia Barbieri e Mercedes Rivas (2014).

A Figura a seguir, refere-se ao Butiá Yatay.

Figura 11 – Ficha técnica *butia Yatay*

	FICHA TÉCNICA DO BUTIÁ
Família	<i>Areceaceae</i>
Nome científico	<i>Butia Yatay</i>
Nome comum	Butiá
Característica da planta	Palmeira de crescimento lento, com haste ereta, pode medir cerca de 10m de altura. E pode viver em ambientes frios ou quentes.
Áreas de ocorrência	Pampa brasileiro, uruguaio e argentino. Mata Atlântica.
Uso dos frutos	Consumo <i>in natura</i> , geleias, sucos, licores, sorvetes, bolos, doces, bombons, molhos, artesanato.
Uso das folhas	Artesanato.
Uso da Planta	Ornamental.
Período da floração	Durante a primavera.
Cores das flores	Amarelas, amarelas arroxeadas, amarelas esverdeadas ou apenas arroxeadas.
Período de frutificação	Durante os meses de verão e outono.
Cores dos frutos maduros	Amarelos, alaranjados, vermelhos ou purpúreos.
Peso do fruto inteiro	Frutos medem até 4,2 cm de comprimento e 2,8 cm de diâmetro.

Fonte: Adaptado pela autora, a partir de Rosa Lia Barbieri e Mercedes Rivas (2014).

3.1 Vale dos Butiazais de Giruá/RS

O Vale dos Butiazais está situado no município de Giruá/RS, a 6 km do centro de Giruá, RS 15, antiga estrada de chão que acessava a cidade de Santo Ângelo/RS, às margens do rio que deu origem ao primeiro nome de Giruá: Passo da Pedra. Há mais de um século o Vale pertence à família Fernandes, sendo deixado por herança a cada geração. Com base nas informações de Marizete Fernandes:

Então lá o Vale foi comprado pelo Vô José e ficou para os filhos, ficou para a Vó primeiro, Vó Domingas, que depois deixou de herança para os filhos e... na verdade é uma grande herança, uma riqueza bem grande, pelo valor cultural, pelo valor natural... (2015).

A família Fernandes atribui grande valor (cultural) ao Vale, abrindo o espaço para escolares, para pesquisadores e interessados no assunto. A família tem, como um dos meios de renda, a comercialização da fruta, folha e caroço como relata Valzumiro Fernandes, proprietário do Vale.

Eu comecei a ganhar dinheiro com a fruta do butiá que eu vendia na beira da estrada, [...] fui fazendo meus dinheirinho e primeira coisa que comprei foi um par de sapato, primeiro sapato que calcei. Depois fui vendendo mais e mais tarde comprei uma bicicleta zero quilômetro, nova também, foi as duas únicas coisas que eu lembro agora que comprei com o dinheiro do butiá, que eu era ainda piá, novo. (2015).

A fruta era vendida “debulhada” do cacho, como relatou Valzumiro, e colocada em “redezinhas” ou “punhado”, que continham em torno de vinte “frutinhas”. Algumas pessoas compravam o cacho todo. A seguir, na Figura 12, imagem de cacho de butiá.

Figura 12 – Imagem de cacho de butiá



Fonte: Acervo de imagens de Marizete Fernandes (2015).

Diversas pesquisas são realizadas no Vale, dentre elas, destaca-se a de uma pesquisadora da Califórnia (Estados Unidos) que datou alguns butiazeiros.

[...] quanto à idade dos pés de butiazeiro, vieram algumas pessoas, veio uma pesquisadora da Califórnia que atestou cerca de 300 anos [para] os pés mais velhos, veio o pessoal da Embrapa Clima Temperado de Pelotas, que disse, contou num dos pés lá maiores, achou que deveria ter uns 250 anos [...] (Marizete Fernandes, 2015).

A idade de um butiazeiro é contada a partir de quantos cicatrizes há no estipe (caule) da planta. A seguir uma imagem (Figura 13) que ilustra essa informação:

Figura 13 – Imagem das cicatrizes das bases das folhas no estipe (caule) do butiazeiro



Fonte: Acervo de Marizete Fernandes (2015).

O Vale está preservado para essas ações culturais, devido a terra em que estão os butiazeiros remanescentes do período indígena, como contam os giruaenses, não serem boas para o plantio.

[...] bem eu conheci o os butiazais esse quando eu tinha 6 anos, aí nós cortava folha do butiá para fazer colchão depois terminou a fábrica de crina²⁰ de fazer colchão e aí deixamo só pra come fruta e vende na beira da estrada e foi conservado porque o a maioria dos butiazal foi arrancada pra prantação de linhaça e trigo depois viro em soja também [...] foi arrendado pra uns linhacero que disseram que veio de otro lugar e foi arrendado e foi arrancado todos butiazal **só sobrou aquele reduto ali porque não era próprio pra**

²⁰Crina vegetal: palha da folha do butiazeiro, utilizada para confeccionar colchões. Utilizou-se esse material até a inclusão do colchão de espuma.

terra, não era terra de campo alto, assim né, sobrou aquele porque era mais baixo e fico, fico até hoje daí. (Valzulmiro Fernandes, 2015) (Grifo da pesquisadora).

Atualmente, Valzulmiro planta mudas de butiá para preservar o Vale. No entanto, nem todas as mudas são nativas, da espécie yatai, característica da espécie giruaense e de algumas localidades uruguaias, de acordo com Rivas e Barbieri (2014). O Vale já teve mais de 1000 butiazeiros; hoje em dia conta com menos de 300.

Eu resolvi pranta porque tava no fim os butiazero, os butiazero tão ficando muito velho e daí eu resolvi então a pranta. E daí tinha que legalizar e tudo e foi pra Porto Alegre e tá legalizado. O poquinho que eu plantei quarenta pés, os primero quarenta pé ta tudo legalizadinho lá e depois to plantando, cada ano pranto um poco. Já tem mais de uns cento e poucos plantados. (Valzulmiro Fernandes, 2015).

Não há modo de passear pelo Vale dos Butiazais, sentir o cheiro de butiá e não ser conduzido à infância, aos doces e compotas produzidos por nossos familiares. Até mesmo vídeos produzidos tendo o escopo de pesquisa, reproduzem imagens que remetem ao convívio e aos hábitos alimentares que nos seguem até a maioridade. Essas recordações são importantes para a compreensão do patrimônio passado de geração a geração e o reconhecimento de sua história, ancorada em suas lembranças.

As próximas ilustrações retratam a beleza do Vale dos Butiazais.

Figura 14 – Imagem do Vale dos Butiazais de Giruá



Fonte: Acervo de Marizete Fernandes (2015).

Figura 15 – Vale dos Butiazais em Giruá, RS (2015)



Fonte: Acervo de Adriana Felini (2015).

Ao fazer a transição do Butiazal de Giruá para o Butiazal de Tapes, reconheço o valor das lembranças como parte do patrimônio, a sociedade pode construir uma narrativa mais completa e autêntica sobre seu passado. Isso contribui para a construção de uma identidade coletiva e fortalece a valorização da história e cultura de uma comunidade.

3.2 Butiazais de Tapes/RS

Os Butiazais de Tapes estão localizados na Fazenda São Miguel, no município de Tapes/RS. Localizado às margens da Laguna dos Patos, o Butiazal de Tapes é o palmar de Butiá mais antigo e preservado do Brasil. A região conta com mais de 700 hectares da fruta alaranjada de sabor cítrico e que faz parte do imaginário e da cultura gaúcha.

O uso desta palmeira vem de antes do século XX onde a sua folha foi utilizada em diversas aplicações, a principal delas foi para a fabricação da crina vegetal, sendo a cidade de Tapes/RS por anos a principal produtora e exportadora da matéria prima no Brasil. A crina vegetal era utilizada principalmente para a fabricação de colchões e outros estofados.

Se antigamente as palhas do butiazeiro eram usadas para fabricação de colchões, hoje elas se transformam em artigos de decoração e vestuário. Já o fruto é

bem democrático vira geleia, licor, bolo, suco e o que a imaginação criar. (BUTIA TURISMO, 2020).

“Quem visita a fazenda São Miguel, na cidade de Tapes, a cerca de 100 quilômetros de Porto Alegre, encontra uma plantação com 700 hectares de uma fruta popular no Rio Grande do Sul: o butiá” (G1, 2017, s/p.). Pesquisadores da Embrapa foram atraídos há sete anos para estudar uma das mais antigas plantações de butiás do país. As palmeiras da Fazenda São Miguel produzem a fruta há cerca de 200 anos. E das palhas, tinham um negócio rentável de crina, de acordo com Carmem Heller de Barros:

[...] Eu conheço butiazal desde que eu sou criança. A gente ia para a propriedade, né? E a Mãe ia na casa dos crineiros. Eu acho que devia ter cinco ou seis crineiros ou menos, não sei, por que as coisas foram mudando ao longo do tempo. Então eu nasci em 55, na década de 60 o uso da palha do butiá caiu totalmente em desuso, né. Foi aí que muita coisa mudou a partir da década de 60 em função do advento das espumas. Porque a verdade, né, tem que ser dita: os colchões, os estofados da palha de butiá eram horríveis, horríveis (risos). Bom, então, mas era um negócio muito rentável. Eu ainda vi ser feita crina, né, já era, não era mais com tração animal [...] já era com uma máquina e não mais com tração animal, mas eu me lembro da gente ir na casa dos crineiros. Me lembro assim, eles levavam de carreta os fardos de crina até um galpão onde essa crina era pesada e depois vinha um caminhão que levava a crina. E era um negócio muito rentável. Na época, antes de eu nascer era o que mais dava dinheiro na fazenda. Sempre se plantou arroz, né, mas a crina era um excelente negócio, inclusive exportavam mandavam para o Nordeste, mas tipo assim 100kg de crina chegava no Nordeste 50kg, desidratando (risos).

Figura 16 – Butiazal em Tapes/RS



Fonte: Foto de Claudete Clarice Mistura.

Figura 17 – Butiazeiros e Butiazais



Fonte: Foto Carmen Heller Barros.

Destaco ainda, que o Butiazal de Tapes conquistou o prêmio de segundo lugar no *Encontro Internacional dos Pesquisadores de Fitólitos* (a análise de fitólitos foi a principal técnica de pesquisa utilizada). Entre oitenta trabalhos do mundo todo, o butiazal ficou em segundo.

A seguir apresenta-se um levantamento feito no google acadêmico sobre artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e tese, realizados a partir de pesquisas na fazenda São Miguel, na cidade de Tapes, sobre butiás.

Quadro 6 – Trabalhos realizados na fazenda São Miguel tendo o butiá como tema

Tipo de trabalho/Ano	Autor/es	Título	Palavras-chave:	Revista ou Instituição
Artigo 2023	Vahl, D. R.; Heiden, G.; Lessa, I.; Iganci, J.	Leguminosae na área de conservação in situ do butiazal da Fazenda São Miguel, Tapes, Rio Grande do Sul	Butia, Campos, Florística, Mata Atlântica, Pampa	Heringia, Série Botânica
Artigo 2010	Bes, D.; Torgan, L. C.;	O gênero <i>Nitzschia</i> (Bacillariaceae) em ambientes lacustres na Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil	Diatomáceas, morfologia, taxonomia	Rodriguésia
Artigo 2023	Marchi, M. M.; Barbieri, R. L.; Sallés,	Flora herbácea e subarbutiva associada a um ecossistema de	Butia odorata; conservação in situ; diversidade	Rodriguésia

	J. M.; Costa, F. A	butiazal no Bioma Pampa	vegetal; florística; vegetação campeste	
Artigo 2012	Mistura, C. C.; Barbieri, R. L.; Castro, C. M.; Priori, D.; Villela, J. C. B.	Transferibilidade de marcadores microsatélites de coco (<i>Cocos nucifera</i>) para butiá (<i>Butia odorata</i>)	Arecaceae, recursos genéticos, SSR, variabilidade genética, primers	Magistra, Cruz das Almas-BA
Dissertação 2007	Bicca, Aline Brugalli	A família Eunotiaceae Kutzing (Eunotiales, Bacillariophyta) nas áreas da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, planície costeira do RS: taxonomia e distribuição	Não Consta	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. PPG em Botânica
Trabalho de Conclusão de Curso 2017	Pustai, Debora Luísa	Paragem das Figueiras: um ponto de parada na rota dos butiazais	Não Consta	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Curso de Arquitetura e Urbanismo
Dissertação 2016	Hagemann, Anelise	Contribuições do manejo conservativo à conservação in situ de <i>Butia odorata</i> (Arecaceae) no Bioma Pampa	Recursos genéticos, Arecaceae, butiá, campo nativo	Universidade Federal de Pelotas PPG em Agronomia
Livro 2022	Tozetti, A. Marques; farina, R. Krentz; raguse- quadros, Mateus (Orgs.)	Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel	História da ecologia; Fazenda São Miguel; Butiazais; Patrimônio natural; Brasil.	Porto Alegre, RS: Editora Fi
Artigo 2019	Marchia, M. M.; Barbierib, R. L.; Júnior, E. E. S.	Recursos Genéticos e a conservação in situ de ecossistemas de butiazais no Sul do Brasil	Bioma Pampa, Butia, Uso sustentável, Rota dos Butiazais, Sociobiodiversi- dade	Revista RG News: Sociedade Brasileira de Recursos Genéticos
Artigo 2017	Padilha, H. K. M., Mistura, C. C., Villela, J. C. B., Rivas, M., Heiden, G.,	Avaliação da produção de cachos de frutas em palmeiras de Butiá (<i>Butia odorata</i> (Barb. Rodr.) Noblick & Lorenzi)	<i>Butia</i> genus, P almeiras nativas, Recurs os genéticos	MAGISTRA UFB

	& Barbieri, R. L.			
Dissertação 2018	Fernandes, R. C.	Regeneração e conservação in situ de recursos genéticos de butiá (<i>Butia odorata</i> , Arecaceae)	Caracterização , palmeiras, banco de sementes do solo, práticas de manejo.	Universidade Federal de Pelotas PPG em Agronomia
Dissertação 2019	Salgado, Eduardo Trein	Reconstrução paleoambiental e paleoclimática do holoceno na Planície Costeira do Rio Grande do Sul com base na evolução do Butiazal dos Tapes - uma aplicação de bioindicadores		Universidade Federal do Rio Grande do Sul. PPG em Geociências
Tese 2013	MISTURA, Claudete Clarice	Caracterização de recursos genéticos de <i>Butia odorata</i> no Bioma Pampa	Arecaceae. Butiá. Microsatélites. Variabilidade Genética. Descritores Morfológicos. Conservação in situ	Universidade Federal de Pelotas PPG em Agronomia

Fonte: autoria própria, 2023.

Diante do exposto, foram encontrados: 1 trabalho de conclusão de curso da graduação, 1 livro, 6 artigos, 4 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado, escritos com pesquisas diretamente na Fazenda São Miguel.

As recordações são vistas como elementos significativos na preservação e compreensão do patrimônio passado de uma comunidade, transmitindo conhecimento, preservando a identidade cultural e enriquecendo a compreensão da história a partir de infinitos trabalhos científicos.

3.3 Butiazal de Santa Vitória do Palmar/RS

Santa Vitória do Palmar foi inserida na Rota dos Butiazais no ano de 2016, com o propósito de fomentar e divulgar a região, entre as demais localidades da Rota. Tendo sido realizado técnico, palestra de apresentação da Rota para a população santa-vitoriense e uma reunião para discutir as potencialidades turísticas da região e demais atividades relacionadas ao butiá, nota-se também um aumento na motivação da população local na conservação e plantio de butiazeiros, tanto nas áreas rurais quanto em áreas urbanas (de forma ornamental). Giruá, Tapes e Santa Vitória do

Palmar são os municípios mais atuantes na Rota dos Butiazais, por já estarem realizando o extrativismo do butiá de forma sustentável (IEPSEN, 2017). A seguir, imagem ilustrando butiazeiro de Santa Vitória do Palmar (Figura 18).

Figura 18 – Butiazeiro de Santa Vitória do Palmar/RS



Fonte: Acervo de Leomar Iepsen (2017).

A população de Santa da Vitória do Palmar tem uma identificação e um valor afetivo muito grande com o butiá, até porque no nome, brasão e no hino do município está inserido o Palmar (butiá). (IEPSEN, 2017). Os artesãos são componentes importantes deste trabalho, uma das mais atuantes no município de Santa Vitória do Palmar é a artesã Marizete Borges, que trabalha na confecção de artesanatos em palha e fibra do butiá, também está constantemente inovando receitas de culinária do fruto de butiá (IEPSEN, 2017). A Figura 19 mostra a variedade de produtos feitos com butiá.

Figura 19 – Gastronomia com Butiá



Fonte: Acervo de Marizete Borges (2016).

Cabe salientar que as pesquisas e as bibliografias relacionadas com o butiá são recentes, ainda temos muito a explorar sobre o tema.

3.4 Os Butiazais e o Butiá – Memória, Paisagem

Os Butiazais podem ser compreendidos como testemunhos excepcionais de uma tradição cultural e como exemplo de ecossistema que ilustra períodos significativos da história do Rio Grande do Sul e do Brasil. Neste sentido, é representativo de culturas indígenas, de imigração europeia e de interação de humanos com o ambiente e está associado a ideias, crenças, obras artesanais, culinária, obras literárias e à construção de memórias. Também representa área de beleza natural, sendo habitat de espécies que têm valor na salvaguarda de outros ecossistemas.

A ocorrência dos butiazais está relacionada ao bioma Pampa e caracterizá-lo como paisagem, independentemente do autor, torna-se complexo, uma vez que se trata de conceito polissêmico, não tendo como estruturá-lo em apenas uma área do saber. De acordo com Rodriguez (1984) uma parte das escolas geográficas, tomam como noção de paisagem um todo sintético, combinando a natureza, a economia, a sociedade, a cultura e a religião. Os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano no passado e dimensão ou grandeza de uma paisagem depende de quem a vê

(SANTOS, 1996). Schama (1996) vai articular a paisagem da seguinte forma: isola três elementos constitutivos das paisagens agrestes – as árvores, a água e a rocha - , justapondo fatos e símbolos aparentemente dissociados.

O que a paisagem e a memória procura ser é um modo de olhar, de redescobrir o que já possuímos, mas que, de alguma forma, escapa-nos ao reconhecimento e à apreciação. Meu objetivo é apresentar não mais explicação do que perdemos e, sim, uma exploração do que ainda podemos encontrar. (SCHAMA, 1996, p. 24).

Dessa forma, o objetivo do autor é descrever os usos, as apropriações e as representações simbólicas da paisagem, isto é, a natureza experimentada como objeto cultural. Schama (1996) descreve a obra como preenchida ideologicamente por significados identitários e simbólicos da nacionalidade, construídos e reproduzidos pela literatura.

Em *Poética e Filosofia da Paisagem*, Collot, assim como outros autores, afirma que existem diversos conceitos de paisagem que provocam discussões em diferentes áreas do conhecimento e nunca será considerado unicamente de modo disciplinar. O interesse pela paisagem é reconhecido pelo autor, não como um modismo ou simples um fenômeno social, mas como um fato que obedece à evolução das mentalidades. “Se a paisagem suscita um tão grande interesse por parte das ciências humanas, é porque não apenas dá a ver, mas também a pensar” (COLLOT, 2013, p. 17).

Collot (2013) profere que a finalidade de diversas construções sociais e expressões culturais, é a probabilidade da própria compreensão da paisagem. Quer dizer, por significado, a paisagem é um ambiente percebido, fixado a “um ponto de vista: é uma extensão de uma região [de um país] que se oferece ao olhar de um observador”. Objetivando também, ao que assemelha, o preceito, se adotarmos a cronologia das definições “da palavra *paisagem* na história das línguas românicas – uma representação pictórica”. (COLLOT, 2013, p. 17).

Com efeito, a noção de paisagem de acordo com Collot (2013, p. 19), envolve três elementos: o local, o olhar e a imagem: Dessa forma, compreende-se que um ambiente não é capaz de tornar-se uma paisagem é certo através do “momento em que é percebido por um sujeito”.

Em termos da relação paisagem sul-rio-grandense e literatura, de acordo com Alves (2017, p. 61):

[...] registra manifestações literárias no Rio Grande do Sul desde meados de 1830. Em quase dois séculos de produção ficcional, dois elementos situam-se no centro dos temas dos escritores sul-rio-grandenses: o gaúcho e o pampa. Embora se possa encontrar muitos autores cujas obras versam sobre outras figuras e ambientes, não se pode negar que as paisagens do pampa e o gaúcho fazem parte da tradição literária sulina. Um olhar panorâmico sobre as principais obras de história da literatura do Rio Grande do Sul revela que o gaúcho – o homem – e o pampa – a paisagem – são matéria quase obrigatória para os escritores de várias épocas.

Schama (1996) nos traz que a paisagem é materialidade e imaterialidade, isto é, rochas e lembranças. Assim, a natureza e o humano não podem ser percebidos de forma separada e isto se dá, também na literatura, a partir da qual, autores constroem um imaginário que eleva a paisagem a símbolo coletivo e, por consequência, uma representação de uma região e sua paisagem como cenários fundamentais para a construção de identidades, de memórias coletivas como cenários de acontecimentos históricos e base para a ficção literária. Ao mesmo tempo que se narra, reveste-se a região narrada de significados estéticos e sentidos. Porém, de acordo com Joachimsthaler (2009, p. 28).

Regiões não existem simplesmente. Os modelos identitários aparentemente bem definidos, que identificam um determinado contexto local com 'seus' cidadãos e 'sua' cultura, com uma benvinda 'unidade' regionalmente professada – mesmo que eles se tornem uma espécie de vida ou de 'segunda natureza' das pessoas neles nascidas ou a eles incorporadas (como pátria por opção) –, são realidade somente porque eles (os modelos identitários), como toda cultura, são construídos e preservados. Ou seja, os modelos identitários são, pura e simplesmente, construídos pelo homem. Via de regra, essa ação humanizadora da cultura, que permite que regiões se tornem "pátria", em raros casos é percebida concretamente como um processo decisório consciente dos formadores do espaço cultural.

Neste sentido, tanto o Pampa como os butiazais tanto são espaços culturais e de memória para os nascidos no seu entorno, quanto para os que circulam por lá, contribuindo para o sentimento identitário e de pertença, situado espacialmente. Os hábitos, modos de fazer, conhecimentos, celebrações, fazem parte da vida cotidiana e passam por gerações, a partir de narrativas construídas a partir de trabalhos de memória, constituindo-se como bens culturais imateriais de algumas comunidades. Encaminho então alguns exemplos que nos chegam a partir da literatura.

A literatura sul-rio-grandense traz em distintas obras relatos de viajantes que estiveram no Rio Grande do Sul em meados do século XIX, entre eles destacamos: o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire. Este recolheu diversas informações que vinham ao encontro de sua expertise de botânico. Em uma espécie de diário, destacou

plantas medicinais em seus escritos e outras espécies da flora, incluindo locais em que encontrou comunidades de butiazais “[...] “atravessamos um campo semeado de butiás [...] aí tornei a achar plantas que havia coletado entre os arredores de Vila Rica” (2021, p. 24).

Ao descrever que os butiás começam a rarear em determinadas áreas, Saint-Hilaire comenta que há dificuldade de encontrar plantas e a “[...] Labiada 1788 é quase a única encontrada em abundância entre essas palmeiras” (2021, p. 24). E, por fim, quando os butiazeiros desaparecem, a vegetação muda completamente e não apresenta mais nenhuma das plantas citadas. A seguir, um relato de imagem de um butiazal em relato de Saint-Hilaire: “O caminho continua a atravessar a mesma planície úmida, [...] o aspecto dos butiás torna francamente agradável à vista” (2021, p. 18).

Em seus relatos sobre o Rio Grande do Sul há várias citações sobre os butiazais (Quadro 7).

Quadro 7 – Relatos sobre os butiazais

"Itapeva, 7 de junho, 3 léguas - A grande cordilheira se eleva a oeste dessa planície e quebra a monotonia da paisagem. O solo é extremamente arenoso e especialmente do lado da serra veem-se áreas consideráveis povoadas de butiás". (SAINT-HILAIRE, 2021, p. 17).

"O caminho continua a atravessar a mesma planície úmida, já descrita, e que a vizinhança da Serra, a mistura de moitas de matas e pastagens e o aspecto dos butiás tornam francamente agradável à vista". (SAINT-HILAIRE, 2021, p. 18).

"Deixando a Fazenda do Arroio atravessamos um campo semeado de butiás, onde o terreno mostra uma mistura de areia e húmus quase preto. Aí tornei a achar somente as mesmas plantas que havia coletado entre os butiás dos arredores de Vila Nova. Enfim, quando os butiás desapareceram a vegetação mudou completamente, não apresentando as pastagens nenhuma das espécies citadas. (SAINT-HILAIRE, 2021, p. 52).

"Estância dos Barros, 1º de agosto, 5 léguas. - Persiste a planície em terreno mais firme e menos adornado de tufo de matos. Numerosos butiás de cerca de 10 a 12 pés aparecem esparsos nos arredores de Palmares". (SAINT-HILAIRE, 2021, p. 54).

Fonte: autoria própria, a partir de "Viagem ao Rio Grande do Sul (1816-1822), Auguste de Saint-Hilaire.

As narrativas de Saint Hilaire remetem às Estâncias e aos povoados, o que nos faz inferir sobre o uso do butiá na culinária, expressado na literatura (contos e romances), como o fez João Simões de Lopes Neto no conto 'Contrabandista' da obra Contos Gauchescos, publicada em 1912, já citado anteriormente: "Havia na casa uma gentama convidada; da vila, vizinhos, os padrinhos, autoridades, moçada. Havia de se dançar três dias!... Corria o amargo e copinhos de Licor de Butiá".

Na poesia, destacamos a obra ‘Mate Encilhado’, de Cecília Maicá (2019), na qual a autora faz diversas alusões ao butiá, à paisagem e à cidade de Giruá.

Trago viva na memória
 A querência onde nasci
 Os anos que lá vivi
 Jamais esqueço, jamais,
 A sanga, os butiazais,
 A pitangueira, a restinga,
 O olho-d’água – cacimba
 E o rancho dos meus pais. (Horizontes de Luz)

Sangue guarani
 Emprestou a cor vermelha ao teu chão
 Terra dos dourados cachos de butiá
 Ao sol de janeiro perfumando o ar (Essência Guarani).

Neste caso, a poetisa toma a paisagem como tema de sua obra, literalizando-a na ficção, trazendo uma construção de identidade. Neste sentido, o conto de Simões Lopes Neto e o diário de viagem de Saint-Hilaire, auxiliam a conformar o que se chama de literatura gaúcha, muito bem explicitada na obra de Regina Zilberman (1992).

É possível constatar que a literalização dos butiazais na paisagem sul-riograndense está relacionada à historiografia, às memórias construídas por escritores, as quais vão ao encontro daquelas dos leitores. Cria-se, assim, uma tradição literária que colabora para a construção de representações e memórias coletivas.

No próximo capítulo Uma Rede que Conecta Pessoas, trago o sentido da Rota para os pesquisadores e demais envolvidos.

4 UMA REDE QUE CONECTA PESSOAS²¹

Neste capítulo trago, a partir de trabalho de memória e de pesquisa documental, o sentido da criação da Rota para os pesquisadores e produtores de butiazeiros. Busco identificar, através de entrevistas e documentos diversos, as circunstâncias que favoreceram a criação e a decisão pelos butiazais que compõem a Rota e, também, compreendê-la como rede que conecta pessoas.

Início com levantamento de discussões sobre conceitos de rotas e roteiros turísticos, apresentando na sequência, as considerações de pesquisadores e produtores de butiazeiros participantes da Rota dos Butiazais, em busca de colocar aportes que permitam afirmar a diferenciação da Rota dos Butiazais das demais que centram suas atividades voltadas especificamente para o turismo.

Gonçalves e Ribeiro (2016) abordam questões relativas ao planejamento e fundamentação teórica no campo do turismo, com o objetivo de prevenir falhas na orientação do sistema turístico. No bojo das suas reflexões, inserem discussão teórica sobre rota e roteiro, fazendo revisão aprofundada sobre este tema. Os autores indicam que:

A falta desses conceitos ocasiona o não embasamento na aplicabilidade de tais teorias, ou seja, se quando um profissional vai planejar uma rota e ele não possui um aporte teórico, esse desenvolvedor provavelmente fará uso do conhecimento empírico, o que em certos casos ocasiona o planejamento de modo parcial. (2016, p. 14).

Partindo dessa premissa, realizaram levantamento de conceitos de rota e de roteiro turísticos em obras bibliográficas de autores relacionados com a área do turismo, dicionários com verbetes do campo turístico e documentos de entidades reguladoras, com o seguinte resultado (Figuras 20 e 21).

²¹ Definição da Rota dos Butiazais por Rosa Lia Barbieri. Entrevista em 30 junho de 2023.

Os autores concluíram que para a formalização do conceito de rota houve a contribuição de Djukitch (1986) e Bahl (2004). Estes associaram rota à uma temática, remetendo também, a um itinerário planejado.

Explorando Caderno de Turismo, Módulo Operacional 7, encontrei elementos para conceituação de roteiro turístico e rota turística (Quadro 8) que auxiliam na compreensão destes conceitos.

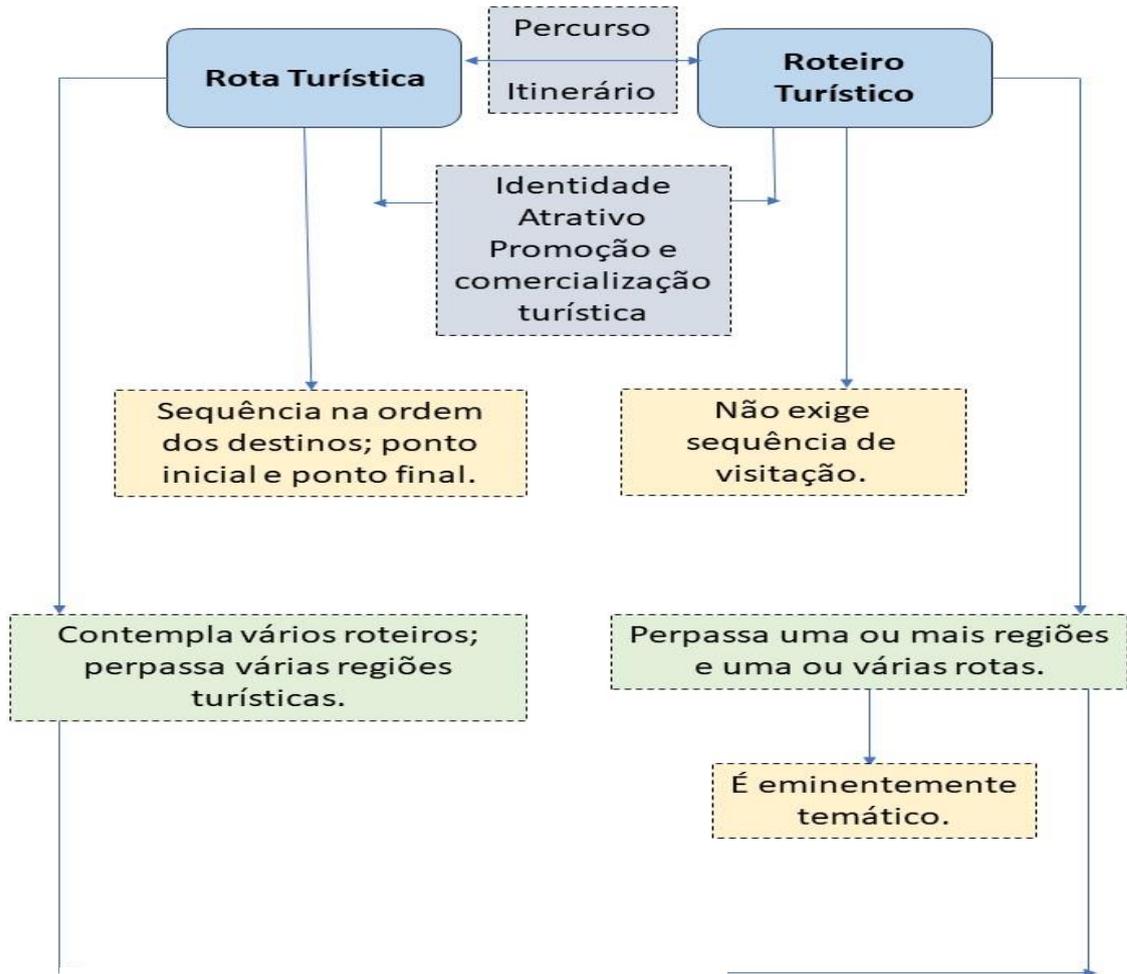
Quadro 8 – Definições de Rota e de Roteiro Turístico

Rota turística	Roteiro turístico
<p>“Rota é um percurso continuado e delimitado cuja identidade é reforçada ou atribuída pela utilização turística. É um itinerário com contexto na história, ou seja, o turismo se utiliza da história como atrativo para fins de promoção e comercialização turística. Ex. Estrada Real, Rota dos Tropeiros etc., onde o turista percorre o mesmo caminho trilhado por alguns personagens de uma determinada época. Na rota, existe uma sequência na ordem dos destinos a serem visitados e há sempre um ponto inicial e um ponto final. É importante ressaltar, também, que uma rota pode contemplar vários roteiros e perpassar várias regiões turísticas.”</p>	<p>“Roteiro turístico é um itinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística”. “O roteiro turístico é mais flexível, pois não exige uma sequência de visitação. Não tem obrigatoriamente um ponto inicial e um final. O turista começa a visitação de qualquer um dos destinos. Um roteiro turístico pode perpassar uma ou várias regiões e uma ou várias rotas – e ele é eminentemente temático”.</p>
<p>“Elaborada para fins de promoção e comercialização.”</p>	<p>“Elaborado para fins de promoção e comercialização”.</p>
<p>Produto turístico.</p>	<p>“Produto turístico é o conjunto de atrativos, equipamentos e serviços turísticos acrescidos de facilidades, localizados em um ou mais municípios, ofertado de forma organizada por um determinado preço”.</p>

Fonte: Autoria própria, a partir de BRASIL. Cadernos de Turismo, 2007, p. 27-28

A partir das definições, tracei um esquema, conforme segue na Figura 22.

Figura 22 – Definições de Rota e de Roteiro Turístico



Feitos estes estudos sobre rotas e roteiros turísticos, ocupo-me, a seguir, em discutir conceituações para a Rota dos Butiazais. Para tanto, tomo como fontes, documentos como entrevistas com os sujeitos com ela envolvidos, publicações da EMBRAPA Clima Temperado, entre outros. Há uma diversidade de personagens que vivem próximos ou que manejam os butiazais. Alguns são agricultores ou pecuaristas, outros são proprietários de empresas de turismo rural ou integrantes de movimentos socioambientais, ONGs e/ou comitês voltados, por exemplo, para tratar de questões relativas aos povos e comunidades tradicionais do Pampa. Voltados para a preservação dos butiazais, consideram-nos como lugares significativos e, sua pertença, passa pela construção de memórias sobre manejo, aproveitamento dos coquinhos, com as últimas descobertas de formas de extração sem prejuízo para as

palmeiras, com a polinização, contando com a Embrapa Clima Temperado de Pelotas, RS, seus pesquisadores e suas experiências. Isto concorre para a preservação dos butiazais como patrimônio cultural ambiental.

A criação da Rota (Lei 15.673, 2021) inseriu-se como uma ação de preservação dos butiazais nos três países envolvidos, reconhecendo-se, entre outros, a relevância das atividades turísticas neste processo, pois concorrem para a manutenção desses ecossistemas, com geração de benefícios sociais e econômicos para os proprietários e para os municípios, trazendo aportes para investimentos em programas de educação ambiental, estratégias de visibilidade e valorização dos butiazais. Já é evidente que a criação da Rota provocou conexão local-global, pondo em contato diversas cidades de três países, com promoção de culturas, construção de memórias e de identidades.

De acordo com Barbieri (2023), a participação dos proprietários de butiazais, artesãos, extrativistas, culinaristas e outros, se dá “a partir de convites para participar de reuniões, seminários e oficinas de capacitação, realizadas em diferentes municípios da Rota dos Butiazais. Alguns artesãos são convidados a ministrar oficinas em outros locais da Rota”, partilhando seus conhecimentos e saberes “com outras pessoas que querem aprender a trabalhar com as folhas e com o bagaço da fibra do butiá. Nos seminários da Rota dos Butiazais há oportunidades para a venda dos produtos dos artesãos. No Rio Grande do Sul, os artesãos e extrativistas”, podendo ter certificadas suas atividades pela SEMA e, ainda, a Rota dos Butiazais dá subsídio para “divulgar essa possibilidade e a viabilizar o contato com os técnicos da SEMA para a certificação extrativista do butiá (frutos e folhas)”

Barbieri (2023), expõe que os pesquisadores da Embrapa Clima Temperado já trabalhavam há mais de 20 anos no tema de conservação e uso sustentável de recursos genético de frutas nativas. A partir de 2005 foram executados vários projetos de pesquisa cujo tema era a conservação dos butiazais e o uso sustentável dos butiás, com recursos de várias fontes financiadoras. A seguir, no Quadro 9, relaciono alguns destes projetos:

Quadro 9 – Projetos e fontes financiadoras

PROJETOS	FINANCIADORAS
<p>Projeto Técnico Para Reposição Florestal Obrigatória - Compensação Ambiental Oriunda de Obra de Utilidade Pública. Título do Projeto: Rota dos Butiazais: fortalecendo a cadeia produtiva do butiá para geração de renda e conservação de ecossistemas.</p> <p>Ameaçados por mudanças no uso do solo, o grande desafio é conciliar a conservação dos butiazais que ainda existem com a geração de renda e desenvolvimento local, uma vez que são importantes áreas de conservação in situ de recursos genéticos da flora nativa, de plantas forrageiras, medicinais, alimentícias, melíferas e ornamentais, que também podem gerar renda com o uso na culinária, no artesanato, no paisagismo e no turismo regionais. (FAPEG, 2022).</p>	FAPERGS
<p>O Projeto RS Biodiversidade (“Conservação da Biodiversidade como Fator de Contribuição ao Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul”) foi um projeto implementado de 2011 a 2016, o qual representou uma das políticas do Governo do Estado buscando promover o desenvolvimento regional através da conservação, manejo e estímulo às potencialidades da biodiversidade, incentivando a produção sustentável no meio rural, em parceria com as comunidades locais, e desenvolvendo conhecimento, informação e instrumentos para a gestão ambiental. (RS.GOV.BR, 2023).</p>	SEMA
<p>Projeto Nacional de Ações Integradas Público-Privadas para a Biodiversidade</p> <p>Utilização de informações geográficas e ecológicas da diversidade de parentes silvestres de espécies vegetais de importância econômica em apoio a medidas de conservação in situ (GOEDERT; PÁDUA, 2017)</p>	PROBIO II
<p>Manejo na pecuária promove a regeneração dos butiazais e a conservação do campo nativo</p> <p>Pesquisa participativa e multidisciplinar</p> <p>Os seis anos de pesquisa de Sosinski contaram com apoio de equipes multidisciplinares, abordando diferentes aspectos da vida nos butiazais - como a flora e os animais nativos. Além da troca de conhecimento com a pesquisadora uruguaia Mercedes Rivas, da Universidad de La República (Udelar), em Rocha, Uruguai, sobre a condução de trabalhos nesse sentido naquele país, ele reuniu também grupos que vêm atuando no projeto Rota dos Butiazais, liderado pela pesquisadora da Embrapa Rosa Lia Barbieri. O projeto também incentiva a produção de artesanato, sucos e licores feitos a partir das folhas, fibras e frutos do butiazeiro. (EMBRAPA, 2020).</p>	EMBRAPA
<p>Projeto de Pesquisa e Desenvolvimento</p> <p>Conservação, repovoamento e usos dos ecossistemas de butiazais no Rio Grande do Sul</p> <p>Promover ações integradas de conservação da biodiversidade nos Biomas Pampa e Mata Atlântica, por meio da execução de atividades de pesquisa e desenvolvimento que incentivem a conservação pelo uso dos ecossistemas de butiazais no Sul do Brasil (FAPEG, 2017).</p>	Cooperação entre o SEMA e EMBRAPA
<p>Biodiversidade - Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul: 2007. 388 p. Organizadores: Fernando Gertum Becker, Ricardo Aranha Ramos e Luciano de Azevedo Moura. Este livro é resultado da iniciativa do Ministério do Meio Ambiente em suprir as lacunas de conhecimento e estabelecer os fundamentos</p>	MMA

<p>para o planejamento da conservação da biodiversidade no Brasil por meio do fomento de estudos sobre biodiversidade em biomas brasileiros e traz o resultado de inventários de biodiversidade nas regiões dos Butiazais de Tapes e Lagoa do Casamento, na Planície costeira do Rio Grande do Sul. (INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE, 2006).</p>	
---	--

Fonte: Produzido pela autora, 2023.

Nesse período, foram realizadas dissertações de mestrado e teses de doutorado que buscaram avançar no conhecimento científico relacionado aos butiás e aos butiazais. Alguns destes trabalhos podem ser verificados no quadro 23 – Trabalhos realizados na fazenda São Miguel.

Os resultados dessas pesquisas estabeleceram a base para a criação da Rota dos Butiazais, em 2015. De acordo com Carmen Heller Barros, antes do surgimento oficial da Rota dos Butiazais, houve pedidos de pesquisas por parte dos proprietários da Fazenda São Miguel, fazenda esta que contém o maior e mais preservado butiazal do Brasil: Butiazal de Tapes.

Figura 23 – Butiazal de Tapes



Foto: Rosa Lia Barbieri.

A imagem do butiazal de Tapes (Figura 23) remete ao que Shama (1995, p. 17) alertava, ou seja, “camadas de lembranças [...] estratos de rochas” e à expressão utilizada por Carmen Heller Barros: “[...] Eu criei muita intimidade com o butiazal, uma intimidade de alma, não só intelectual como espiritual [...], levando-a à necessidade

de promover práticas sustentáveis para garantir a preservação desse patrimônio natural.

Carmen Heller Barros (proprietária da Fazenda São Miguel) informa sobre sua relação com o Butiazal:

[...] comecei a achar que não tinha renovação no butiazal. Comecei a achar, não! Não tinha renovação no butiazal! Comecei a achar não, era verdade! [...] E realmente os butiazais novos não nasciam e eu comecei a ser contra o gado, porque claro o gado comia o broto do butiá. E o meu pai, que é uma pessoa que a gente escutava muito, era um homem muito sábio [...], começou a dizer: é não tem butiá. Tanto que eu falei que ele começou a falar também. O meu irmão se irritou conosco e disse: vou acabar com essa conversa é agora. Eu vou a Pelotas na Embrapa e vou conversar com aquele povo da Embrapa. E eu pensei: pirou, pirou, pirou totalmente. Deixa estar, né. Aí ele foi até a Embrapa e disse: eu quero falar aqui com alguém que entenda de butiá. E assim, de um para outro, caiu nas mãos de Rosa Lia Barbieri. Tu entendes a força butiazeira em ação aí (BARROS, 2023).

A “intimidade de alma” com o butiazal e ouvir o pai em função da percepção da fragilidade dos palmares — porque o escutavam muito —, remete ao que Halbwachs (2003) indica como comunidade afetiva, com a experiência vivida compartilhada. A busca dos pesquisadores da Embrapa remete a aquilo que Candau (2014) indica quando trata sobre grupos de pertencimento e sobre ecos de pensamento: memórias são construídas coletivamente.

A família Heller Barros além de atribuir grande valor cultural ao Butiazal de Tapes, abriu espaços para pesquisadores, estudantes e demais interessados no tema. Segundo Carmem:

Então o meu irmão falou, falou e ela (Rosa Lia Barbieri) ficou perplexa e ele disse assim: quer 1 hectare? Quer 10 hectare? Quer 700 hectares de butiá? Entrego para vocês, façam a pesquisa e nos digam o que a gente tem que fazer. E eu só dizia assim: tem que tirar o gado, ele (o irmão) dizia não, o gado e o butiá vivem junto há muito tempo. A gente não tinha a mesma opinião, mas ele estava certo. O pessoal da Embrapa se dispôs a ir conhecer o butiazal. Meu irmão chegou com o rabo entre as pernas e disse: pelo amor de Deus, ela vai vir conhecer, vão vir pesquisadores conhecer o butiazal. Tu tens que estar junto, porque quem entende de butiá é tu. Digo: “chá” comigo, aí quando tem uma coisa que tu adora mostrar para as pessoas, e eu fui muito tranquila, eu dizia: olha só a estrutura desses butiás e mais adiante aqueles ali tem uma estrutura diferente é uma variabilidade genética e tu imagina isso para biólogos ... ahh ... mostrava as orquídeas. O butiazal é tão lindo, tão lindo que elas ficaram encantadas. Pensaram, pensaram e me disseram que precisavam pesquisar.

Pediram que a gente separasse 3 hectares em lugares diferentes, aí eles pesquisaram durante 3 anos, até que meus 2 irmãos e eu fomos lá e disseram ok, vocês pesquisaram, agora vocês têm que dizer o que tem que ser feito. Já a essa altura, já estavam fazendo encontros sobre o butiá [...] e tinha uma professora do Uruguai, Mercedes Rivas, que fez doutorado sob a orientação

da Dra. Rosa Lia e ela tinha desenvolvido a metodologia, mas não tinha conseguido aplicar isso em escala, que era retirar o gado no inverno né e colocar na primavera, verão e outono, menos gado e gado mais leve e essa metodologia foi aplicada na nossa propriedade em 45 hectares. Em 45 hectares por 6 anos e nestes 45ha tinha mais de 2 mil butiazeiros e depois de 6 anos nasceram mais 6 mil butiazeiros. Tudo isso porque a gente mudou o gado no inverno. O gado no inverno está faminto, come qualquer coisa e a folha da palmeira, de todas as palmeiras, quando nascem, ela não é pinada, ela é uma folha inteira, bem tenrinha, é uma delícia né para o gado. Então essa foi uma grande descoberta [...] então hoje tem um conhecimento muito grande das plantas que existem né. [...] depois disso a Embrapa conseguiu uma série de financiamentos, escreveram vários artigos. Tudo isso é mérito deles. [...] Foi uma convivência maravilhosa!!!! O Butiá abriu meu mundo. Por isso eu agradeço tanto ao butiá. A gente não estaria conversando aqui se não fosse o butiá. Quantas pessoas que eu conheci e que ainda vou conhecer em função do butiá. Então tudo isso foi, digamos assim, resumidamente, a minha experiência²².

Corroborando com as informações de Carmem Heller Barros, Marene Marchi relata:

Quando a fazenda São Miguel foi conversar com a Embrapa Clima Temperado sobre o problema da falta de regeneração dos butiazais em 2010, falaram com alguns pesquisadores e acabaram conversando com a Rosa Lia Barbieri. Ela foi a única pessoa que deu atenção ao filho da dona Nair, pois já tinha algum trabalho com butiá. Se interessou e foi visitar a Fazenda, o butiazal. Eu visitei o butiazal no final de 2010, já com a intenção de fazer o meu doutorado (2011 a 2014) com o levantamento da flora herbácea e subarbusciva, para ver a composição dos campos naturais no butiazal. A preocupação dos donos da fazenda, na época, era com a desapropriação dos butiazais, porque havia um movimento ambiental de criação de unidades de conservação²³. Havia uma denúncia pública, de que se estava colocando lixo, criando lixões, nas áreas dos butiazais. Por causa dessa denúncia, de uma ONG local, houve uma audiência pública e a Fazenda queria estar preparada para mostrar que cuidava do Butiazal. Recorreu à Embrapa para justificar a preservação da área com atividades de pesquisas. Por tudo isso é que se intensificou a pesquisa dentro da área na Fazenda. Posteriormente foi feito um convênio com a Embrapa e a Fazenda para possibilitar o desenvolvimento das atividades de pesquisa no butiazal. A pesquisa foi crescendo, envolvendo várias atividades e instituições, outros municípios, e a gente percebeu que a população local não conhecia o butiazal de Tapes, não valorizava o butiazal. O maior remanescente de butiazal preservado no Brasil. E como iríamos conservar algo sem a participação da comunidade local? Assim, além das pesquisas, começaram as atividades de divulgação da flora, fauna e dos saberes da comunidade associados com o butiá. As exposições fotográficas, os seminários, palestras, encontros acadêmicos, as atividades de educação ambiental, tudo para mostrar a importância do butiá na cultura onde ele se encontra. As oficinas de culinária e artesanato, ministradas para enfatizar a conservação pelo uso, até hoje, são fundamentais para se chegar nas comunidades, nos diferentes municípios. O bolo de butiá desenvolvido por mim e a geleia de butiá, criada

²² Entrevista feita no mês de agosto/2023, em Porto Alegre no Café com PANC (PANC= Planta Alimentícia Não Convencionais). Rua Riachuelo, 990.

²³ Sobre criação de Unidades de Conservação ver BRASIL. Ministério do meio Ambiente. Categorias de Unidades de proteção Ambiental. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/areas-protetidas/unidades-de-conservacao/categorias.html>. Acesso em: 18 out. 2023.

pela Claudete Mistura, são oficinas que tocam os corações das pessoas pelo seu valor emocional.²⁴.

Incorporando sempre as pessoas de cada região, valorizando sua cultura e seu amor pelo butiá, essa abordagem de divulgação do conhecimento, aliada aos saberes locais, é o grande diferencial da Rota.

Então não é que a Embrapa se envolveu com a Rota dos Butiazais, as atividades de pesquisa do grupo da Rosa Lia Barbieri, os diversos alunos da UFPel, os doutorandos, mestrando e outros pesquisadores foram que começaram as atividades de divulgação das pesquisas sobre os butiazais no Brasil, Uruguai e na Argentina, de forma simples e clara. Envolvendo sempre as pessoas de cada região, valorizando sua cultura e seu amor pelo butiá. Essa forma de divulgação do conhecimento associada com os saberes locais é o grande trunfo da Rota! O envolvimento do Uruguai no começo, por exemplo, foi porque Mercedes Rivas, que já trabalhava na conservação dos butiazais no Uruguai, foi uma aluna de doutorado da Rosa Lia²⁵.

Ainda de acordo com a Dra. Rosa Lia Barbieri:

O que nos motivou a propor o projeto da Rota dos Butiazais foi a vontade de identificar e conectar os distintos atores sociais que tivessem algum vínculo com o tema, promovendo a conservação dos butiazais através do estímulo aos múltiplos usos dos butiás. Imaginávamos que seria uma estratégia para geração de renda aos pequenos produtores, integrando gastronomia, turismo e artesanato. Inicialmente (de 2015 a 2017), a Rota dos Butiazais contou com o apoio financeiro do Ministério do Meio Ambiente. Posteriormente (de 2017 a 2022), foi patrocinada pelo CNPq, MCTI e Transmissora de Energia Sul Brasil S.A. (TESB). Atualmente, o projeto da Rota dos Butiazais está sendo executado com recursos do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio), Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF Terrestre), Banco Mundial, CNPq e RGE/CPFL Energia. No início, nossa proposta era conectar pelo menos 8 municípios gaúchos nesta Rota. Com o passar do tempo, a Rota foi despertando a atenção de muita gente em muitos lugares, e atualmente temos 66 municípios fazendo parte dessa rede: são 56 no Brasil, 6 na Argentina e 4 no Uruguai.

Estes testemunhos sobre os butiazais e a preocupação com sua preservação fizeram-me retornar tanto aos estudos de Shama sobre paisagem e memória, quando alertava: “[...] redescobrir o que já possuímos, mas que, de alguma forma, escapa-nos ao reconhecimento e à apreciação” (1996, p. 25), quanto aos de Collot ao destacar a experiência sensível e estética, a inspiração e a reflexão sobre o que nossos olhos e sentidos captam.

²⁴ Entrevista feita via WhatsApp.

²⁵ Entrevista feita via WhatsApp.

Marchi et al., (2019) refere que a primeira movimentação para a criação da Rota dos Butiazais aconteceu em maio de 2015, em Brasília, entre representantes da Embrapa Clima Temperado e do Ministério do Meio Ambiente. Essa organização promove exposições com fotos, programas de televisão, vídeos, entrevistas no rádio, oferecem oficinas de culinária, de artesanato com butiá, de educação ambiental, palestras e seminários. Foi possível com essas atividades a divulgação e sensibilização da sociedade em geral, para a importância dos butiazais.

Nesse sentido e com diversos indivíduos envolvidos, assim, em 2015 foi proposta a Rota dos Butiazais, uma rede que conecta pessoas para a conservação e utilização da biodiversidade sustentável, integrada a esse ecossistema. A Rota dos Butiazais contempla variadas espécies de butiá, bem como, flora e fauna nativas unificadas aos ecossistemas de butiazais no Sul do Brasil, Uruguai e Argentina (MARCHI et al., 2019a).

No início do projeto, em 2015, eram poucos locais envolvidos. Hoje, são mais de 60 municípios que se conectam com a Rota dos Butiazais: na Argentina, no Uruguai e no Brasil. O projeto procurou apresentar “ideias, que se estabelecem no compartilhamento de histórias e vivências dos integrantes da Rota dos Butiazais em relação aos butiazeiros. Neste contexto, justifica-se essa composição de dados, balizada pela Teoria das Representações Sociais”, que ambicionou “resgatar esses pensamentos e teve como objetivo descrever a importância do butiazeiro para integrantes”. (PORTELINHA et al., 2020, p. 136).

O conjunto de instituições que compõe a rede da Rota dos Butiazais é amplo e diversificado. Em cada um dos municípios que integram a Rota dos Butiazais existe pelo menos uma liderança local, que representa a diversidade de atores que compõe a rede. Essas lideranças incluem artesãs, extrativistas, agricultores familiares, pecuaristas, gestores públicos, extensionistas rurais, pesquisadores, professores universitários, coordenadores de ONGs, guias de turismo, ambientalistas, guarda-parques e empresários (ROTA DOS BUTIAZAIS, 2023). A seguir a imagem atualizada do mapa da Rota dos Butiazais (Figura 24).

Figura 24 – Mapa histórico atualizado da Rota dos Butiazais



Fonte: Site da Rota dos Butiazais, 2023.

A inclusão desse mapa enriquece a compreensão da expansão da Rota ao longo do tempo, revelando sua evolução de apenas 8 municípios gaúchos para uma rede de 66 municípios em três países.

Assim, a Rota dos Butiazais manifesta “outras formas de ver a sustentabilidade, a preservação, e possibilita um olhar e uso de uma forma sustentável”. Referem que o turismo, “poderia mostrar para o mundo a beleza que está guardada dentro das propriedades, fazendo um turismo sustentável, com caminhadas, trilhas, passeios dentro do butiazal, das propriedades rurais, agregando os proprietários do butiazal valores”. (PORTELINHA et al., 2020, p. 221)

Segundo a poeta Cecília Maicá:

A Rota dos Butiazais... Antes mesmo de ela existir, conheci um pessoal da Embrapa Clima Temperado, que estava de visita à nossa Festa do Butiá, em

Girúá, e, dessas pessoas destaco a Dra. Rosa Lia Barbieri, que viu em minha poesia mostrada como meu produto turístico no estande da Festa, um potencial de divulgação butiazeira. Acredito que foi nessa ocasião que meus escritos sobre o butiá ganharam proporção, e esse foi o primeiro passo para que a Rota viesse fazer parte de minha vida e, conseqüentemente, eu, parte da Rota.

No meu ponto de vista o BUTIAZEIRO é um identificador do meu município. Lembrei-me agora enquanto escrevia esse texto, de uma amiga de outra região que um dia me disse: *“Quando íamos chegando perto de Girúá, avistamos pelo caminho os butiazeiros, e então falei, olha os butiazeiros da Cecília.”* Claro, ela conhecia algum escrito poético meu referente à minha terra. Além da palmeira em si, que acredito ser um bem material, sua fruta – o Butiá – oferece inúmeras possibilidades imateriais. Aqui me sinto incluída, ou melhor, minha poesia; nossa gastronomia butiazeira é outro fator de contribuição e nosso artesanato, também.

Mesmo que tudo pareça muito recente, não se pode esquecer, que muito antes de haver este “despertar” da importância do butiá, tínhamos crineiras no município e sua extração garantia a subsistência de várias famílias.

Quando se iniciou a segunda fase butiazeira, vou chamá-la assim, não raro se escutava dos mais antigos: *“Agora que destruíram tudo.”*, referindo-se ao extermínio dos butiazeiros. Felizmente novas consciências despertaram para a importância da preservação e hoje palmeira e fruto são cultivados com responsabilidade agregando benefícios múltiplos aos mais variados setores da comunidade, além de tornarem-se exemplo a outros municípios e áreas butiazeiras que passaram a se abrir à essa nova consciência.

Sanhudo (2022, p. 72) profere que “por alguns anos, a exploração da crina vegetal da palha de butiazeiro, que servia de preenchimento de colchões e estofados, foi uma atividade econômica expressiva”, porém com a elevação da indústria petroquímica, este foi substituído por diferentes materiais e que “nos últimos anos, as atividades da Rota dos Butiazais na busca de valorização deste ecossistema têm sido decisivo para sua conservação”.

A Rota dos Butiazais se estabelece a partir dos butiás, apreendendo “que estas plantas representam uma alternativa econômica para extrativistas, agricultores, artesãos e pequenas agroindústrias que produzem e comercializam alimentos e artesanato a partir desta palmeira” (BARBIERI et al., 2015, p. 202).

O cultivo responsável do butiá e o manejo sustentável representam uma conquista significativa para a comunidade local. Além de agregar benefícios múltiplos aos diferentes setores, essas práticas tornaram-se um exemplo valioso para outros municípios e áreas com presença de butiazais, despertando uma nova consciência em relação à importância da preservação e valorização desse fruto emblemático.

Figura 25 – O emblemático fruto: o butiá!



Fonte: Acervo de Marizete Fernandes (2015).

O butiá é uma fruta versátil, que pode ser consumida *in natura* ou utilizada na produção de sucos, geleias e licores. Sua presença na gastronomia local agrega valor aos pratos típicos e fortalece a identidade cultural da região.

Uma rota de pessoas, uma rede que conecta pessoas que tem algum vínculo com o butiá, bem como, com o ecossistema para a conservação e uso sustentável da biodiversidade, associando conhecimentos com a contribuição de serviços ecossistêmicos e serviços com potencialidade para desenvolvimento de renda em territórios catalogados com remanescentes de ecossistemas de butiazais, ou onde se destaca o valor histórico e cultural do butiá²⁶.

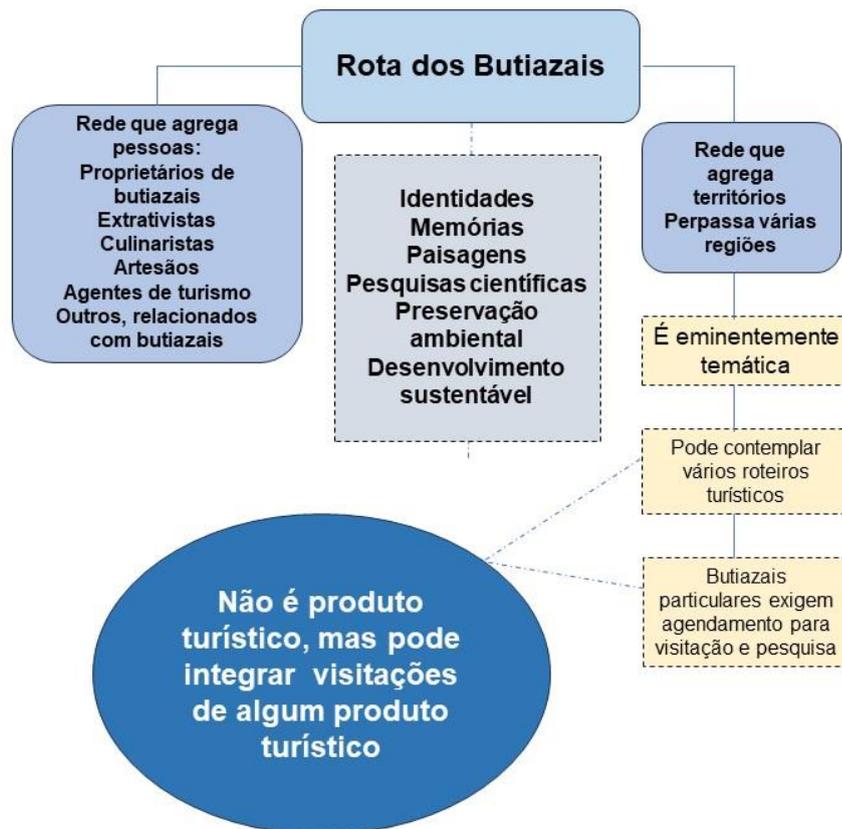
No decorrer deste capítulo, exploramos o significado da Rota para os pesquisadores e produtores/preservadores dos butiazais. Através da análise e compreensão da interação entre esses dois grupos, foi possível vislumbrar a importância da colaboração, do compartilhamento de conhecimentos e da valorização da cultura local. A Rota transcende sua natureza geográfica, tornando-se um espaço de troca e aprendizado mútuo, onde a paixão pelo butiá e o compromisso com a conservação se entrelaçam. Ao reunir pesquisadores e demais envolvidos, a Rota se

²⁶ Definição da Rota dos Butiazais, na fala da Dra. Rosa Lia Barbieri (Embrapa) no encontro no município de Camaquã em 23 de novembro de 2022.

fortalece como um modelo inspirador de integração entre o saber científico e o saber tradicional, alimentando o crescimento e a sustentabilidade nas comunidades envolvidas.

A partir destas reflexões retomo o esquema da figura 22, dando-lhe outros contornos para a definição da Rota dos Butiazais.

Figura 26 – Mapa mental – Rota dos Butiazais



Fonte: Autoria própria.

Tendo em vista as leituras realizadas e os testemunhos orais, entendo que a Rota dos Butiazais, realmente, não se caracteriza como produto turístico, mas sim, de uma rede que conecta pessoas, articula projetos de pesquisa, construção de conhecimentos, aprendizagens com saberes tradicionais, construção de memórias, afetividades e diálogos que auxiliam na construção de territórios de memórias e de existências. Neste sentido, os butiazais contêm não só os butiazeiros, mas também, implicam em conteúdos e aspectos materiais e imateriais. Há um potencial de narrativas, imagens/representações produzidas e/ou inventadas, por indivíduos e

grupos sociais que sustentam, projetam e realimentam memórias sobre eles. Protegê-los a partir da formação da Rota implica, também, em estabelecer relações com suas próprias heranças culturais e novas relações com outros indivíduos, grupos sociais e a sociedade em geral, com vistas à formação de uma cadeia operatória da salvaguarda dos butiazais, da sua gestão, interlocução (com diferentes pessoas e profissionais), e sua projeção (aproximação com a sociedade).

Uma vez discutido o significado da Rota dos Butiazais, no próximo capítulo, adentro às descobertas e desafios de utilizar o butiá em diferentes receitas culinárias e no artesanato, aprofundando o entendimento sobre os benefícios e impactos gerados pela Rota para os seus atores-chave.

5 ROTA DOS BUTIAZAIS: O BUTIÁ ALÉM DA CACHAÇA

Quando me questionam sobre butiá, surge sempre uma pergunta e, depois que a respondo, é citado um dito popular: “Existe o que fazer com o butiá além de pôr na cachaça?” e então: “Me caiu os butiás do bolso”.

Estes estereótipos revelam uma visão limitada sobre o potencial do butiá, negligenciando suas múltiplas aplicações e benefícios. É fundamental ir além dessas ideias preconcebidas e explorar as diversas formas de aproveitar e valorizar essa fruta icônica.

Não há uma data que atente para quando começaram as múltiplas utilizações do butiá e seus derivados. No município de Giruá/RS a partir do ano de 2003 começou um festejo, chamado de Festa do Butiá²⁷, que mostrava todas as suas possibilidades de uso. Desde a polpa, caroço, fibras e até mesmo em letras de música e poesias. Adiante ilustração (Figura 27) de alguns usos do butiá e seus derivados.

Figura 27 – Produtos à base de butiá



Fonte: acervo de Adriana Felini (março/2015)

²⁷ FELINI, Adriana Aparecida. Festa do butiá em Giruá (2003-2016): memórias e trajetória. Dissertação de Mestrado Profissional em Mememória Social e Bens Culturais. Universidade La Salle, 2017.

A variedade de produtos apresentados na imagem, como doces, licores, abajures e cachepôs, reflete a versatilidade do butiá e sua capacidade de se adaptar a diferentes setores. Esses produtos não apenas geram oportunidades econômicas, mas também promovem a valorização e preservação do patrimônio natural e cultural (material e imaterial) associado ao butiá.

Durante uma roda de conversa conduzida por Sandra Amaro Fonseca no mês de março de 2022, momento em que foi lançado na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, o livro de receitas: *Butiá para todos os gostos*, tive o privilégio de conhecer Antônio Augusto Mendes dos Santos, um dos idealizadores da Rota dos Butiazais e um dos participantes mais praticantes da Rota. Como diz Carmen Heller Barros (2023) “a Rota reúne pessoas maravilhosas como o Antônio, que é uma pessoa de capacidade de trabalho espantosa e, também, capacidade de agregar pessoas. Ele é o que eu chamo de amigo”.

De acordo com Mendes (2022):

Butiá²⁸, há alguns anos atrás, época que a gente morava lá (1996, 1997), era época da festa de Butiá. Então a gente resgatou um vídeo antigo dessa festa, aí a Roseli passou ele para DVD, e era interessante como a gente já buscava o que hoje está no livro: agrupar as receitas, as experiências da comida, e aí eu fui me apaixonando por isso.

O contato com outras pessoas e suas experiências com o butiá trouxeram novos horizontes, conforme continua sua narrativa.

Eu fui na casa de um rapaz, e ele falou assim: ‘isso aqui é da diretoria²⁹, deve estar aqui na família faz uns vinte anos, um chazinho na cachaça. E eu não pude dizer que não. Então pegamos gosto pela coisa, e depois a gente foi conhecendo mais. Quando a gente foi para Santa Catarina continuou essa paixão pelo Butiá, e a gente mora, graças a Deus, em uma região que ainda tem (apesar das queimadas). E aí já estou passando a fala para questão desse livro. Eu faço parte de um movimento chamado Slow Food, e o Slow Food trabalha com resgate dos alimentos no mundo inteiro: pega esses alimentos e coloca dentro de uma arca chamada arca do bolso. Em 2003 eu fui convidado pra colocar o Butiá dentro dessa arca.

Antônio traz uma visão de cenários onde se dá a preservação, comunicação e modos de fazer (bens culturais imateriais). Os participantes deste movimento, que ultrapassa fronteiras, utilizam uma figura icônica — a arca — remetendo a narrativas

²⁸ Município de Butiá, RS.

²⁹ Dito popular: quando se oferece uma bebida considerada com alta qualidade a uma visita tida como muito especial.

que transcendem os tempos, a fim de preservar memórias de saberes. Na aproximação com estes sujeitos, Antônio encontrou outros testemunhos que reforçaram o que já sabia. Como apontou Halbwachs, “somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída” (HALBWACHS, 2003, p. 39).

E aí a gente foi para Itália, a cada dois anos tem esse evento que se chama Terra Madre, com alimentos que estavam guardados no mundo inteiro. Lá a gente vai conversar com o pessoal do bacalhau da Noruega, vai conversar com o cara que tem o salame da Espanha, a azeitona de tal lugar.... E aí a gente apareceu lá levando Butiá catarinense, que é menor que esse de vocês aqui em tamanho, apesar de que tem aqui de Torres para cima. E daí foi um divisor de águas porque a gente viu como o pessoal de fora dá importância para o que é nosso, e como nós não estamos nem aí para o que temos de bom. Para vocês terem uma ideia, veio proposta para a gente levar para Europa Butiá em pó. A gente discute muito essa questão, se é o que nós queremos, fazer uma corrida do ouro em cima do Butiá, ou se nós queremos trabalhar em um livro de receitas para que a gente possa interagir com a alimentação escolar. Em Santa Catarina já estive à frente da alimentação escolar do estado, e a gente tentou colocar a opinião, mas sempre batia naquela questão: receita. Como vou fazer uma receita para colocar no sistema da alimentação escolar que tenha aceitabilidade? Porque, não sei se vocês sabem, mas cada receita nova que vai entrar na alimentação escolar tem que ter um terço de aceitabilidade, e tem uma exigência alta: a partir de 85% de aceitabilidade [...] teve um evento na Serra gaúcha, e lá eu conheci a Rosa Lia, e ali eu fiz um convite para ela ir para Turim. Lá em Turim a gente começou a pensar nesse livro: "Por que não tem um livro que pegue todo tipo de receita, onde a rota já fazia, onde já tinha o trecho da rota? Então se vocês me perguntarem se a gente tem chefes ali, (até tem alguns famosos que não quiseram participar, a gente até entende), mas sobre os que fizeram as receitas, as que mais me chamam atenção e tenho maior carinho são justamente as que fazem parte das comunidades (Antonio Augusto, 2022).

Assim, temos o exemplo dado por Kogler (2016) moradora da cidade de Giruá, que propõem alguns usos do butiá na culinária, como no preparo de sagu e de licor, com receitas que eram transmitidas de geração em geração. Foi a partir de memórias familiares que algumas alunas que se dispuseram a fazer um trabalho de pesquisa, ao cursar a EJA na Escola Estadual Otávio Bos, sobre o tema butiá, envolvendo artesanato, culinária, poesia e música proposto por sua professora de Artes, Marizete Fernandes.

O trabalho com o fruto e subprodutos do butiá tem ultrapassado gerações, fazendo parte da história de famílias, de acordo com Rivas; Barbieri (2014), associam a biodiversidade com a diversidade sociocultural do processo de ocupação dos espaços, iniciado por indígenas, portugueses, espanhóis, africanos e imigrantes vindos de diferentes países.

Os chapéus, as cestas, as sacolas, as bolsas e outros são produtos materiais dos saberes e fazeres de grupos, que, por vezes, carregam um valor simbólico, revelam antigas práticas, significados afetivos, sendo suporte para lembranças.

Neste sentido Kogler (2016), ao lembrar, reconstrói o passado no presente, reforçando a importância de uma figura familiar na transmissão de valores e significados, bem como de bens simbólicos às gerações seguintes (FELINI, 2019). Segundo observa Candau, na construção de memórias pode-se idealizar um personagem-modelo enaltecendo suas qualidades e traços de caráter, os quais se julgam dignos de imitação (CANDAU, 2014).

Com tudo isso, a Rota dos Butiazeiros ganhou uma proporção muito grande, trazendo com ela uma maior responsabilidade, aguçando nas pessoas a importância da preservação dos butiás:

Ou seja, que eles comecem a enxergar os Butiás não como uma planta, mas como uma forma de promover seu município e a sua comunidade através do alimento, através do artesanato e através do meio ambiente. Porque se vocês não viram ainda, sugiro que vocês assistam "Nós amamos Butiá", que é um vídeo que está no YouTube faz alguns anos. E ele é de arrepiar porque começa com a música gaudéria que vai mostrando toda a fauna e a flora que fazem parte da história do Butiá, não só aqui no Rio Grande do Sul, mas onde tem Butiá, as grandes partes do Butiá que tem na Argentina. O que mais chama atenção para mim no Butiá é que onde ele está inserido, ele tem muita história. Eu morei em Jaguaruna, e quando eu fui embora de Jaguaruna, que é litoral de Santa Catarina, eu fui descobrir que lá na década de 40, 50, as crinas, as folhas do butiazal iam pelo rio até chegar no Porto de Imbituba para dali seguir para São Paulo e Rio de Janeiro, onde faziam os enchimentos de colchões. Então eu sabia que tinha esse produto, mas não sabia que tinha na cidade que eu morei (Antonio Augusto, 2022).

Sua preocupação com o que se poderia fazer com o butiá, levou-o a adentrar na historicidade deste e nos seus usos em outros tempos, como o da chamada crina. Sobre um tradicional uso da fibra do butiazeiro, Sanhudo (2022, p. 72) profere que “por alguns anos, a exploração da crina vegetal da palha de butiazeiro, que servia de preenchimento de colchões e estofados, foi uma atividade econômica expressiva”, porém com a elevação da indústria petroquímica, este foi substituído por diferentes materiais e que “nos últimos anos, as atividades da Rota dos Butiazais na busca de valorização deste ecossistema têm sido decisivo para sua conservação”.

Discutindo esta questão, conforme Antônio Augusto (2022):

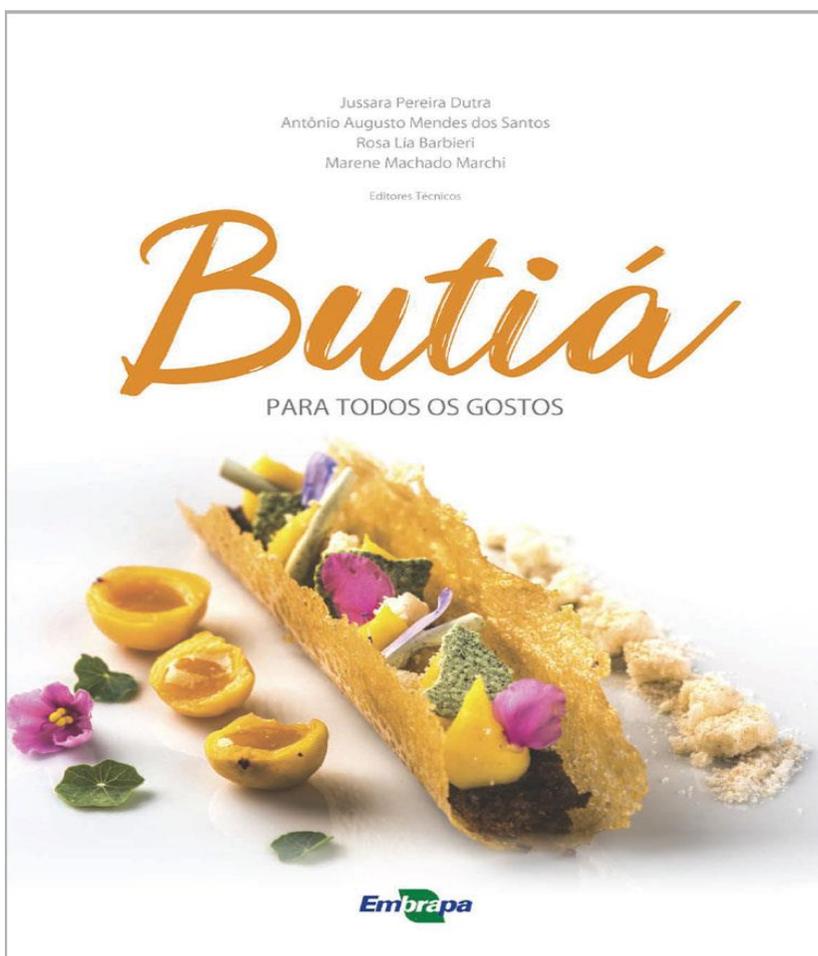
[...] Eu sou natural de São Paulo, capital, mas eu sempre me identifico como cidadão do mundo, e o mundo onde eu estou inserido hoje é pescaria d'água. Então o interessante é levantar a questão dos princípios através do Butiá,

mostrar para o gestor que ele tem algo em mãos que ele não precisa gastar dinheiro, que já está ali. Então não tem que gastar uma fortuna para criar um lugar que tem butiazal. E aí você faz uma visita e você fomenta o artesanato. Eu não tenho hoje, mas normalmente a gente traz artesanato que é feito na nossa região, e de outras regiões também. Quando tem exposição da rota dos butiazais, sempre trago de vários locais. [...]. O industrial traz dinheiro que não fica, que não gira aqui, e o do Butiá traz dinheiro que gira aqui. Aí entra o princípio da economia solidária, de você ter um local, e o dinheiro girando dentro daquele local. O Butiá proporciona isso, e não só o Butiá, tem outros, (mas o foco é o Butiá). Mas para tudo isso acontecer, a gente precisa, quando for conversar com gestores, justamente levar todas essas possibilidades para ele: "olha aqui, você pode transformar e ter esse dividendo". Talvez não vai dar lucros naquele mandato dele, e nem votos, mas com certeza vai fazer diferença para a população que vive ali. Antigamente, (e hoje é bem pouco), quando se passava ali na antiga estrada, que agora tem a ponte nova, em Laguna, tinha um pessoal vendendo camarão. Quem comprava era ludibriado. Então quando a gente criou a rota dos butiazais, e começou a trabalhar o Butiá, a gente foi fazer justamente isso: mostrar para as pessoas que vendem o artesanato que pode se fazer o suco com água boa, com a cachaça boa. Então a gente criou o protocolo para fazer os Butiás. Então tem um percentual que você pode, e é permitido colocar água pra você conseguir girar um pouquinho, acima disso já não está bom. Então são pequenos pontos que não custam, a não ser a boa vontade do gestor. Outra questão é poder trabalhar no município neste evento internacional. Os prefeitos que entenderam isso, além do Butiá, nesses eventos, há outras possibilidades que esses municípios têm de alimento. Por exemplo, a gente levou algumas coisas de Laguna e já colocamos agora duas espécies de camarão, o branco e o rosa. Então a gente vai buscando sempre o que tem de próximo ali para poder agregar esse valor junto ao Butiá. Então essas receitas que vocês vão ver aí, a maioria nem imaginava que estava fazendo Butiá, e é maravilhoso o resultado.

A Rota dos Butiazais realiza “oficinas de artesanato e culinária, oficinas de educação ambiental, palestras sobre boas práticas de uso e conservação dos butiazais, seminários técnicos, exposições de fotos ilustrando” os diversos “ecossistemas de butiazais e produtos com butiá criados pelos artesãos. Também são organizados encontros internacionais para manter a rede de instituições e pessoas conectadas”, assim é feita a divulgação das ações e das pesquisas realizadas nos distintos países. (MARCHI, 2019, p. 34).

A seguir apresento o livro de receitas Butiá para todos os gostos:

Figura 28 – Capa do livro 'Butiá para todos os gostos'



Fonte: Rota dos Butiazais, 2023.

Este livro representa uma contribuição significativa para a divulgação e valorização do butiá, além de ser um recurso valioso para chefs, cozinheiros amadores e amantes da gastronomia. 'Butiá para Todos os Gostos' é um convite para explorar o universo culinário do butiá e experimentar novas possibilidades, levando a fruta a novos patamares de apreciação e reconhecimento.

As pesquisadoras da Embrapa Clima Temperado: Rosa Lia Barbieri e Marlene Marchi também relatam, através de entrevistas, como se deu a ideia de compilar 141 receitas usando butiá. Conforme Marene:

Nas oficinas de culinária com butiá a gente sempre conhecia pessoas que contavam suas experiências com o uso do butiá na culinária. Seja na elaboração de licores, geleias, cachaças e muitos outros usos que a gente foi percebendo. Lógico, o próximo passo era a elaboração do livro de culinária com butiá, e esse livro se deu, como todo o projeto da Rota dos Butiazais, com recursos externos da Embrapa, de órgãos de financiamentos como CNPq, Capes, Funbio, SEMA e outras instituições de fomento. A participação da Embrapa nesses editais possibilitou a pesquisa e as atividades da Rota

dos Butiazais. O livro é mais um resultado da interação das pessoas na conservação pelo uso dos ecossistemas de butiazais, no Brasil, Uruguai e na Argentina. Assim como o próximo livro será o artesanato com butiá, onde se resgatará os diversos usos das diferentes partes do butiazeiro.

E de acordo com Rosa Lia:

O livro de receitas foi pensado como forma de estimular as pessoas a usarem os butiás. São frutos abundantes no sul do Brasil, são elementos da nossa biodiversidade, são ricos em vitaminas, fibras e substâncias antioxidantes, cujo consumo é muito benéfico para a saúde; mas são extremamente subutilizados! No livro, buscamos reunir as receitas criadas por atores sociais bem diversos, para que as pessoas pudessem perceber a versatilidade de usos dos butiás na alimentação. E as receitas acompanhadas por belas imagens, e por uma breve história de quem as compartilhou, enriquece a leitura e torna o material mais atrativo e cativante.

Além disso, cada receita vem acompanhada por uma breve história de quem as compartilhou. Essas narrativas pessoais adicionam uma camada emocional e humana ao livro, conectando os leitores aos criadores das receitas e à sua relação especial com o butiá. As histórias revelam tradições familiares, memórias afetuosas e a paixão por compartilhar a cultura e os sabores do butiá com o mundo. Conforme Ênio Sosinski (2021):

Os butiás sempre foram apreciados quando consumidos direto das plantas, assim como utilizado para produzir a saborosa e muito conhecida cachaça com butiá. Porém, o uso do butiá vai muito além da cachaça. Graças a essa longa convivência e interdependência dos humanos com os butiazais tem sido possível criar um universo de outras possibilidades de utilização do fruto na alimentação e gastronomia, como você verá aqui em *Butiá para todos os gostos*.

Tonietto et al. (2009) traz o relato de pessoas que trabalham com a culinária, mais especificamente com a fibra e a polpa, evidenciando a abundância de doces e salgados que podem ser preparados com o butiá. O autor estabelece que “[...] os frutos dos butiazeiros são apreciados tanto para consumo *in natura* como processados na forma de suco ou polpa, a implementação de uma atividade econômica que envolva a utilização consciente dos butiazeiros”, contribuindo para o cuidado de suas áreas. (TONIETTO et al., 2009 p. 8).

Os frutos do butiá são consumidos frescos ou utilizados para produzir diversos “tipos de alimentos (geleias, sorvetes, bombons e mousses, bebidas: sucos, licores e cachaça com butiá) e artesanatos. As amêndoas também são consumidas e usadas

em diversos produtos alimentícios”, sobretudo no “Uruguai, como biscoitos, tortas, bombons e o tradicional café de coco” (RIVAS; BARBIERI, 2014, p. 26).

A seguir destaque algumas imagens de receitas feitas com butiá:

Figura 29 – Receitas à base de butiá: mini moranga e compota de butiá



MINIMORANGA RECHEADA COM BUTIÁ
MARIA SALETE MARCHI BARRICHELLO

- **INGREDIENTES**
 - 4 minimorangas
 - 100 gramas de carne moída
 - 1 cebola
 - 2 tomates
 - 2 dentes de alho
 - Sal e pimenta a gosto
 - 20 gramas de butiá
- **PREPARO**

Corte a cebola, o alho e os tomates. Higienize os butiás, descasque e retire o coquinho. Corte os frutos em pedaços pequenos. Em uma panela, doure a cebola e depois acrescente o alho. Coloque a carne moída e cozinhe bem. Acrescente os tomates e o butiá, mantenha o fogo baixo para que evapore a água. Tempere com sal e pimenta a gosto.

Higienize as minimorangas e corte uma "tampa" de cada unidade, retire as sementes com uma colher e salpique um pouco de sal no interior. Recheie com o molho e cubra novamente com a "tampa" cortada anteriormente. Acomode em uma panela com um pouco de água quente e sal, cozinhe por cerca de 30 minutos – a panela deve permanecer tampada.

COMPOTA DE BUTIÁ
MARIA SALETE MARCHI BARRICHELLO

- **INGREDIENTES**
 - 300 gramas de butiá
 - 1 ½ xícaras de açúcar
 - 1 ½ xícaras de água
 - Cravo a gosto
- **PREPARO**

Higienize e descasque os butiás. Coloque todos os ingredientes em uma panela e cozinhe em fogo baixo, por cerca de 30 minutos. Quando iniciar a fervura, comece a mexer – cuide para não grudar no fundo da panela. Retire do fogo e transfira a compota para vidros higienizados e feche.

Dica: a compota é versátil e pode ser utilizada como recheio em bolos, bombons e pastéis, também como cobertura em cucas e bolos.



Fonte: Livro *Butiá para todos os gostos* (2021, p. 44).

A próxima imagem ilustra o licor de butiá e uma breve biografia da criadora da receita:

Figura 30 – Licor de butiá de Dona Iracema Maicá



LICOR DE BUTIÁ
IRACEMA DE OLIVEIRA MAICÁ

• INGREDIENTES

- 1 kg de butiá (maduros e com casca)
- Água
- Cravo e canela a gosto
- Açúcar
- Cachaça de alambique de boa qualidade

• PREPARO

Higienize os butiás e os coloque em uma panela. Cubra com água e leve ao fogo (baixo) por cerca de uma hora. Deixe esfriar e coe. Reserve o líquido e descarte os butiás. Meça o caldo e acrescente o açúcar na proporção de 3:1, ou seja, para três medidas de caldo adicione uma medida de açúcar. Leve o caldo adoçado para ferver por cerca de 15 minutos, com o cravo e a canela. Acrescente a cachaça na proporção de 3:1 (para três medidas do caldo adicione uma medida de cachaça), tampe a panela e retire do fogo. Deixe esfriar, coe e engarrafe.

IRACEMA DE OLIVEIRA MAICÁ

Descendente de família de tropeiros, Iracema sempre acompanhou as tradições familiares conhecendo quase todos os ofícios relacionados ao cotidiano do interior. As portas de sua casa sempre estão abertas às novas gerações que buscam aprendizado nas artes de tear e trançar as folhas de butiá. Iracema nos brinda com a receita do licor de butiá que era feito por sua mãe para os convidados dos bailes que seu pai fazia em sua casa, no Rincão Cascavel, para entretenimento entre familiares e vizinhos.

Fonte: Livro *Butiá para todos os gostos* (2021, p. 42).

Uma das maiores riquezas da Rota dos Butiazais é o butiá, uma fruta nativa que possui um sabor peculiar e uma história profundamente enraizada nas comunidades locais. O livro de receitas se torna um repositório de conhecimentos e práticas culinárias transmitidas ao longo das gerações, garantindo que essas tradições não se percam no tempo.

Para além da cachaça, os butiás inspiram, também, a música e a poesia. Temos no município de Giruá a poetisa Cecília Maicá que enaltece os cachos dourados dos butiazeiros em lindas letras de música e poesia:

“Essência Guarani”

Terra índia,
 Chão vermelho,
 Pago missioneiro,
 Sangue guarani...
 Sangue guarani
 Emprestou a cor vermelha ao teu chão
 Terra dos dourados cachos de butiá
 Ao sol de janeiro perfumando o ar

Terra das boas aguadas,
 Das cachoeiras tantas – puros mananciais
 Que quem mata a sede nas tuas vertentes
 Por mais que se ausente, não te esquece mais.

Eu sou missioneiro, cresci em Giruá
 Correndo descalço na verde campina;
 Guarani-criança com o arco do talo verde de butiá
 Jogando minhas flechas de ilusão no ar
 Banhando meu corpo nas tuas cascatas,
 Matando a sede nas tuas vertentes,
 Comendo butiá
 E plantando meus sonhos em cada semente

O ventre vermelho tupi-guarani
 Guardou as sementes de um sonho guri
 Que desabrochou e veio me dizer
 Que a liberdade cheira a butiá.

Os piás pelas ruas calmas de Giruá
 São índios meninos cheirando a butiá
 E atiram castanhas
 Sementes de sonhos que hão de vingar³⁰
 Cecília Maicá

Assim, a união entre as receitas de butiá, a música e a poesia revelam a essência criativa do ser humano e sua capacidade de transformar ingredientes em verdadeiras obras de arte e palavras em obras literárias plenas de emoções e inspirações. É um encontro entre o palpável e o intangível, entre o sabor e a emoção, que transcende as fronteiras da culinária e se conecta ao âmago da alma.

Além disso, os butiazais são patrimônio cultural natural e paisagens que convidam à sua leitura, como indica Schama, ao tratar sobre a força daquilo que se

³⁰ Música: Roberto Carlos Salas – Ritmo: Toada No 1º Canto da Terra dos Jerivás conquistou os prêmios de: 1º Lugar – Melhor Poesia – Melhor Intérprete.

vê, provocando a reconstrução de memórias, portanto, “[...] uma viagem adorável por espaços e lugares (1996, p. 30)”

Saliento que a Rota valoriza esse patrimônio e mostra que a participação cada vez maior dos diferentes sujeitos relacionados de alguma maneira aos butiazais, abre espaço para o compartilhamento de atividades de manuseio sustentável do butiá. Também, promove a inserção dos artesãos e culinharistas (desenvolvendo receitas à base de butiá) por meio da produção e comercialização de artesanato e gastronomia.

Esse patrimônio forma-se a partir de referências culturais que estão presentes na vida e/ou história de um grupo/comunidade e que são ou foram transmitidas a partir de gerações. Ou seja, referências que unem as pessoas – pais, avós a aqueles que viveram antes delas.

Essas gerações transmitem suas heranças culturais de forma material e/ou imaterial, pois, conforme Funari e Pelegrini (2006, p. 20) “[...] o patrimônio é entendido como um bem material concreto [...] aquilo que é determinado [...] como exemplar, ou belo”, isto é, um monumento, um museu, um bem material concreto, que pode ser entendido a partir de um contexto de imaterialidade. Desta forma, “uma paisagem não é apenas um conjunto de árvores, montanhas e riachos, mas sim uma apropriação humana dessa materialidade” (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p. 25).

As atividades artesanais com a folha do butiazeiro incluem nas chamadas indústrias criativas. Neste sentido, a Firjan (2023, s/p.) opera de maneira pioneira ao fomentar “ações para integração da criatividade e da inovação na indústria fluminense, seguindo o mesmo caminho do mercado internacional”. Se anteriormente os “profissionais criativos eram vistos como exclusivos de empresas essencialmente criativas, como agências de publicidade ou escritório de design”, atualmente estão inseridos em todos os setores da indústria por seu talento estratégico de congregar competitividade a produtos e serviços.

A criatividade e a inovação desempenham “papel transformador no sistema produtivo, sendo indispensáveis para criar bens e serviços diferenciados. A indústria criativa contempla atividades produtivas”, tendo como atuação primeira uma ação criativa “com potencial de gerar valor de mercado, resultando em produção de riqueza cultural e econômica” (FIRJAN, 2023, s/p.).

A Firjan (2023, s/p.) “é precursora no mapeamento da indústria criativa no Brasil”, lançando um estudo inédito em 2008, “com atualização a cada dois anos, que

avalia o impacto da economia criativa no país, com informações sobre a quantidade de postos de trabalho e remuneração das profissões brasileiras”.

De acordo com Bendassolli et al. (2009), o conceito de indústria criativa, surge, na Austrália na década de 1990, ganhando maior espaço na Inglaterra. Transições econômicas e sociais alteraram o foco das atividades industriais para atividades intensivas em conhecimento, localizadas no setor de serviços. A Inglaterra é referência na indústria criativa, a partir do impulso a uma agenda política e econômica voltada para tal. A partir de um mapeamento dessas indústrias. O governo inglês classifica os setores criativos da seguinte forma (DCMS, 2005 apud BENDASSOLLI, 2009, p. 11):

publicidade, arquitetura, mercado de artes e antiguidades, artesanato, design, design de moda, cinema, software, softwares interativos para lazer, música, artes performáticas, indústria editorial, rádio, TV, museus, galerias e as atividades relacionadas às tradições culturais.

O conceito de indústrias criativas pode ser considerado como:

Atividades que têm a sua origem na criatividade, competências e talento individual, com potencial para a criação de trabalho [...]. As indústrias criativas têm por base indivíduos com capacidades criativas e artísticas, em aliança com gestores e profissionais da área tecnológica, que fazem produtos vendáveis e cujo valor econômico reside nas suas propriedades culturais (DCMS, 2005, p. 5).

Para Hartley (2005, p. 5) o conceito de indústrias criativas procura delinear a “convergência conceitual e prática das artes criativas (talento individual) com as indústrias culturais (escala de massa), [...]”.

Bendassolli (2009, p. 13) salienta que: “a criatividade é a primeira característica da forma de produção das indústrias criativas. Ela pode ser definida como a expressão do potencial humano de realização, que se manifesta mediante atividades geradoras de produtos tangíveis”.

Ou seja, a partir do indivíduo, de suas memórias, do encontro com uma comunidade afetiva que partilha conhecimentos, tradições e valores, este trabalha recursos já conhecidos, dando-lhes novos aproveitamentos, a partir da criatividade.

Isto vai ao encontro das tantas atividades voltadas para a exploração do butiazeiro e do butiá, como as desenvolvidas pela giruaense Maiara Bonfanti que tem em seu trabalho, tanto as memórias de fazeres, a inspiração artística e a formação

profissional. Maiara integra a Apoena, uma rede feminina de artesãs de Giruá. Em entrevista semiestruturada via WhatsApp esta artesã trouxe as seguintes informações.

As inspirações para a produção das bolsas vêm das pesquisas de tendências e também do nosso dia a dia. Sempre penso em peças atemporais que não fiquem presas a tendências passageiras do mundo da moda. Sou formada em moda, então aliei a formação às técnicas tradicionais do artesanato, mas basicamente aprendi pesquisando e trabalhando muito em cada processo.

O material recolhido para as peças é extraído de butiazeiros de Giruá e redondezas, não utilizado apenas em Giruá e redondezas. A empresa é familiar, formada por ela e seu pai, dando emprego para quatro trabalhadoras. Maiara lembra que durante a epidemia do COVID19, a produção de artesanato foi o que auxiliou sua família economicamente: “uma parceria com as Lojas Renner nos manteve trabalhando ainda dentro da pandemia”. As peças, desenvolvidas a partir do manejo sustentável de cerca de 20 butiazeiros, os quais tem 30% das folhas retiradas para este fim, a cada três meses. O manejo permite que as peças levem na etiqueta o Selo Re – Moda Responsável.

Até 2023, a artesã não tem recebido incentivos do poder público de Giruá, o que não impede de dedicar-se às suas criações e à auxiliar as pessoas que com ela trabalham: “Eu ensino todos os processos para as minhas funcionárias, sempre damos preferência para contratar mulheres que moram aqui em Giruá. Mas diretamente com artesãos locais não trabalhamos”.

Na ilustração a seguir, uma demonstração do trabalho desenvolvido por Maiara Bonfanti e sua equipe.

Figura 31 – Bolsas trançadas com palha de butiá



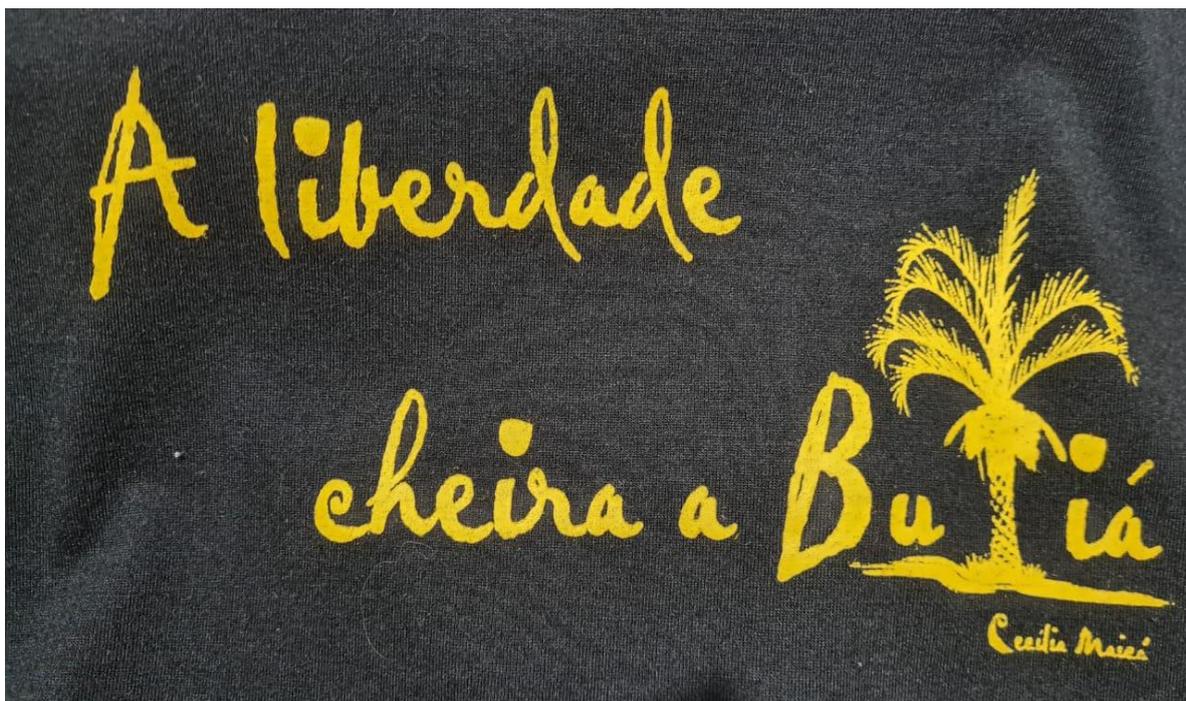
Fonte: Acervo de Maiara Bonfanti.

As bolsas da "Coleção Reflexo"³¹ são consideradas por Maiara Bonfanti como as mais elegantes e sofisticadas. O ponto central são as tranças “[...] que trazem todo o charme desta coleção que foi inspirada na nossa relação com a natureza” (BONFANTI, 2021). O nome Reflexo dá-se pela inspiração, pois “Somos o reflexo das coisas que sentimos, dos amores que vivemos, das pessoas que nos acompanham nessa vida louca e breve” (BONFANTI, 2021).

Este testemunho vai ao encontro dos estudos de Bensassolli et al. (2009), no sentido das redes que se foram em torno da produção de indústrias criativas, com a necessidade de unir habilidades, competências, recursos e, acrescento, memórias. No caso do artesanato com, as possibilidades são múltiplas e os produtos têm perenidade, bem como o que está em jogo é a criatividade. Desta maneira, faz sentido a frase da poetisa Cecília Maicá, expressa em uma camiseta (Figura 32).

³¹ Ver Moda sustentável-Bolsas de Butiá: <https://youtu.be/RNQjfY-bVrE>.

Figura 32 – A liberdade cheira a butiá



Fonte: Cecília Maicá.

As camisetas poéticas são parte integrante de um projeto de divulgação da obra de C. M. criadas a partir do poema *Essência Guarani*, premiado como melhor poesia e 1º lugar no 1º Canto da Terra dos Jervás/1999. A ideia de colocar fragmentos do poema ou parte dele em camisetas foi muito bem aceita entre os giruaenses, e também como forma de lembrança aos filhos da terra que moravam noutros lugares. A liberdade cheira a butiá é um fragmento do referido poema e estampa camisetas fazendo com que o amor pela terrinha seja expressado também dessa forma. As primeiras, com um trecho do poema, foram feitas para uma recepção ao Gov. Olívio Dutra, num rodeio de Giruá, 2002, e desde aí continuam... (MAICÁ, 2023).

Diante do exposto, passo para as considerações finais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender a Rota dos Butiazais a partir de narrativas de sujeitos com ela envolvidos, relacionando memória e paisagem. A escolha desta temática de pesquisa de tese, remete às minhas vivências e experiências pessoais e acadêmicas, com recorte espacial restringindo-se ao âmbito do estado do Rio Grande do Sul, especificamente aos butiazais dos municípios de Giruá, Tapes, e Santa Vitória do Palmar. O recorte temporal abrangeu 8 anos de existência da Rota dos Butiazais, tendo em vista a sua criação em 2015 até 2023, ano em que estou finalizando a pesquisa.

Para responder às questões norteadoras da investigação e dar conta dos objetivos, escolhi trabalhar com a metodologia da História Oral, com pesquisa bibliográfica e documental (documentos escritos e imagéticos). Tive o privilégio de poder montar um corpus documental que, já no momento da reunião das fontes e sua sistematização, permitiram-me visualizar experiências e vivências dos sujeitos entrevistados, a construção de conteúdo para a tese e, até algumas considerações iniciais, que de certo modo, indicavam caminhos a serem trilhados. Os dados foram levantados por meio de entrevistas realizadas presencialmente e por WhatsApp, consultas a documentos (escritos e imagéticos) idas a campo e a campo eletrônico.

Desta forma, trabalhei na construção de memórias a partir de narrativas orais, ao produzir os testemunhos, busquei o que Halbwachs (2003), denomina de “comunidade afetiva”, ou seja, grupos que compartilham suas memórias a partir de um sentimento comum: a experiência vivida. As narrativas foram além de lembranças sobre a criação da Rota dos Butiazais, revelaram aspectos da vida cotidiana e profissional dos participantes, dando sentido para este grupo que participa da Rota.

Além disso, a Rota se instituiu como espaço de memória, espaço de emoções, de simbolismos, de saberes, expressões, significados, continuidades e descontinuidades. Portanto, um bem cultural imaterial. Um patrimônio imaterial, melhor dizendo, o saber fazer artesanato com a palha do butiá na confecção de chapéus, bolsas e chinelos, junto com a aprendizagem de boas práticas de manejo e conservação da palmeira.

A cultura do Butiá também é considerada como patrimônio cultural imaterial, pois é trabalhada no ambiente escolar, nos municípios que participam da Rota, tendo como exemplo, o estabelecimento de diálogo e participação social como formas de

promover a cidadania e educar a comunidade de Santa Vitória do Palmar, no Rio Grande do Sul.

Quanto aos objetivos: o sentido e a participação dos pesquisadores, dos que manejam os butiazais e/ou extrativistas; artesãos, na Rota, se dá “a partir de convites para participar de reuniões, seminários e oficinas de capacitação, realizadas em diferentes municípios da Rota dos Butiazais. Alguns artesãos são convidados a ministrar oficinas em outros locais da Rota, partilhando seus conhecimentos e saberes “com outras pessoas que querem aprender a trabalhar com as folhas e com o bagaço da fibra do butiá” (BARBIERI, 2023).

Concluo esta tese sobre a Rota dos Butiazais, afirmando com convicção que os butiazais são um tesouro natural de valor inestimável. Ao longo desta pesquisa, explorei a riqueza das informações e a diversidade dos butiazais, desvendando alguns dos seus segredos, reafirmando o seu papel vital nos ecossistemas locais estudados.

Os butiazais, com sua exuberante vegetação e abundância de vida, são verdadeiros santuários da biodiversidade. Eles abrigam uma variedade impressionante de espécies vegetais e animais, muitas das quais são endêmicas e encontram nesses ecossistemas um refúgio para sua sobrevivência.

No capítulo, Os Butiazais e o Butiá, concluo que os butiazais são considerados testemunhos de uma tradição cultural e exemplo de ecossistema que integra períodos significativos da história do Rio Grande do Sul. Nesta lógica, representa as culturas indígenas, de imigração europeia e de interação de humanos com o ambiente, combinado ideias, crenças, artesanato, culinária, obras literárias e construção de memórias, bem como, simboliza uma área de beleza natural, habitat de espécies que têm valor na salvaguarda de outros ecossistemas.

No capítulo Uma Rede que Conecta Pessoas, discuti o que deu sentido para a criação da Rota para os pesquisadores, proprietários de butiazais, extrativistas e demais envolvidos, que em 2015 criaram a Rota dos Butiazais. O grupo de pessoas e instituições que fazem parte da rede da Rota dos Butiazais é amplo e diversificado. Em cada um dos municípios que a integram existe pelo menos uma liderança local, que representa a diversidade de atores que compõe a rede, incluindo artesãos, extrativistas, agricultores familiares, pecuaristas, gestores públicos, extensionistas rurais, pesquisadores, professores universitários, coordenadores de ONGs, guias de turismo, ambientalistas, guarda-parques e empresários (ROTA DOS BUTIAZAI, 2023).

No capítulo Rota dos Butiazais: O Butiá Além da Cachaça, foram apresentadas as descobertas e os desafios de utilizar o butiá em diferentes receitas culinárias, na música, no artesanato e os impactos gerados pela Rota. A união entre as receitas culinárias com o butiá, o artesanato, a música e a poesia demonstram a criatividade do ser humano, bem como, a sua capacidade de transformar os ingredientes e as folhas do butiazeiro em verdadeiras obras de arte e palavras em obras literárias plenas de emoções e inspirações. Significa que é um encontro entre o que se pode tocar e o imaterial, entre sabores e emoções, que extrapola os limites para além da culinária e se conecta ao âmago da alma.

Também, foram identificadas as circunstâncias socioculturais, econômicas e históricas que favoreceram a criação da Rota e decisão pelos butiazais que a compõem, que para além de sua importância ecológica, também têm um valor cultural e histórico significativo. Ao longo dos séculos, as comunidades locais têm utilizado os recursos dessas áreas de forma sustentável, aproveitando os frutos do butiá para alimentação, artesanato e medicina tradicional. A preservação dos butiazais é, portanto, essencial para manter viva essa herança cultural e garantir o bem-estar das populações locais.

Durante a realização da pesquisa, ficou claro o potencial econômico da Rota dos Butiazais. Embora não se possa classificá-la como rota turística, atividades turísticas sustentáveis, baseadas na valorização e preservação desses ecossistemas, podem se constituir como uma fonte de desenvolvimento econômico para as comunidades locais, gerando empregos e renda, ao mesmo tempo em que promove a consciência ambiental e a proteção dos recursos naturais. É fundamental ressaltar que a preservação dos butiazais não se limita apenas ao âmbito local.

Esses ecossistemas desempenham um papel crucial na mitigação das mudanças climáticas, capturando carbono e contribuindo para a regulação do clima regional. Portanto, a conservação dos butiazais tem implicações globais, sendo um passo importante na busca pela sustentabilidade e pela proteção do nosso planeta.

Diante dos desafios ambientais que enfrentamos³², a Rota dos Butiazais se apresenta como um exemplo inspirador de como a coexistência harmoniosa entre o

³² Para saber mais ver: BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Estratégias de adaptação às mudanças do clima dos sistemas agropecuários brasileiros / Eleneide Doff Sotta, Fernanda Garcia Sampaio, Kátia Marzall, William Goulart da Silva (organizadores). - Brasília: MAPA/SENAR, 2021.

ser humano e a natureza é possível. Através do respeito, da conscientização e da adoção de práticas sustentáveis, podemos preservar esses ecossistemas únicos para as gerações futuras.

Assim, espero que esta pesquisa sirva como um reforço de chamado à ação, inspirando a valorização, proteção e celebração da riqueza dos butiazais. Também, que o conhecimento produzido nesta tese seja um ponto de partida para o desenvolvimento de outras rotas que tragam estratégias eficazes de conservação e para a promoção de uma relação mais equilibrada e sustentável entre o ser humano e a natureza.

Ambiciono que a Rota dos Butiazais continue a ser um exemplo de harmonia e preservação, um farol de esperança para buscar neste mundo, formas de conciliar o desenvolvimento econômico com a proteção do meio ambiente e que as futuras gerações possam desfrutar da beleza e da vitalidade dos butiazais, reconhecendo-os como um patrimônio precioso a ser preservado.

Por fim, esta tese reforça a importância da continuidade das pesquisas e do monitoramento dos butiazais, a fim de aprofundar nosso conhecimento sobre esses ecossistemas e implementar medidas efetivas de conservação. Somente por meio de esforços conjuntos, envolvendo cientistas, gestores públicos, comunidades locais e sociedade civil, poderemos garantir a preservação da Rota dos Butiazais e o legado que ela representa.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V.. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.
- ALBERTI, V.. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- AMARAL, U. T.; BENEDICTIS, N. M. S. M.. Aportes teóricos sobre a relação entre a memória social, a natureza, o meio ambiente e o espaço geográfico. **X Colóquio do Museu Pedagógico**, 28 a 30 de agosto de 2013. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/3108/2808>. Acesso em: 31 ago. 2023.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010. (158 p.).
- ARANTES, A. A.. Repensando os aspectos sociais da sustentabilidade: a conservação integrada do patrimônio ambiental urbano. In: **Projeto História**, 18. São Paulo: Educ/Fapesp, 1999. (p. 121-134).
- ASSMANN, A.. **Espaços de recordação**: formas e transformações cultural. Tradução: Paulo Soethe. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- AZAMBUJA, S.; SOUZA, G. C. de; KUBO, R.. Percepções dos agricultores sobre animais silvestres na Rota dos Butiazais” In: **Anais do VI Congresso Latino-americano de Agroecologia; X Congresso Brasileiro de Agroecologia; V Seminário de Agroecologia do Distrito Federal e Entorno**. 12 - 15 set. 2017, Brasília/DF.
- BAPTISTA, M. M.. **O mbyá reko (modo de ser guarani) e as políticas públicas na Região Metropolitana de Porto Alegre**: uma discussão sobre o etnodesenvolvimento. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- BARBIERI, R. L.; RIVAS, M.. **Boas Práticas de manejo para o extrativismo sustentável do butiá**. Brasília: Embrapa, 2014.
- BARBIERI, R. L. et al. **Amamos Butiá**. Videocamp. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, Universidade Federal de Pelotas, CEAMA e Flora Pelotensis, 2015.
- BARBIERI, R. L. et al. **Vida no Butiazal**. Brasília: Embrapa. p.202, 2015.
- BARBIERI, R. L. et al. **Rota dos Butiazais**: Conectando pessoas para a conservação e o uso sustentável da biodiversidade. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. 2021. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1142711/1/Barbieri-p156.pdf>. Acesso em: 03 out. 2023.
- BARBIERI, R. L.; MARCHI, M. M.; SOSINSKI JÚNIOR, Ê. E.. Butia odorata: a palmeira dos butiazais em Tapes e na Fazenda São Miguel. In: TOZETTI, A. M.;

FARINA, R. K.; RAGUSE-QUADROS, M. (Orgs.). **Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022

BARBOSA, Y.. **O despertar do turismo**: uma visão crítica sobre os não-lugares. São Paulo: Aleph, 2001.

BARROS, J. D'A.. **O projeto de pesquisa em história**: da escolha do tema ao quadro teórico. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S.. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson, 2007. (158 p.).

BARROS, C. H.. Prefácio: Meu paraíso na Terra. In: TOZETTI Alexandro Marques; FARINA, Renata Krentz; RAGUSE-QUADROS, Mateus (Orgs.). **Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

BENDASSOLLI, P. F. et al.. Indústrias Criativas: definição, limites e possibilidades. **RAE**. São Paulo, v. 49, n.1, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/kvm4rNbFpXGNmfDSknxVBSP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2023.

BENJAMIN, W.. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BOADA, L. B. B.; SCHIAVINI, B. G.. Valorização dos saberes da cultura do butiá em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul. In: **En búsqueda de una organización productiva para los artesanos del butiá de Santa Vitória do Palmar (RS), Brasil**. 2019.

BONFANTI, M.. Rota dos Butiazais. **WhatsApp**: 30/06/2021. 16:49. 01 mensagem.

BIODIVERSIDADE RS. **Bioma Pampa**: Patrimônio Cultural e Ambiental. Pelotas, 2016.

BORBA, A.. **Ecos da Memória** – vol. 2. Editora: Átomo, 2008.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. **Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil**: Módulo Operacional 7 Roteirização Turística/ Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Regionalização. – Brasília, 2007. Disponível em: http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/images/roteiros_brasil/introducao_a_regionalizacao_do_turismo.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

BRASIL. Ministério do meio Ambiente. **Categorias de Unidades de proteção Ambiental**. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/categorias.html>. Acesso em: 18 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Estratégias de adaptação às mudanças do clima dos sistemas agropecuários brasileiros /** Eleneide Doff Sotta, Fernanda Garcia Sampaio, Kátia Marzall, William Goulart da Silva (organizadores). - Brasília: MAPA/SENAR, 2021.

BUTIÁ TURISMO. **Conheça o Butiazal de Tapes/RS.** 2020. Disponível em: <https://butiaturismo.com.br>. Acesso em: 26 set. 2023.

CAMPOS JUNIOR, J. L. S.; PRINTES, R. B.. Conservação pelo uso como alternativa para o desenvolvimento rural sustentável: resultados preliminares sobre o extrativismo de butiá no município de Tapes. In: **En búsqueda de una organización productiva para los artesanos del butiá de Santa Vitória do Palmar (RS), Brasil.** 2019.

CANDAU, J.. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2014.

CANDIDO, J. E. P.; NETTO, D.; SILVA, T. R. B.; CRUZ, F. T. da. **Rota dos Butiazais: desenvolvimento e segurança alimentar nutricional.** Disponível em: <revistas.unila.edu.br>. Acesso em: 13 out. 2020.

CONSEMA-SC. **Conselho Estadual do Meio Ambiente de Santa Catarina.** Resolução nº 51, 5 de dezembro de 2014, 2014. Disponível em: Acesso em: 14 outubro 2023.

CARERI, F.. **Walkscapes.** São Paulo: Ed. G. Gili, 2013.

CARTILHA Butiá *Catarinensis*. **Informações para a conservação da Mata Atlântica e da sociodiversidade cultural.** Porto de Imbituba, 2019. Disponível em: [http://www.portodeimbituba.com.br/downloads/ambiental/Cartilha Costa Butia.pdf](http://www.portodeimbituba.com.br/downloads/ambiental/Cartilha%20Costa%20Butia.pdf). Acesso em: 2 fev. 2020.

CASTRIOTA, L. B.. Paisagem cultural e patrimônio: desafios e perspectivas. In: CASTRIOTA, L. B.; MONGELLI, M. M.. **Anais do 1º Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto.** Brasília, DF: IPHAN; Belo Horizonte, MG: IEDS, 2017. (p. 20-30). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/anaispaisagemculturalweb_2.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

CASTRO NEVES, L.. **Paisagem Cultural: desafios na construção e gestão de uma nova categoria de bem patrimonial.** Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, 2018.

COELHO-DE-SOUZA, G., ZÚÑIGA-ESCOBAR, M., TEIXEIRA, A. R., BOZIKI, D. Sociobiodiversidade, soberania e segurança alimentar e nutricional: uma análise da governança do butiá. In: **En búsqueda de una organización productiva para los artesanos del butiá de Santa Vitória do Palmar (RS), Brasil.** 2019.

COLLOT, M.. **Poética e filosofia da paisagem.** tradução: Ida Alves *et al.*. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

COPETTI, C. R. W.; TOLOMINI, E. D.; SILVA, F. A. T.. (Orgs.) **Girúá: história, trabalho e desenvolvimento. 50 anos de emancipação político- administrativa – 2005-2008.** Girúá: Gráfica Giruaense, 2008.

COSTA, L. C. N.; SERRES, J. C. P.. Memória, identidade e paisagem cultural: interfaces na constituição do patrimônio brasileiro. In: **Patrimônio & Memória**, São Paulo, Unesp, v. 12, n.1, jan-jun, 2016. (p. 158-178).

DCMS (Department for Culture, Media and Sport). **Creative industries mapping document.** Disponível em: [http://www.culture.gov.uk/global/publications/archive_1998/Creative Industries Mapping Document 1998. htm](http://www.culture.gov.uk/global/publications/archive_1998/Creative%20Industries%20Mapping%20Document%201998.htm). Acesso em: 25 out. 2023.

DELGADO, L. A. N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades.** HISTÓRIA ORAL, 6, 2003, p. 9-25.

DEVOS, R. V. A crise ambiental sob a perspectiva da memória e dos itinerários no mundo urbano contemporâneo. **Ambiente & Sociedade**, v. XII., n.2, p. 293-306, jul-dez, 2009.

DIAS, A. S.; HOELTZ, S. E.. Indústrias líticas em contexto: o problema Humaitá na arqueologia sul-brasileira. In: **Revista de Arqueologia**, Volume 23, n. 2, dez. 2010. Disponível em: <https://leiaufsc.files.wordpress.com/2013/08/diashoeltz-problema-humaitc3a1.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2016.

DUTRA, J. P. et al. **Butiá para todos os gostos.** Brasília, DF. Embrapa, 2021.

EMBRAPA 50. A Rota dos Butiazais no Bioma Pampa: conservação e uso sustentável da biodiversidade. **Embrapa 50.** 2017. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-projetos/-/projeto/214588/a-rota-dos-butiazais-no-bioma-pampa-conservacao-e-uso-sustentavel-da-biodiversidade>. Acesso em: 02 out. 2023.

EMBRAPA 50. **Biodiversidade pesquisa, desenvolvimento e inovação produção animal produção vegetal.** Manejo na pecuária promove a regeneração dos butiazais e a conservação do campo nativo. 2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/56567422/manejo-na-pecuaria-promove-a-regeneracao-dos-butiazais-e-a-conservacao-do-campo-nativo>. Acesso em: 02 out. 2023.

EMBRAPA 50. **VIII Seminário da Rota dos Butiazais - Butiá: oportunidades e desafios.** 2022. Disponível em: <https://www.embrapa.br/clima-temperado/cursos-e-eventos/-/evento/470675/viii-seminario-da-rota-dos-butiazais---butia-oportunidades-e-desafios>. Acesso em: 03 out. 2023.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. **Clima Temperado.** Disponível em: <https://www.embrapa.br/clima-temperado>. Acesso em: 05 ago. 2015

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA. **Butiás, butiazeiros e butiazais**: boas práticas para o manejo e colheita sustentáveis. Pelotas, 2016.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. **Sobre a Embrapa**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/quem-somos>. Acesso em: 12 out. 2021.

FARINA, R. K.; TOZETTI, A. M.. Anfíbios Anuros associados ao Butiazal da fazenda São Miguel. In: TOZETTI, A. M.; FARINA, R. K.; RAGUSE-QUADROS, M. (Orgs.). **Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

FELINI, A. A.. Presente de Natal ou de grego?. In: SILVA, Maria Luiza Berwanger da; SANTOS, Rosemeri Antunes dos (Org.). **Ecos da Memória**. 1. ed. Canoas: Unilasalle Editora, 2016, v. I, p. 17-18.

FELINI, A. A.. **Festa do butiá em Giruá (2003- 2016)**: memórias e trajetória. Dissertação de Mestrado Profissional em Mememória Social e Bens Culturais. Universidade La Salle, 2017.

FELINI, A. A.; GRAEBIN, C. M. G . O Vale dos Butiazais de Giruá: bem cultural ambiental do Rio Grande do Sul. In: BERND, Z.; GRAEBIN, C. M. G.; VENERA, R. A. S. (Orgs.). **Patrimônio e memória**: narratividade, rememoração, reminiscência. 1. ed.Canoas: UNILASALLE, 2019, v. 11, p. 131-157.

FERNANDES, M.. **Marizete Fernandes**: depoimento [mar. 2016]. Entrevistadora: Adriana Felini. Entrevista concedida para a dissertação Festa do Butiá em Giruá (2003-2016): Memórias e Trajetória (UNILASALLE).

FERNANDES, M.. **Vale dos Butiazais** – Giruá – RS. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=412259665530470&set=a.299743126782125>. Acesso em: 13 out. 2023.

FERNANDES, V.. **Depoimento** [mar. 2016]. Entrevistadora: Adriana Felini. Entrevista concedida para a dissertação Festa do Butiá em Giruá (2003-2016): Memórias e Trajetória (UNILASALLE).

FIGUEIRÓ, D. et al.. Uso de marcadores celulares como evidência da importância da preservação dos butiazais para a conservação dos anfíbios. In: TOZETTI Alexandro Marques; FARINA, Renata Krentz; RAGUSE-QUADROS, Mateus (Orgs.). **Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

FIRJAN. **Competitividade Empresarial**. Cadeias Produtivas. 2023. Disponível em: <https://www.firjan.com.br/firjan/empresas/competitividade-empresarial/industria-criativa/default.htm>. Acesso em: 06 fev. 2024.

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A.. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA E DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO EDMUNDO GASTAL – FAPEG. **Projeto de Pesquisa e Desenvolvimento:** Conservação, repovoamento e usos dos ecossistemas de butiazais no Rio Grande do Sul. 2017. Executora – Embrapa Clima Temperado. Responsáveis Técnicos: Dra. Rosa Líia Barbieri, Dr. Ênio Sosinski e Dra. Marene Machado Marchi. Disponível em: <https://sema.rs.gov.br/upload/arquivos/201812/04110725-conservacao-repovoamento-e-usos-dos-ecossistemas-de-butiazais-no-rio-grande-do-sul.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023.

FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA E DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO EDMUNDO GASTA – FAPEG. **Projeto técnico para reposição florestal obrigatória - compensação ambiental oriunda de obra de utilidade pública.** 2022. Disponível em: <https://sema.rs.gov.br/upload/arquivos/202208/26141426-projeto-rota-dos-butiazais-embrapa.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023.

G1.COM.BR. **Mais antigo e preservado butiazal do país fica na cidade de Tapes.** 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/campo-e-lavoura/noticia/mais-antigo-e-preservado-butiazal-do-pais-fica-na-cidade-de-tapes.ghtml>. Acesso em: 26 set. 2023.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed., São Paulo, Editora Atlas, 2002.

GOEDERT, C. O.; PÁDUA, J. G. (Editores). **PROBIO II: Projeto Nacional de Ações Integradas Público-Privadas para a Biodiversidade.** Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia Brasília, DF 2017. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/189638/1/doc357-2017-probioll-28mar2018-split-merge.pdf>. Acesso em: 02 out. 2023.

GODOY, A. S.. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas:** São Paulo, v. 35, n. 2, mar. - abr, 1995. (p. 57-63).

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 11-26.

GONÇALVES, L. G. M.; RIBEIRO, R. M.. Rota e Roteiro: desafios para uma nova conceituação. In: **Caderno de Estudos e Pesquisas em Turismo,** Curitiba, v. 5, n. 7, jul/dez. 2016. (p. 4-18). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320687095>. Acesso em: 2 fev. 2021.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. O futuro nos une. **Estado oficializa o modo de fazer artesanato com a palha de butiá como patrimônio cultural imaterial do RS.** 17/08/2023. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/estado-oficializa-o-modo-de-fazer-artesanato-com-a-palha-de-butia-como-patrimonio-cultural-imaterial-do-rs>. Acesso em: 01 out. 2023.

HALBWACHS, M.. **A memória coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2003.

HARTLEY, J.. **Creative Industries.** London: Blackwell, 2005.

IEPSEN, L.. **A importância do butiá em Santa Vitória do Palmar:** da história à realidade atual. Bacharelado em Desenvolvimento Rural. UFPel, 2017.

IEPSEN, L.; BUBANZ-SILVA, T. R.; COELHO-DE-SOUZA, G.. Os sistemas agrários e a territorialidade de *Butia odorata* em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul. In: **En búsqueda de una organización productiva para los artesanos del butiá de Santa Vitória do Palmar (RS), Brasil.** 2019.

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. **Biodiversidade.** Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, planície costeira do Rio Grande do Sul / Ministério do Meio Ambiente. – Brasília: MMA / SBF, 2006. 388 p.: il. color.; 42 cm + 1 CD-ROM ¾. (Série Biodiversidade, 25). Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/publicacoes/biodiversidade/category/142-serie-biodiversidade.html?start=20>. Acesso em: 02 out. 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Paisagem Cultural.** Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto_paisagem_cultural.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Patrimônio mundial:** fundamentos para seu reconhecimento - a convenção sobre proteção do patrimônio mundial, cultural e natural de 1972, para saber o essencial. Brasília, DF: Iphan, 2008. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Cartilha_do_patrimonio_mundial.pdf. Acesso em: 4 set. 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Reflexões sobre a chancela da Paisagem Cultural Brasileira.** Brasília: IPHAN, 2011. Disponível em: https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/19930_20110518_093241.pdf. Acesso em: 5 set. 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Relatório Técnico.** Disponível em: portal.iphan.gov.br. Acesso em: 5 set. 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Cartas Patrimoniais.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>. Acesso em: 16 mai. 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Consulta Pública.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1956>. Acesso em: 5 ago. 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Portaria nº 375,** de 19 de setembro de 2018. Disponível em: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-375-de-19-de-setembro-de-2018-41601031>. Acesso em: 5 ago. 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009. **Diário Oficial da União.** Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_127_de_30_de_Abril_de_2009.

pdf. Acesso em: 16 ago. 2023.

JOACHIMSTHALER, J.. A literarização da região e a regionalização da literatura. **Antares** (Letras e Humanidades), n. 2, jul./dez. 2009, p. 27-60.

KOGLER, G.; BONFANTE, S.; MIRANDA, M. L.; OLIVEIRA, L. M.. **Alunas da EJA da Escola Otávio Bos, com objetos artesanais confeccionados a partir de subprodutos do butiá**, 2016.

KROB, A. J. D.; BOHRER, P. V.. **Proposta técnica de registro do Modo de Fazer Artesanato com Palha de Butiá na Região de Torres, RS, como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Instituto Curicaca, 2010. Disponível em: http://pwwweb2.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/curicaca/usu_doc/proposta_de_registro_2_mar_2016.pdf. Acesso em: 10 dez. 2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1994.

LEITE, E.; CAPONERO, M. C.; PEREZ, S.. **Patrimônio cultural imaterial da América latina: as festas populares**. Extraprensa, Edição Especial, 2010, Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/download>. Acesso em: 5 ago. 2019.

LEIS ESTADUAIS. Legislação Estadual do Rio Grande do Sul. **Lei Ordinária nº 15.673**, de 27 de julho de 2021. Disponível em: <https://leiestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-15673-2021-rio-grande-do-sul-institui-no-ambito-do-estado-do-rio-grande-do-sul-a-rota-dos-butiazais-e-da-outras-providencia>. Acesso em: 27 set. 2023.

LOPES NETO, S.. **Contos Gauchescos**. 9. ed. Porto Alegre: Globo, 1976. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/index.php>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MAI, L. V. K.; MACHT, N. M. de M.; BÖLTER, S. G.. “Girúá, Terra do Butiá”: Narrativas Acerca da Identidade Territorial e Cultural. **Desenvolvimento Regional: Processos, Políticas e Transformações Territoriais** Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 11 a 13 de setembro de 2019. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/download/19279/1192612754>. Acesso em: 13 out. 2023.

MAICÁ, C.. **Coleção Giruaense de Artesanato Giruá - RS**. Disponível em: <http://artesanatogirua.blogspot.com/2011/07/artesanato-giruaense-da-terra-dos.html>. Acesso em: 3 mai. 2016.

MARCHI, M. M.; BARBIERI, R. L.; STUMPF, E. R. T.; MUJICA, J. S.; HEIDEN, G.; MARCHI, M.; SOSINSKI, Ê.; BARBIERI, R. L.; COSTA, F.. Resgate e replantio de mudas de Butia odorata no Rio Grande do Sul/ Brasi. In: Coelho-de-Souza, Gabriela; Barbieri, Rosa Lia (coordenação geral). Encontro Internacional de la Red Palmar (4.: 2019: Rocha, Uruguay). **Anais [recurso eletrônico]** – Porto Alegre: UFRGS/PGDR, 2019.

MARCHI, M. M.. Rota dos Butiazais. **WhatsApp**: 8 set. 2020. mensagens de WhatsApp.

MARCHI, M.; BARBIERI, R. L.; SOSINSKI Ê.. Recursos genéticos e a conservação *in situ* de ecossistemas de butiazais no Sul do Brasil. **Revista RG News**. Sociedade Brasileira de Recursos Genéticos, v. 5, n. 1, p. 1-4. 2019a.

MARCHI, M.; SOSINSKI, Ê.; BARBIERI, R. L.; COSTA, F.. Resgate e replantio de mudas de *Butia odorata* no Rio Grande do Sul/ Brasil. In: **En búsqueda de una organización productiva para los artesanos del butiá de Santa Vitória do Palmar (RS), Brasil**, 2019.

MARCHI, M. M. et al.. Flora do butiazal. In: TOZETTI, A. M.; FARINA, R. K.; RAGUSE-QUADROS, M.. (Orgs.) **Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

MARQUES, A. C.. **As paisagens do mate e a conservação socioambiental: um estudo junto aos agricultores familiares do planalto norte catarinense**. Tese de doutorado, Programa de Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/35824/R%20-%20T%20-%20ANESIO%20DA%20CUNHA%20MARQUES.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 ago. 2023.

MENEZES, H.. O que é sociobiodiversidade? **Blog SOS Amazônia**. 2021. Disponível em: <https://sosamazonia.org.br/tpost/lb65m0vse1-o-que-sociobiodiversidade>. Acesso em 18 ago. 2023.

MINAYO, C. S. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 34. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MISTURA, C. C. **Caracterização de recursos genéticos de *Butia odorata* no Bioma Pampa**. 80 f. Tese (Doutorado em Agronomia) Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2013.

MISTURA, C. C.. **Cores e formas no Bioma Pampa: gramíneas ornamentais nativas**. v. 1, Santa Maria: Pallotti, 2015.

MISTURA, C. C.; BARBIERI, R. L.; CASTRO, C. M.; PADULOSI, S.; ALERCIA, A.. **Descriptors for on-farm conservation and use of *Butia odorata* natural populations**. *Plant Genetic Resources- Characterization and Utilization*, v. 01, 2015. (p. 1-6).

MONGABAY. **Notícias ambientais para informar e transformar**. Um plano para salvar os últimos palmeirais do Brasil meridional. 2022. Disponível em: <https://brasil.mongabay.com/2022/05/um-plano-para-salvar-os-ultimos-palmeirais-do-brasil-meridional/>. Acesso em: 13 out. 2023.

MOTTA, M. N.; PRINTES, R. B.. Rota dos Butiazais: Trajetória e ações a partir do Seminário Municipal de Turismo em Tapes/RS/Brasil. In: **En búsqueda de una organización productiva para los artesanos del butiá de Santa Vitória do Palmar (RS), Brasil**. 2019.

NORA, P.. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**. São Paulo. (10). Dez. 1993.

NORONHA, A. P.. Rota dos Butiazais. **WhatsApp**: [Grupo Rota dos Butiazais]. 8 set. 2020. 15:30. 1 mensagem de WhatsApp.

NORONHA, A. P.; BARBIERI, R. L.; SOSINSKI, E.. Festa do butiá: valorização e conservação de butiá yatay no Rio Grande do sul, Brasil. In: **10º SIRGEALC**, Bento Gonçalves, 2015. Disponível em: www.10sirgealc.com.br/anaisirgealc.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

PACHECO, F. T.; MUNHOZ, E. S.; PRINTES, R. B.. Butiá Turismo Rural: relato de dois anos de vivências e resultados. In: **En búsqueda de una organización productiva para los artesanos del butiá de Santa Vitória do Palmar (RS), Brasil**. 2019.

PANFLETO BIODIVERSIDADE. Parque Nacional El Palmar. **Guia de Biodiversidade**, 2016.

PANFLETO PARQUE NACIONAL EL PALMAR, **Guía de Flora**. El Palmar, 2015.

PARQUE NACIONAL EL PALMAR. **Guía de Flora**. El Palmar, 2011.

PEDROSA, A. S.. A rota cultural na senda da paisagem, da cultura, do patrimônio, das tradições, das lendas: o exemplo do Alto Barroso (Norte de Portugal). In: **Geografia Ensino & Pesquisa**. (p. 191-208). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/9205>. Acesso em: 2 fev. 2021.

PELEGRINI, S. C. A.. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. In: **Rev. Bras. Hist.** [online]., vol. 26, n. 5. 2006. (p.115-140). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 4 ago. 2019

POLLAK, M.. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 10 n. 5, 1992. (p. 200-212).

POLETTE, M.. Paisagem: uma reflexão sobre um amplo conceito. **Turismo – visão e ação**. Ano 2, n. 3, p. 83-94, abr. – set. 1999.

PORTELINHA, M. K.; BARBIERI, R. L.; GODINHO, P. S.; ALMEIDA, C.. Butiá como agregador na renda familiar. In: **En búsqueda de una organización productiva para los artesanos del butiá de Santa Vitória do Palmar (RS), Brasil**. 2019.

PORTELINHA, M. K. et al. Sustentabilidade na rota dos butiazais: as representações sociais a partir do olhar de integrantes chave. Desenvolvimento sustentável: Desdobramentos ambientais, sociais e econômicos sobre a exploração do meio ambiente. **Vittalle**, v. 32, n. 1, 2020, p. 135-145. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/vittalle/article/download/11257/7583/35612>.

Acesso em: 13 out. 2023.

PORTELINHA, M. K.; BARBIERI, R. L.; SOARES, M. C.. Representações sociais de integrantes chave da Rota dos Butiazais a respeito da saúde. **Saúde e Meio Ambiente: Revista Interdisciplinar**, v. 12, p. 93–106, 2023. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/sma/article/view/3545>
Acesso em: 13 out. 2023.

PORTELLI, A.. **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios**: ética, memória e acontecimentos na história oral. Lisboa: Edições Unipop, 2013.

PORTO DE IMBITUBA. Projeto Costa Butiá. Disponível em: <https://portodeimbituba.com.br/projeto-costa-butia/>. Acesso em: 13 out. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GIRUÁ. **Girúá integrará a Rota dos Butiazais que foi tema de reunião na 38ª Expointer**. Disponível em: <https://www.girua.rs.gov.br/site/noticias/gov-municipal/9816-girua-integrara-a-rotas-dos-butiazais-que-foi-tema-de-reuniao-na-38-expoint>. Acesso em: 04 set. 2015.

PUSTAI, D. L.. **Paragem das Figueiras**: um ponto de parada na rota dos butiazais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Trabalho de conclusão de curso. Orientador João Farias Rovati. 2017.

QUADROS, E. M.; MELLO, J. R. O.; SANTOS, M. J. B. dos. **A memória, o instituto da percepção e da intuição em Bergson**: dispositivos para a compreensão da complexidade existente na relação entre o homem e o meio ambiente, Campina Grande, PB, 20 a 22 de novembro de 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/64975>. Acesso em: 2 fev. 2021.

RAGUSE-QUADROS, M. et al.. Visitantes florais de Butiaodorata na Fazenda São Migue. In: TOZETTI Alexandro Marques; FARINA, Renata Krentz; RAGUSE-QUADROS, Mateus (Orgs.) **Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

RIBEIRO, A. C.. Escrita, Memória e Paisagem. **Revista Escrita**. Número 23, ano 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30955/30955.PDF>. Acesso em: 31 ago. 2023.

RIBEIRO, R. W.. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/SerPesDoc1_PaisagemCultural_m.pdf. Acesso em: 8 ago. 2019.

RIVAS, M.; BARBIERI, R. L.. **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do butiá**. Brasília: Embrapa, 2014.

RODRIGUEZ, J. M. **Apuntes de geografia de los paisajes**. Ciudad de la Habana: Universidad de La Habana. Facultad de Geografía, 1984.

ROTA DOS BUTIAZAIS. **Materiais**. Reportagens e documentários sobre o trabalho da Rota e a importância da preservação dos butiazais. Disponível em:

<https://rotadosbutiazais.com.br/index.php/materias/>. Acesso em: 27 set. 2023.

ROTA DOS BUTIAZAIS. Alimento, água e energia em conexão com a história e a cultura. **Anais do II Encontro Internacional da Rota dos Butiazais: alimento, água e energia em conexão com a história e a cultura** 21 a 22 de agosto de 2018 - Embrapa Clima Temperado, Pelotas, RS.

ROTA DOS BUTIAZAIS. **Oficina de Educação Ambiental: os butiás e o Bioma Pampa**. 2023. Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=719306266864110&set=a.508754121252660&locale=pt_BR. Acesso em: 12 out. 2023.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Garnier, 2021.

SALGADO, E. T.; MIZUSAKI, A. M. P.; COE, H. H. G.. O passado no butiazal de Tapes: o paleoambiente e o paleoclima que contribuíram para a formação desse ecossistema. In: TOZETTI, A. M.; FARINA, R. K.; RAGUSE-QUADROS, M. (Orgs.). **Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

SANTANA, A. V. de; FARIN, R. K.; RAGUSE-QUADROS, M.. Mamíferos do Butiazal. In: TOZETTI, A. M.; FARINA, R. K.; RAGUSE-QUADROS, M.. (Orgs.). **Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. de. **Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância**. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5740/574069212009/html/>. Acesso em: 12 out. 2023.

SALOMÃO, W.. **Poesia Total**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SANHUDO, D. G. F.. **A atividade turística em ambientes costeiros do município de Tapes: uma revisão da literatura sobre os desafios na perspectiva do desenvolvimento sustentável**. Tapes, 2022.

SANTA VITÓRIA DO PALMAR. **Departamento de Imprensa da prefeitura Municipal de Santa Vitória do Palmar**. Disponível em: <https://santavitoriadopalmar.rs.gov.br/municipio/cidade/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

SANTANA, A.. **Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações**. Tradução de Elenora Frenkel Barretto. São Paulo: Aleph, 2009.

SANTOS, M. **Técnica espaço tempo – globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M.. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, J.; COELHO-DE-SOUZA, G.. Quilombo Chácara da Cruz: a história da família Kinho e os Butiazais de Tapes. In: **En búsqueda de una organización**

productiva para los artesanos del butiá de Santa Vitória do Palmar (RS), Brasil. 2019.

SANTOS, F. B. dos; GUSMÃO, L. C. de; REIS, É. V. B.. Memória e cultura: a lembrança em Paul Ricoeur na busca por uma proteção da paisagem. **COGNITIO-ESTUDOS**: Revista Eletrônica de Filosofia, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 15, nº. 1, 2018, p. 96-107

SCHAMA, S.. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1995.

SCHAMA, S.. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia Dasulo: Companhia dasas, 1996.

SCIFONI, S.. Paisagem cultural. In: GRIECO, B.; TEIXEIRA, L.; THOMPSON, A.. **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/82/paisagem-cultural>. Acesso em: 12 set. 2020.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E INFRAESTRUTURA. Projeto RS Biodiversidade. **Site rs.gov.br**. 2023. Disponível em: <https://sema.rs.gov.br/projeto-rs-biodiversidade>. Acesso em: 02 out. 2023.

SEEMANN, J.. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, v. 4/5, p. 43-53, 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/28248826> O Espaço da Memória e a Memória do Espaço Algumas Reflexões Sobre a Visão Espacial nas Pesquisas Sociais e Históricas. Acesso em: 31 ago. 2023.

SILVA, J. D. et al.. A importância dos Butiazais para a reprodução dos anfíbios. In: TOZETTI, A. M.; FARINA, R. K.; RAGUSE-QUADROS, M.. (Orgs.). **Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

SILVA, T. S.; MELLO, J. R. O.; SANTOS, M. J. B.; QUADROS, E. M. A memória, o instituto da percepção e da intuição em Bergson: dispositivos para a compreensão da complexidade existente na relação entre o homem e o meio ambiente. **Conimas – I Congresso Internacional de Meio Ambiente e Sociedade e III Congresso Internacional da Diversidade do Seminário**. 2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/ebooks/conimas/2019/ebook2/PROPOSTA_EV133_MD1_ID925_05092019084422.pdf. Acesso em: 01 set. 2023.

SILVA, G. F.; PENNA, R.; CARNEIRO, L. C.. **RS índio cartografias sobre a produção do conhecimento**. Editora: PUCRS, 2009.
SOSINSKI, Ê. E.. In: DUTRA, J. P. et al. **Butiá para todos os gostos**. Brasília, DF. Embrapa, 2021.

SOSINSKI, Ê. E. et al.. A pecuária como uma estratégia de conservação in situ dos recursos genéticos nos ecossistemas de butiazais no Bioma Pampa. In: TOZETTI

Alexandro Marques; FARINA, Renata Krentz; RAGUSE-QUADROS, Mateus (Orgs.) **Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

SOUZA, L. K. de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 71 (2): 51-67, 2019.

SOUZA, G. C.; MALDONADO, G.; JARENKOW, J. A.; OLIVEIRA, J. M. Manejo pecuário e densidade de palmeiras afetam a estrutura de comunidade de plantas em butiazais no sul do Brasil? In: **En búsqueda de una organización productiva para los artesanos del butiá de Santa Vitória do Palmar (RS), Brasil**. 2019.

SOUZA, M. S. de. **Festa de São Cristóvão, “o Santo Transportador”**: sociabilidades, memórias, construção de identidade e enraizamento no bairro Igara, Canoas, RS, 2021. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais, Universidade La Salle.

STELLO, V. F. **Além das reduções**: a paisagem cultural da região missioneira. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/97863/000921786.pdf?sequenc>. Acesso em: 14 out. 2023.

SUERTEGARAY, D.M.A.; PIRES DA SILVA, L. A. Tchê Pampa: histórias da natureza gaúcha. In: PILLAR, V. D. et al. (eds.) **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA, 2009. (p. 42-59).

TIBERGHIEEN, G.. Dossiê: Trajetória e interesses: entrevista com Gilles A. Tiberghien. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, ano 2, julho de 2012.

TONIETTO, A.; SCHLINDWEIN, G.; TONIETTO, S. M. **Usos e Potencialidades do Butiazeiro**. Porto Alegre: Fepagro, 2009. 28p. Circular Técnica, n. 26. Disponível em: <https://www.agricultura.rs.gov.br/upload/arquivos/202105/11145657-circular-26.pdf>. Acesso em: 05 out. 2023.

TOZETTI, A. M.; FARINA, R. K.; RAGUSE-QUADROS, M.. (Orgs.) **Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/361616343_Patrimonio_natural_dos_Butiazais_da_Fazenda_Sao_Miguel/link/62bc8de4f9dee438e8cbcaa5/download. Acesso em: 13 out. 2023.

URRUTH, L.; MARQUES L. C.. A riqueza socioambiental e cultural do Pampa. In: TOZETTI, A. M.; FARINA, R. K.; RAGUSE-QUADROS, M.. (Orgs.) **Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

VASCONCELOS, F. C. F. de; DORIGON, C. B.; MALTEZ, M. A.; WIVES, D. G.. In: **VIII Seminário internacional sobre desenvolvimento regional territórios, redes e**

desenvolvimento regional: perspectivas e desafios. Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, 13 - 15 set. 2017.

VERDI, L.. Ministério Do Meio Ambiente. **MMA e Embrapa lançam Rota dos Butiazais.** 2015. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/informma/item/13105-noticia-acom-2015-11-1295.html><https://www.sema.rs.gov.br/upload/arquivos/202208/26141426-projeto-rota-dos-butiazais-embrapa.pdf>. Acesso em: 03 out. 2023.

WINGEN, N. M. de A. et al.. Girinos como modelos de estudo para a qualidade do habitat nos butiazais. In: TOZETTI, A. M.; FARINA, R. K.; RAGUSE-QUADROS, M.. (Orgs.). **Patrimônio natural dos Butiazais da Fazenda São Miguel** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

ZILBERMAN, R.. **A literatura no Rio Grande do Sul.** 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Sr(a) _____ foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada:

Rota dos Butiazais: Relacionando Memória e Paisagem, que tem como objetivo: compreender, a partir de trabalho de memória, a criação, organização e manutenção da Rota dos Butiazais. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista.

Sr(a) _____ não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionados à sua participação. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico sobre o tema pesquisado.

Sr(a) _____ receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre o trabalho e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos.

Pesquisador responsável: Adriana Aparecida Felini (adriana.felini@holl.com.br)

Orientadora: Cleusa Maria Gomes Graebin(cleusa.graebin@unilasalle.edu.br)

_____ de _____ de 20____.

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: _____
(assinatura)

Pesquisadora: _____
(assinatura)

Orientadora da Pesquisa: _____
(assinatura)

APÊNDICE B – Inventário de Butiazais

Proposta de Ficha Técnica de Inventário de Butiazais

Palavras-chave: Butiazais; Inventário Participativo; Paisagem; Patrimônio Cultural e Natural.

Campo 1

Informações gerais sobre a Região, Estado da Federação, Microrregião. **Campo**

Campo 2

Informações gerais sobre o Município.

Campo 3

Informações gerais sobre o Distrito/Povoado (se for o caso).

Campo 4

Histórico: informações históricas do Município/Distrito. Registro de dados históricos sobre o município/distrito/povoado quanto à sua origem, forma de ocupação, trajetória política, administrativa, econômica. Informar sobre aspectos sociais, com referência à presença de povos originários, imigrantes, migrações, movimentos sociais/religiosos, entre outros.

Campo 5

Aspectos naturais: registro de informações ambientais sobre a Microrregião/Município/Distrito e os elementos da paisagem natural (matas, rios, arroios, reservas biológicas, outros).

Campo 6

Manifestações culturais: registro de manifestações culturais, com datas/períodos de ocorrência, locais, particularidades, entre outros que tenham referência com o sítio paisagístico objeto do inventário.

Campo 7

Designação: registro da denominação do sítio.

Campo 8

Informações gerais sobre o sítio paisagístico: registrar informações sobre denominação/localização e coordenadas geográficas; superfície do sítio; delimitação do sítio; mapa do sítio; carta topográfica; imagens fotográficas, entre outros.

Campo 9

Subcategoria: informações sobre a categoria do sítio: agenciado, não agenciado pelo homem; paisagem contemplativa, paisagem integrada em área rural ou urbana.

Campo 10

Acesso: informações referentes à forma de acesso ao sítio (pontos de referência, estradas, condições de acesso).

Campo 11

Responsável: registrar dados sobre o responsável pelo sítio.

Campo 12

Propriedade/situação da propriedade: registro sobre a propriedade do sítio.
<p>Campo 13</p> <p>Análise do entorno: registro de dados que informem sobre o sítio no contexto natural e cultural, os espaços adjacentes, proximidade com marcos referenciais do município, e sobre aspectos geomorfológicos, solo, vegetação, entre outros.</p> <p>Campo 14</p> <p>Justificativa: registro de dados com base em elementos de paisagem associativa, representada pela intervenção humana.</p>
<p>Campo 15</p> <p>Proteção legal: registro de informações sobre o tipo de regulação, instância (Federal, Estadual, Municipal); situação da regulação (existente, proposta); tipo de proteção.</p>
<p>Campo 16</p> <p>Grau de integridade/autenticidade: avaliação do grau de integridade/autenticidade do sítio no momento do inventário.</p> <p>Campo 17</p> <p>Análise da integridade: resultado da análise do grau de integridade, indicação de risco potenciais e de fatores de degradação.</p> <p>Campo 18</p> <p>Intervenções/atividades desenvolvidas: informações referentes às intervenções realizadas no sítio até o momento do inventário; medidas de conservação; usos do sítio e seus entornos; medidas mitigadoras visando à conservação da integridade do sítio.</p>
<p>Campo 19</p> <p>Uso: informações sobre a ocorrência de visitas públicas com restrições ou sem restrições; e de atividades privadas, turismo, agropecuária, agricultura, área não utilizada.</p> <p>Campo 20</p> <p>Declaração de valor universal: registro de fontes documentais históricas que comprovem o valor universal/regional/local do Butiazal.</p> <p>Campo 21</p> <p>Critérios adotados (de acordo com a Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial pela UNESCO até 2005). Ver critérios em: RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem Cultural e Patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007, p. 36-37.</p>
<p>Campo 22</p> <p>Pacto de gestão: registro de convênios/parcerias que envolvam poder público e sociedade civil/iniciativa privada. RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem Cultural e Patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007, p. 36-37.</p> <p>Campo 23</p> <p>Plano de gestão: a partir do Pacto de Gestão, proposição de plano de manejo para o bem cultural. O Plano envolveria: relatório de levantamento das espécies; conservação e promoção do sítio; políticas e programas relacionados ao sítio; projetos educativos; programa de aceleração do crescimento; nível de proteção; gestão; treinamento e capacitação; infraestrutura turística.</p> <p>Campo 24</p> <p>Referências bibliográficas: registro das fontes bibliográficas pesquisadas.</p> <p>Campo 25</p>

Referências documentais: registro das fontes documentais: registros escritos, imagéticos.

Fontes orais: entrevistas. Outros documentos.

Campo 26

Informações complementares: informações não especificadas na Ficha de inventário.

Campo 27

Documentação fotográfica: informações sobre fotografias produzidas durante o inventário para fins de arquivamento.

Fotógrafo:

Tipo de imagem:

Data:

Local:

Campo 28

Documentação oral: entrevistas com proprietários dos Butiazais, trabalhadores, produzidas durante o Inventário para fins de arquivamento.

Entrevistador(a):

Tipo de entrevista:

Local:

Data:

Campo 29

Equipe envolvida no Inventário:

Levantamento:

Data:

Revisão:

Data:

ANEXO A – Lei nº 15.673, de 27 de julho de 2021

LEI Nº 15.673, DE 27 DE JULHO DE 2021.

Institui, no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul, a Rota dos Butiazais e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembleia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º Fica instituída a Rota dos Butiazais no Estado do Rio Grande do Sul, como um roteiro turístico, histórico, cultural, artesanal, gastronômico e ambiental.

§ 1º A Rota dos Butiazais, no Estado do Rio Grande do Sul, será composta pelos Municípios de Alegrete, Arambaré, Arroio Grande, Barão do Triunfo, Barra do Ribeiro, Butiá, Camaquã, Candiota, Canguçu, Caxias do Sul, Charqueadas, Encruzilhada do Sul, Erechim, Giruá, Hulha Negra, Morro Redondo, Mostardas, Osório, Palmares do Sul, Passo Fundo, Porto Alegre, Quaraí, Santa Vitoria do Palmar, Pelotas, Pinhal da Serra, Piratini, Rio Grande, Santa Maria, Santana do Livramento, Tapes, Torres, Vacaria e Viamão.

§ 2º Os municípios criados a partir do desmembramento ou fusão dos relacionados no §

1º deste artigo integrarão automaticamente a Rota dos Butiazais.

Art. 2º A Rota dos Butiazais tem como base os seguintes objetivos: I - desenvolver, de forma sustentável, o turismo regional;

II - fortalecer, ampliar e desenvolver a produção local nas áreas de turismo, história, cultura, artesanato e gastronomia;

III - implantar mecanismos de educação ambiental e incentivo aos empreendimentos turísticos e econômicos;

IV - incentivar a organização produtiva das comunidades locais relacionadas ao turismo, ao artesanato, à gastronomia e à geração de novas fontes de emprego e renda.

Art. 3º São instrumentos da presente Lei, entre outros:

I - os eventos turísticos constantes no Calendário Oficial de Eventos do Estado e/ou nos

Calendários Oficiais de Eventos dos Municípios relacionados no art. 1º desta Lei;

II - o Conselho Estadual de Turismo;

III - os conselhos municipais de turismo;

IV - a Secretaria Estadual de Turismo;

V - as secretarias municipais de turismo;

VI - as associações de municípios, legal e regularmente organizadas, que integrem os Municípios descritos no § 1º do art. 1º;

VII - as instituições de ensino, entidades representativas de artesãos, de culinárias, de guias de turismo e as associativas da sociedade civil que visem ao fomento do turismo e da cultura das regiões referidas neste artigo;

VIII - as instituições de ensino superior das regiões referidas neste artigo;

IX - os Fóruns Regionais de Turismo;

X - os Conselhos Regionais de Desenvolvimento;

XI - os Planos Regionais de Turismo.

X - os Conselhos Regionais de Desenvolvimento;

XI - os Planos Regionais de Turismo.

Art. 4º São considerados atrativos turísticos, para efeitos da presente Lei, todos os locais e eventos de interesse turístico, cultural, histórico, natural, artesanal, gastronômico, religioso e de entretenimento no território abrangido pelos Municípios dispostos no § 1º do art.

1º desta Lei, bem como:

I - lagoas, rios, lagos, cascatas, morros, matas e florestas, sobretudo as áreas com a efetiva presença de butiazeiros;

II - reservas e parques ambientais;

III - obras e monumentos inclusos no Patrimônio Histórico e Cultural de âmbito nacional, estadual ou municipal;

IV - empreendimentos de cunho turístico, cultural, religioso, gastronômico, artesanal e ambiental.

Art. 5º Fica o Poder Público autorizado a firmar parcerias com universidades, empresas públicas de pesquisa, entidades e empresas da iniciativa privada, de modo a apoiar atividades da Rota das Butiazais, na forma desta Lei.

Art. 6º O Poder Executivo poderá regulamentar a presente Lei.

Art. 7º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 27 de julho de 2021.

FIM DO DOCUMENTO

ANEXO B – Día Nacional Del Butiá



REPUBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY
CÁMARA DE SENADORES
SECRETARÍA

Carpeta N° 983 de 2023

Repertorio N° 685
Junio de 2023

DÍA NACIONAL DEL BUTIÁ

Se declara el 13 de marzo de cada año

- Proyecto de ley aprobado por la Cámara de Representantes
- Proyecto de ley presentado por los señores Representantes Nacionales Milton Corbo y Gabriel Tinaglini
- Informe de la Comisión de Ganadería, Agricultura y Pesca de la Cámara de Representantes

XLIXa Legislatura

1



CÁMARA DE SENADORES	
Recibido a la hora	16:00
Fecha	09/06/2023
Carneta N°	985/2023
nr	

C/3374/2023

N° 520

*La Cámara de
Representantes de la República
Oriental del Uruguay, en sesión de
hoy, ha sancionado el siguiente
Proyecto de Ley*

Artículo 1°.- Declárase Día Nacional del Butiá el 13 de marzo, el que será conmemorado anualmente en la República Oriental del Uruguay.

Artículo 2°.- Declárase de interés general la promoción y apoyo de actividades de arte, la realización de fiestas vinculadas al butiá (butiá odorata) y, especialmente, el desarrollo de productos derivados del butiá.

Artículo 3°.- Declárase de interés general el reconocimiento de los valores paisajísticos, de biodiversidad e histórico-culturales de los palmares de butiá.

Artículo 4°.- Declárase el palmar como patrimonio biocultural, a fin de promover la conservación de la biodiversidad y recursos genéticos de los territorios del palmar.

Artículo 5°.- Declárase de interés nacional la conservación y uso sustentable del palmar de butiá.

Artículo 6°.- Créase un plan de articulación de políticas públicas nacionales y departamentales para la conservación de este paisaje único en la región, en particular para su regeneración en el marco del uso sustentable.

Sala de Sesiones de la Cámara de Representantes, en Montevideo, a 7 de junio de 2023.


FERNANDO RIPOLL FALCONE
Secretario


SEBASTIÁN ANDÚJAR
Presidente

PROYECTO DE LEY

Artículo 1º.- Declárese como Día Nacional del Butía el 13 de marzo para ser conmemorado anualmente en la República Oriental del Uruguay.

Artículo 2º.- Declárese de interés general la promoción y apoyo de actividades de arte, la realización de fiestas vinculadas al butía y especialmente el desarrollo de productos derivados del butía.

Artículo 3º.- Declárese de interés general el reconocimiento de los valores paisajísticos, de biodiversidad e histórico-culturales de los palmares de butía.

Artículo 4º.- Declárese el palmar como patrimonio biocultural, apostando a la conservación de la biodiversidad y recursos genéticos de los territorios del palmar.

Artículo 5º.- Declárese de interés nacional la conservación y uso sustentable del palmar de butía (butía odorata).

Artículo 6º.- Créase un plan de articulación de políticas públicas nacionales y departamentales para la conservación de este paisaje único en la región, en particular para su regeneración en el marco del uso sustentable.

Montevideo, 8 de marzo de 2023

MILTON CORBO
REPRESENTANTE POR ROCHA
GABRIEL TINAGLINI
REPRESENTANTE POR ROCHA

COMISIÓN DE GANADERÍA,
AGRICULTURA Y PESCA

INFORME

Señores Representantes:

La Comisión de Ganadería, Agricultura y Pesca aconseja al Cuerpo votar afirmativamente el proyecto de ley caratulado "DÍA NACIONAL DEL BUTIÁ. Se declara el 13 de marzo de cada año".

Los palmares han dado lugar a una serie de manifestaciones históricas culturales que hacen a la identidad de la región y sus pobladores. En Uruguay se distribuyen mayoritariamente en las llanuras medias del departamento de Rocha en dos grandes concentraciones: los palmares de Castillos al oeste de la Laguna Negra y los palmares de San Luis al norte de Rocha.

La identidad cultural de los pobladores de los palmares se expresa a través de la iconografía, el arte, la realización de fiestas vinculadas al butiá y especialmente en el desarrollo de productos derivados del mismo como licores, café de coco, mermeladas, dulces, jugos, panificados, mousse, salsas agrídulces y helados. Las hojas de la palma del butiá se utilizan para quinchados y es cada vez más común su uso ornamental.

Dada la heterogeneidad de situaciones en que se desarrollan los palmares, estos representan comunidades muy valiosas en cuanto a su biodiversidad, dando sustento a un número muy extenso de cadenas tróficas y flujos de energía característicos. El palmar alberga también una diversidad muy importante de helechos, briofita, hongos, algas, líquenes y un conjunto de fauna asociada con este ecosistema. La zona del bioma pampa tan característico, marca en los rochenses el olor, color y sabor del butiá.

Los campos naturales donde ocurren los palmares albergan una valiosa diversidad de especies herbáceas, principalmente gramíneas de reconocido valor forrajero, así como también otras de uso medicinal y ornamental.

El reconocimiento de los valores paisajísticos, de biodiversidad, e históricos culturales de los palmares de butiá plantea la necesidad de conservar este paisaje único en la región el cual se encuentra en una situación de extrema vulnerabilidad debido a su composición etárea centenaria y la ausencia de regeneración. Es nuestro deber prestar atención y fomentar las buenas prácticas para su manejo sostenible a fin de que las siguientes generaciones puedan disfrutarlas.

Se optó por la fecha 13 de marzo, dado que es el día que se reconoce también en Brasil y Argentina, por lo que se lograría en la región un día de especial atención en su cuidado y conservación, de concientización en la necesidad de asegurar la vida y regeneración de los palmares del butiá.

Sala de la Comisión, 9 de mayo de 2023

GONZALO ONETTO
MIEMBRO INFORMANTE
UBALDO AÍTA
LUIS ALFREDO FRATTI
NELSON LARZÁBAL NEVES
RAFAEL MENÉNDEZ CABRERA

ANEXO C – Documentário Amamos Butiá - Embrapa

Documentário Amamos Butiá - Embrapa

Documentário Amamos Butiá

Assistir no YouTube s Butiá Embrapa

Video-documentário que resgata a importância histórica e cultural do butiá no Rio Grande do Sul e ainda apresenta imagens inusitadas do fruto como fonte de alimentos para animais da região.

22°C Nublado Pesquisar POR PTB2 15:43 04/10/2023

Fonte: <https://www.portaldasmissoes.com.br/videos/view/id/778/documentario-amamos-butiá---embrapa.html>. Acesso em: 04 out. 2023.

ANEXO D – Folder Rota dos Butiazaís

ROTA DOS BUTIAZAIS
Red Palmar

Embrapa - INSTITUTO NACIONAL DE RECURSOS GENÉTICOS
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
BRASIL

rotadosbutiazaís
www.embrapa.br/clima-temperado
www.embrapa.br/ale-coneço

Conectando pessoas para a conservação e uso sustentável da biodiversidade
Conectando personas para la conservación y el uso sostenible de la biodiversidad

A Rota dos Butiazaís é um espaço de integração que une Brasil, Uruguai e Argentina, promovendo a conservação ambiental e o uso sustentável da biodiversidade associada aos butiazaís. É uma conexão de pessoas, locais e ideias num amplo território onde existe uma ligação cultural importante com o butiá.

La Rota dos Butiazaís é un espacio de integración que une Brasil, Uruguay y Argentina, promoviendo la conservación ambiental y el uso sostenible de la biodiversidad asociada a los palmares. Es una conexión de personas, lugares e ideas en un amplio territorio donde existe un vínculo cultural importante con el butiá.

La Red Palmar está en expansión y viene siendo construida de manera participativa, teniendo en cuenta aspectos sociales, culturales, ambientales y económicos. Es coordinada por la Embrapa Clima Temperado, con apoyo del Ministerio de Meio Ambiente de Brasil, y cuenta con la asociación de un gran número de instituciones de enseñanza e investigación, OIMs e iniciativas privadas, actuando donde existen remanentes de palmares o donde el butiá representa importante componente del escenario local.

A Rota dos Butiazaís está em expansão e vem sendo construída de maneira participativa, levando em consideração aspectos sociais, culturais, ambientais e econômicos. É coordenada pela Embrapa Clima Temperado, com apoio do Ministério do Meio Ambiente, e conta com a parceria de um grande número de instituições de ensino e pesquisa, ONGs e iniciativas privadas, atuando onde existem remanescentes de butiazaís ou onde o butiá representa importante componente do cenário local.

Butiazal em Tapas (RS, Brasil). Foto: Rosa Lia Barbieri

Butiazal em Indaiatuba (SP, Brasil). Foto: Érica Sauerb

Casa - Butiazal em Tapas (RS, Brasil). Foto: Egua Filler



Imagem: Fátima Amorim da Costa

Locais que fazem parte da Rota dos Butiazaís, onde têm sido realizadas atividades diversas, como seminários, palestras, oficinas de culinária e artesanato, exposições, exibição de vídeos e distribuição de material didático.

Lugares que fazem parte de la Red Butiazaís, donde se han realizado actividades diversas, como seminarios, conferencias, talleres de cocina y artesanía, exposiciones, exhibición de videos y distribución de material didáctico.



Butiazaís em Cerro Meritxos, em Riessa (Uruguai). Foto: Mariana Machado Marchi

Uruguai

Belos butiazaís centenários podem ser vistos ao circular pela Ruta 9 - Castillos/Rocha.

El Camino del Indio - um passeio através de serras, banhados e butiazaís, margeando a Laguna Negra pelas Rutas 14 e 16 - Castillos/Rocha.

Agronegócio que processam butiá (Caseras de India Muerta, Conservas del Este, El Brocal, entre outras) - Rocha.

Butiazaís conservados em propriedades privadas no Uruguai - Castillos, Rocha, San Luis, Rivera e Guichón.

Uruguai

Bellos palmares centenários se pueden ver al circular por la Ruta 9 - Castillos/Rocha.

El Camino del Indio - un paseo a través de serras, banhados y palmares, bordeando la Laguna Negra por las Rutas 14 e 16 - Castillos/Rocha.

Agronegocios que procesan butiá (Caseras de India Muerta - Conservas del Este - El Brocal - entre otras) - Rocha.

Palmares conservados en propiedades privadas en Uruguay - Castillos, Rocha, San Luis, Rivera y Guichón.

Argentina

Parque Nacional El Palmar - único parque no mundo dedicado exclusivamente à conservação de um ecossistema de butiazaís - são 8 mil hectares de Butia yatay - Ubajay/Entre Ríos.

Atrás del Palmar - un refugio de vida silvestre, com alojamento, gastronomia e atividades de educação ambiental em um vasto butiazaís preservado - Ubajay/Entre Ríos.



Argentina

Parque Nacional El Palmar - único parque en el mundo dedicado exclusivamente a la conservación de un ecosistema de palmar butiá - son 8 mil hectáreas de Butia yatay - Ubajay/Entre Ríos.

Atrás del Palmar - un refugio de vida silvestre, con alojamiento, gastronomía y actividades de educación ambiental en un vasto palmar preservado - Ubajay/Entre Ríos.

Butiazaís em Parque Nacional El Palmar (Ubajay, Entre Ríos, Argentina). Foto: Charlie Adamson



Butiazaís em Girú (RS, Brasil). Foto: Eric Senaldi

Brasil

Festa do Butiá - encontro em que é possível apreciar artesanato diverso e vasta culinária criados a partir do butiá - Girú/RS.

Butiazaís conservados em propriedades privadas no Brasil - áreas ainda preservadas por iniciativas locais. Visitação sujeita à permissão dos proprietários/moradores - Barra do Ribeiro, Encruzilhada do Sul, Girú, Pinhal da Serra, Quaraí, Santa Vitória do Palmar, Tapas e Torres, no Rio Grande do Sul; Imbituba, Laguna e Garopaba, em Santa Catarina.

Produção de artesanato e presença de butiazeiros em beira de estrada - Barra do Ribeiro, Girú, Santa Vitória do Palmar e Torres, no Rio Grande do Sul; Garopaba, Imbituba e Laguna, em Santa Catarina.

Agronegócio que processam butiá (Família Belle, Quinta Martins, Cadeia Solidária das Frutas Nativas, entre outras) - Girú, Pelotas, Pinhal da Serra, Torres e Vacaria, no Rio Grande do Sul; Garopaba, Laguna e Imbituba, em Santa Catarina.

Brasil

Fiesta del Butiá - encuentro en que se puede apreciar artesanato diverso y vasta culinaria criados a partir del butiá - Girú/RS.

Palmares conservados en propiedades privadas en Brasil - áreas aún preservadas por iniciativas locales. Visitación sujeta al permiso de los propietarios - Barra do Ribeiro, Encruzilhada do Sul, Girú, Pinhal da Serra, Quaraí, Santa Vitória do Palmar, Tapas e Torres, no Rio Grande do Sul; Imbituba, Laguna e Garopaba, em Santa Catarina.

Producción de artesanato y presencia de palmareros en beira de estrada - Barra do Ribeiro, Girú, Santa Vitória do Palmar e Torres, no Rio Grande do Sul; Garopaba, Imbituba e Laguna, em Santa Catarina.

Agronegocios que procesan butiá (Família Belle, Quinta Martins, Cadeia Solidária das Frutas Nativas, entre outras) - Girú, Pelotas, Pinhal da Serra, Torres e Vacaria, no Rio Grande do Sul; Garopaba, Laguna e Imbituba, em Santa Catarina.



Cacho de butiá em Santa Vitória do Palmar (RS, Brasil). Foto: Paulo Lanzetta



Butiá em Canguçu (RS, Brasil). Foto: Natália Cristina Fernandes



Campo nativo no butiazal em Ijuí (RS, Brasil). Foto: César Scatena

Os butiás são plantas da família das palmeiras. São conhecidas 20 espécies nativas do Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai, as quais podem ser encontradas nos Biomas Pampa, Mata Atlântica e Cerrado.

Os butiazeiros produzem cachos de frutos adoçados e levemente ácidos, que se tornam amarelos, alaranjados ou avermelhados quando maduros. No interior do fruto existe um coquinho, dentro do qual ficam as sementes (ou amêndoas) oleaginosas, que também são comestíveis e muito saborosas.

Las butiás son plantas de la familia de las palmeras. Son conocidas 20 especies nativas de Brasil, Uruguay, Argentina y Paraguay que pueden ser encontradas en los Biomas Pampa, Mata Atlántica y Cerrado.

Las butiás producen cachos de frutos dulces y levemente ácidos, que se vuelven amarillos, anaranjados o rojos cuando maduran. En el interior del fruto existe un coquito, dentro del cual quedan las semillas (o almendras) oleaginosas, que también son comestibles y muy sabrosas.

Áreas com grande número de butiazeiros são chamadas de butiazais ou palmeares, e abrigam importante biodiversidade.

Biodiversidade é o nome que se dá para a diversidade de plantas, animais e microrganismos e a relação que existe entre eles nos ecossistemas.

Áreas con gran número de butiás son llamadas de butiazais o palmeares y abrigan importante biodiversidad.

Biodiversidad es el nombre que se da a la diversidad de plantas, animales y microorganismos y la relación que existe entre ellos en los ecosistemas.



Butiazal em Guará (RS, Brasil). Foto: Marenne Machado Marchi

Os butiazais estão desaparecendo da paisagem devido à ação do homem. Uma solução para que essas plantas não sejam extintas é o incentivo ao uso na alimentação, no artesanato e no paisagismo, de maneira sustentável.

De modo geral, a produção de butiá inicia entre seis e dez anos de vida da planta. Depois disso, os butiazeiros continuam produzindo ano após ano, por mais de 200 anos. Os butiás contêm alto teor de folíolos, mangarão e feno, são ricos em vitamina C e carotenóides. Cada planta pode produzir até 15 cachos por ano e cada cacho pode produzir até 20 kg de butiás.

Los palmeares están desapareciendo del paisaje debido a la acción del hombre. Una solución para que estas plantas no se extingan es incentivar su uso en la alimentación, en el artesanato y en el paisajismo, de manera sostenible.

En general, la producción de butiá comienza entre seis y diez años de vida de la planta. Después de eso, los palmeares siguen produciendo año tras año, por más de 200 años. Los butiás aportan alto contenido de folíolos, mangarón y feno, son ricos en vitamina C y carotenoides. Cada planta puede dar hasta 15 cachos al año y cada cacho puede llegar a brindar hasta 20 kg de butiás.

Entre os usos, destacam-se o consumo do fruto ao natural, a produção de sucos, licores, geleias, sorvetes, bolos e rechelo de bombons. As folhas são usadas em artesanato, na produção de cestos, bolsas, chapéus e outros objetos utilitários e decorativos. No passado, foram muito usadas na confecção de colchões e estofados. A planta também é muito usada em paisagismo, para ornamentar parques, jardins e quintais.

Comercialização de butiás na feira da rotação BR 392, em Ita Guará (RS, Brasil). Foto: Daniela Lopes Leite

Entre los usos, se destacan el consumo del fruto al natural, la producción de jugos, licores, jaleas, helados, tortas y rechelo de bombones. Las hojas se utilizan en artesanías, en la producción de cestos, bolsas, sombreros y otros objetos utilitarios y decorativos. En el pasado, fueron muy utilizadas en la confección de colchones y tapizados. La planta también es muy usada en paisajismo, para adornar parques, jardines y patios.

